

Ana Isabel Correia Mendes e Land

**HERÓIS, VILÕES, VÍTIMAS E EMOÇÕES NO DISCURSO JORNALÍSTICO
EM REACÇÃO AO TERRORISMO: DE NOVA IORQUE A MADRID E
LONDRES.
UMA ABORDAGEM COGNITIVA**

Dissertação de Mestrado Interdisciplinar em Estudos Portugueses

Orientadora: Professora Doutora Hanna Batoréo

Universidade Aberta

Lisboa

2007

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO / ABSTRACT / RESUME	5
ÍNDICE DE QUADROS, GRÁFICOS, FIGURAS E ANEXOS	8
1. INTRODUÇÃO	
1.1. Âmbito, objectivos e motivações do estudo	9
1.2. Terrorismo – factos	11
1.3. Hipóteses de trabalho	16
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO	
2.1. Emoção: definição, categorização e diferentes perspectivas	18
2.2. As emoções em Linguística Cognitiva	32
2.3. Constituição do <i>Corpus</i>	46
3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	
3.1. Os ataques terroristas e a metáfora conceptual d’ O CONTO DE FADAS DA GUERRA JUSTA	53
3.2. Expressão das emoções em reacção ao terrorismo – 2001	60
3.2.1. Medo	60
3.2.2. Raiva	67
3.2.3. Tristeza	72
3.2.4. Surpresa	83
3.2.5. Aversão	86
3.2.6. Alegria	89
3.3. Expressão das emoções em reacção ao terrorismo – 2002	93
3.3.1. Medo	93

3.3.2. Tristeza	96
3.3.3. Raiva	97
3.3.4. Surpresa	99
3.4. Expressão das emoções em reacção ao terrorismo – 2003	103
3.4.1. Medo	103
3.4.2. Surpresa	104
3.4.3. Raiva	105
3.5. Expressão das emoções em reacção ao terrorismo – 2004	106
3.5.1. Medo	107
3.5.2. Tristeza	109
3.6. Expressão das emoções em reacção ao terrorismo – 2005	109
3.6.1. Medo	115
3.6.2. Raiva	116
4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS	119
5. CONCLUSÕES	137
BIBLIOGRAFIA	142
ANEXOS	159

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar os meus sinceros agradecimentos à minha orientadora, Professora Doutora Hanna Batoréo, pela ajuda prestada ao longo da redacção da presente dissertação, integrada no Curso de Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares da Universidade Aberta. As críticas, comentários, sugestões e palavras de motivação da Professora Batoréo foram capazes de nos aproximar num objectivo comum, mais forte do que as correntes atlânticas que nos separam. Sem o seu apoio científico não conseguiria ter levado este projecto a bom porto.

Dedico um reconhecido agradecimento à minha colega de curso Maria José Domingues, que apesar da distância se revelou uma verdadeira amiga com quem partilhei ideias, preocupações e alegrias. Sem a sua “voz electrónica” ter-me-ia esquecido de que pertencia a uma turma e de que as minhas dificuldades não eram só minhas.

Ao *Portuguese Times* pelas rápidas respostas aos meus diversos pedidos de envio de publicações e por manter vivo nos EUA o jornalismo em língua portuguesa.

Agradeço também ao Professor Doutor Michael Israel por me ter aberto as portas da sua sala de aula na University of Maryland – College Park, e à Mestre Ana Abrantes pela prontidão com que respondeu ao meu pedido de envio de bibliografia.

Às minhas amigas, Paula Santos e Alexandra Ferreira-Bullock, pelas sugestões informais e palavras de motivação. Porque também elas pertencem à diáspora, sabem o que é trabalhar numa situação de isolamento quase total. A sua solidariedade nos momentos de cansaço e descrença foi a força de que precisei para ir até ao fim.

À minha mãe por me ter ajudado ao longo do curso com o envio de obras, resolução de aspectos administrativos e apoio incondicional.

“Last but not least”, devo agradecer à Universidade Aberta pela criação de um curso de mestrado sem fronteiras, que me acompanhou desde a Ásia à América e que será motivo para o meu breve regresso à Europa.

RESUMO

Em *Heróis, vilões, vítimas e emoções...* a linguagem-no-uso de um jornal português publicado nos EUA (*Portuguese Times*) é utilizada para analisar e explicar o modo como compreendemos as emoções primárias presentes em três ataques terroristas: EUA (2001), Madrid (2004) e Londres (2005).

Começámos por reflectir sobre o conceito de emoção e sobre as suas implicações. De seguida, apresentámos os fundamentos teóricos capazes de demonstrar o carácter cognitivo das emoções. De acordo com este quadro teórico, as emoções são consideradas objecto de estudo das ciências cognitivas devido ao seu carácter cognitivo. Após precisarmos ser a abordagem seguida a da Linguística Cognitiva – Lakoff & Johnson (1980), Lakoff (1987), Zoltán Kövecses (1986, 1990, 1991, 1998, 2000, 2003[2000]) Kövecses & George Lakoff (1987), Batoréo (2000, 2003a , 2004c), Abrantes (1999, 2001a, 2001b, 2002) e Silva (1997, 1999, 2003) – e os instrumentos utilizados na análise do *corpus* a metáfora e metonímia, esperámos não só poder demonstrar o carácter conceptual das emoções encontradas, mas também explicar a sua ocorrência e frequência.

Com base no contexto geral do terrorismo e especificamente de acordo com a perspectiva da metáfora conceptual do CONTO DE FADAS DA GUERRA JUSTA, antecipámos encontrar um predomínio de emoções negativas e de emoções com fortes motivações físicas. Através de um levantamento exaustivo de segmentos linguísticos foi-nos possível identificar as emoções presentes no *corpus* em relação a cada um dos ataques e, através dos instrumentos cognitivos seleccionados, determinar o seu conteúdo conceptual. Os resultados confirmaram um predomínio de emoções negativas e o forte conteúdo conceptual das emoções **medo e raiva**.

Palavras-chave: terrorismo, emoção, metáfora, metonímia, Linguística Cognitiva.

ABSTRACT

In *Heroes, villains, victims and emotions...* everyday language of a Portuguese newspaper published in the US (*Portuguese Times*) is used to study and explain how we understand basic emotions aroused by three terrorist attacks: US (2001), Madrid (2004) and London (2005).

At first, the concept of emotion and its implications were discussed. Then, the theoretical framework capable of showing emotions' cognitive character was introduced. According to such framework, emotions are considered one of cognitive sciences topics of study due to their cognitive content. After asserting Cognitive Linguistics to be the approach followed – Lakoff & Johnson (1980), Lakoff (1987), Zoltán Kövecses (1986, 1990, 1991, 1998, 2000, 2003[2000]) Kövecses & George Lakoff (1987), Batoréo (2000, 2003a, 2004c), Abrantes (1999, 2001a, 2001b, 2002) and Silva (1997, 1999, 2003) – and metaphor and metonym the tools used to perform the data analysis, it was not only expected to reveal basic emotions conceptual content, but also to explain its occurrence and frequency.

Within the general context of terrorism and specifically according to the conceptual metaphor of the FAIRY TALE OF THE JUST WAR, the prediction would be to find a predominance of negative emotions and emotions with strong physical motivation. Thorough selection of linguistic data made it possible to identify emotions related to each one of the attacks, while the cognitive tools chosen revealed those same emotions conceptual content. The results confirmed the predominance of negative emotions and the strong conceptual content of **fear** and **anger**.

Keywords: terrorism, emotion, basic emotions, metaphor, metonymy, Cognitive Linguistics.

RESUME

Dans *Héros, vilains, victimes et émotions...* le langage courant d'un journal portugais publié aux États-Unis (*Portuguese Times*) est utilisé pour analyser et expliquer la façon dont nous comprenons les émotions primaires en trois attaques terroristes: États-Unis (2001), Madrid (2004) et Londres (2005).

Nous avons commencé par réfléchir sur le concept d'émotion et sur ses implications. Après, nous avons présenté un cadre de théories capables de démontrer le caractère cognitif des émotions. D'après ce cadre, les émotions sont considérées comme objet d'étude des sciences cognitives à cause de leur caractère cognitif. Après avoir déterminé être l'approche suivi celui de la Linguistique Cognitive – Lakoff & Johnson (1980), Lakoff (1987), Zoltán Kövecses (1986, 1990, 1991, 1998, 2000, 2003[2000]) Kövecses & George Lakoff (1987), Batoréo (2000, 2003a , 2004c), Abrantes (1999, 2001a, 2001b, 2002) et Silva (1997, 1999, 2003) – et les instruments utilisés pour l'analyse du *corpus* la métaphore et la métonymie, nous attendions ne pas seulement être capables de montrer le caractère conceptuel des émotions trouvées, mais aussi expliquer leur occurrence et fréquence.

Ayant par base le cadre général du terrorisme et spécifiquement d'après la perspective de la métaphore conceptuelle du COMPTE DE FEES DE LA GUERRE JUSTE, nous avons prévu trouver le plus fréquemment des émotions négatives et des émotions avec des fortes motivations physiques. À travers une sélection exhaustive des segments linguistiques, il nous a été possible d'identifier les émotions trouvées dans le *corpus* en rapport avec chacun des attaques et, grâce aux instruments cognitifs choisis, il nous a été possible de démontrer le caractère conceptuel de ces émotions. Les résultats ont confirmé la prédominance des émotions négatives et le fort contenu conceptuel des émotions **peur** et **rage**.

Mots clefs: terrorisme, émotion, métaphore, métonymie, Linguistique Cognitive.

ÍNDICE DE QUADROS, GRÁFICOS, FIGURAS E ANEXOS

Quadro 1: Emoções primárias e secundárias segundo William James, António Damásio e Zoltan Kövecses	21
Quadro 2: Características comuns entre os ataques terroristas de 2001 e a “tragédia” ...	76
Quadro 3: Distribuição das emoções primárias presentes no <i>corpus</i> expressas em relação aos ataques aos EUA, Espanha e Reino Unido	125
Gráfico 1: Distribuição dos textos do <i>corpus</i> por datas das respectivas 21 edições do <i>Portuguese Times</i> seleccionadas	50
Figura 1: Domínios compreendidos em termos do conceito de Contentor	36
Figura 2: Network da Raiva segundo Fauconnier & Turner (2002: 303)	40
Figura 3: Representação simplificada da amálgama conceptual implícita na frase “Ela deitava fumo pelas orelhas de tanta raiva”, baseado em Fauconnier & Turner (2000: 39-58)	41
ANEXO I: Ficha-Modelo	159
ANEXO II: Lista de Fichas do <i>Corpus</i>	160
ANEXO III: De Nova Iorque a Londres: uma breve cronologia	164

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1. Âmbito, objectivos e motivações do estudo

No presente trabalho, propomo-nos apresentar um estudo da expressão das emoções, na perspectiva da Linguística Cognitiva, em textos da imprensa luso-americana, relativos aos ataques terroristas aos EUA (2001), bem como às cidades de Madrid (2004) e de Londres (2005). A abordagem adoptada terá por base os trabalhos de Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1987), Zoltán Kövecses (1986, 1990, 1991, 1998, 2000, 2003[2000]) Kövecses e George Lakoff (1987) no contexto internacional, e de Batoréo (2000, 2003a, 2004c), Abrantes (1999, 2001a, 2001b, 2002) e Silva (1997, 1999, 2003), em Portugal.

O âmbito em que este texto se inscreve é o da Linguística Cognitiva, paradigma de estudos que nasce do interesse pela linguagem enquanto forma e veículo da organização do conhecimento. No decorrer do nosso trabalho, sublinharemos a interdependência entre cognição e linguagem, um dos pressupostos base da abordagem cognitiva. Através da observação e da descrição de estratégias linguísticas, interpretaremos as estratégias cognitivas implícitas à conceptualização da realidade em foco, os ataques terroristas acima mencionados e as emoções por eles suscitados, realidade que a linguagem verbal descreve. De entre os mecanismos de conceptualização e de expressão da realidade, que se manifestam e interagem no espaço das emoções, prestaremos especial atenção a metonímias e metáforas conceptuais.

De acordo com o enquadramento teórico acima traçado, propomo-nos estudar a linguagem e conceptualização das emoções, desencadeadas pelos ataques de 11 de Setembro de 2001, de 11 de Março de 2004 e de 7 de Julho de 2005. A fim de atingir este objectivo, constituímos, de início, um *corpus* composto por notícias e artigos de opinião da imprensa luso-americana, relativos aos três ataques supracitados e dados à estampa entre 2001 e 2005. Estes textos foram recolhidos do jornal *Portuguese Times (PT)*, semanário em língua portuguesa, publicado nos EUA.

A partir dos textos jornalísticos seleccionados, procedemos à identificação e ao levantamento de dados linguísticos, aos quais estão subjacentes emoções. De seguida, descrevemos e analisamos os mesmos dados/estratégias linguísticas e processos cognitivos. Na sequência dos dados obtidos, prosseguimos à comparação da abordagem dos diferentes ataques, atentando ao papel dos factores tempo e espaço na perspetivação e consequente expressão de emoções originadas pelos actos de terrorismo internacional. Neste estudo comparativo, tomamos em consideração diversos aspectos, nomeadamente o contexto e idiossincrasias de cada um dos ataques.

Em relação aos dados linguísticos do *corpus* e atendendo ao tema dos textos em análise, colocámos diversas hipóteses iniciais, tais como a presença de palavras e expressões linguísticas onde transparecessem determinadas emoções, desencadeadas pelos ataques, na nossa opinião: emoções primárias e sentimentos de polarização negativa, revelando aquelas fortes conceptualizações estruturadas.

Quanto à comparação da abordagem dos diferentes ataques, deter-nos-emos na forma como a mediatização dos acontecimentos é apresentada no título de imprensa seleccionado. Consideraremos a probabilidade de existir uma visão mais distanciada (cultural, emocional e geograficamente), no caso dos ataques em território europeu.

Em síntese, o presente estudo é constituído pelas seguintes etapas: em primeiro lugar, levantamento, selecção e comparação dos dados do *corpus* (3. Descrição e análise dos dados), fases do trabalho que envolveram o recurso a características estruturais da categorização linguística (2. Enquadramento teórico-metodológico). Segundo, análise e discussão dos resultados obtidos (4. Discussão dos resultados obtidos). Por último, discussão das hipóteses inicialmente colocadas com base nos resultados obtidos e

estabelecimento de conclusões capazes de consolidar os aspectos teóricos focados (5. Conclusões).

1.2. Terrorismo – factos

Os acontecimentos em análise no presente trabalho (ataques terroristas) remetem de imediato para uma variante da emoção **medo**, o *terror*, como podemos observar na definição apresentada pelo *Dicionário da Língua Portuguesa* da Porto Editora (DLP-PE) para este vocábulo:

1. grande medo; pavor; pânico; 2. coisa ou pessoa que mete medo; perigo; 3. figurado, coloquial coisa ou pessoa extremamente desagradável ou difícil de suportar; 4. época ou fase de um regime político assinalado por morticínios, perseguições, etc.; (Do lat. terróre-, 'id.').

É este último sentido da palavra *terror* que está na origem do vocábulo *terrorismo*, conceito/prática com origem na França do séc. XVIII com o período do Reino do Terror¹. No mesmo dicionário, *terrorismo* é definido como:

1. prática de actos violentos (assassinatos, raptos, colocação de bombas) contra um governo, uma classe dominante ou pessoas desconhecidas, com o objectivo de fazer impor determinados objectivos geralmente políticos; 2. figurado sistema de governo por meio de terror e de medidas violentas; (De terror+-ismo).

Ao encontro desta definição vai também a apresentada pelo Departamento de Estado dos EUA, que nos diz ser o terrorismo “premeditated, politically-motivated violence perpetrated against non-combatant targets or clandestine agents, usually intended to influence an audience.”²

¹ De acordo com Albert Parry (1976: 40), apesar de o terror ter sido utilizado antes de Robespierre, o Reino do Terror, que Robespierre implementou, sistematizou o uso da violência, divinizada pelo prestígio do estado e criou um **medo** intenso de uma forma e em escala até então desconhecida, originando o conceito de terrorismo moderno.

² In <http://www.state.gov/documents/organization/31932.pdf> (consulta em 11/02/2006).

De acordo com as definições apresentadas, a nossa previsão geral relativamente às emoções suscitadas por actos de terrorismo será registar um predomínio de duas emoções específicas de pólo negativo, o **medo/terror** e o **ódio/raiva**. Esta hipótese encontra-se relacionada com o próprio conceito de terrorismo, que remete para a noção central de violência enquanto geradora de **medo** e **raiva**: *It is apparent that people use the term [terrorism] to describe what they fear or hate* (Dunne, 2004: 3). Odiamos e sentimos **medo** dos autores de actos de terrorismo e tememos os danos causados por estes actos.

Enquadrados no contexto do terrorismo, os ataques aos três países abordados no presente trabalho – EUA, Reino Unido e Espanha – foram levados a cabo pelo grupo radical islâmico Al Qaeda (em português, “A Base”), encabeçado por Bin Laden. Estes ataques não foram os primeiros ataques terroristas realizados em territórios norte-americano e europeu, assistindo o Reino Unido e a Espanha a inúmeros atentados levados a cabo pelas organizações terroristas IRA (“Irish Republican Army”, inglês para “Exército Republicano Irlandês”) e ETA (“Euskadi Ta Askatasuna”, basco para “Pátria Basca e Liberdade e Basca”). Apesar de não haver nos EUA nenhum grupo com objectivos e modo de agir semelhante àqueles, também neste país decorreram diversos atentados, sobretudo em Nova Iorque ³ que, mesmo não sendo cidade-capital, alberga instituições internacionais e é considerada um dos maiores centros financeiros do mundo.

A utilização dos meios de transporte, e sobretudo do avião, para atingir determinados objectivos tornou-se uma prática recorrente na segunda metade do séc. XX. Sirvam de exemplos o sequestro, em 29 de Agosto de 1969, de um avião da TWA com 113 passageiros e, em 6 de Setembro de 1970, o triplo sequestro de aviões da TWA, Swissair e Pan American, todos com destino a Nova Iorque, terminando os terroristas por

³ Uma descrição de alguns de entre os vários atentados à cidade de Nova Iorque é-nos apresentada por Albert Parry:

In New York in 1973 a Puerto Rican group calling itself Furia placed incendiary devices in department stores (...).

A major outburst occurred on October 26, 1974, when five powerful bombs were exploded at various business sites in New York – one in the financial district, two in Rockefeller Center, and two on Park Avenue. Much property damage but no casualties resulted (...).

However, on January 24, 1975, three persons died and some 40 were injured when a private luncheon club in New York’s Wall Street financial district was bombed (...). Then, on April 3, 1975, explosions shook a bank, an insurance company, and two restaurant sites in midtown Manhattan. In the early morning of October 27, 1975, nine well-coordinated explosions occurred at government buildings, corporate offices, and banks in New York, Washington and Chicago. These included the United States Mission to the United Nations (New York) and the State Department (Washington). (1976: 299-300)

evacuar todos os passageiros e por explodir os aviões. Na maior parte dos sequestros de aviões, os meios utilizados pelos terroristas para atingir os seus fins são pessoas: os passageiros são tornados reféns e em troca destes é pedido um resgate (geralmente, dinheiro ou a libertação de outros terroristas). Para além da prática suicida dos “kamikaze” japoneses durante a II Guerra Mundial, a utilização de aviões como arma de destruição não tinha ainda sido vista. A utilização de bombas/explosivos associados a meios de transporte é conhecida (neste caso, os carros-bomba), assim como o envolvimento dos meios de comunicação em actos terroristas. Deste modo, apercebemo-nos que, dos ataques aos três países, aqueles que assumem características originais foram os dirigidos contra os EUA:

- a utilização de aviões como arma de destruição de edifícios-símbolo;
- o envolvimento “acidental” da televisão no ataque. Este envolvimento é visto como “acidental”, na medida em que os terroristas não solicitaram a presença dos meios de comunicação, contudo as máquinas de filmar dos canais televisivos – porque se encontravam no local – acabaram por filmar o ocorrido.

Assim, prevemos um predomínio de textos do *corpus* sobre ou com referências aos ataques terroristas de 11 de Setembro de 2001 aos EUA, não só porque é neste país que o jornal seleccionado para constituição do *corpus* e o seu público-alvo se situam, mas também devido à dimensão destes ataques, que passamos de seguida a descrever em mais pormenor e a comparar com os ataques terroristas de 11 de Março de 2004 e de 7 de Julho de 2005.

Os ataques aos EUA consistiram no sequestro de quatro aviões, entre as 8:46 min. e as 10:03 min. do dia 11 de Setembro de 2001 (cf. Anexo III). Os dois primeiros aviões embateram contra as Torres Gémeas do World Trade Center (WTC), na cidade de Nova Iorque, estado de Nova Iorque, destruindo os dois arranha-céus, diversos edifícios nas proximidades e causando a morte de aproximadamente 2.749 pessoas, incluindo todos os passageiros dos voos American 11 (88 passageiros) e United 175 (59 passageiros). O segundo avião embateu contra o Pentágono, em Arlington, estado de Virginia, morrendo todas as pessoas a bordo (59 passageiros) e 125 pessoas no edifício. O último dos quatro aviões despenhou-se em Shanksville, estado de Pennsylvania, resultando na destruição do avião e morte de todos os 40 passageiros. No total, os ataques de 2001 fizeram cerca de

2.992 mortos, incluindo os 19 sequestradores, e danos materiais na ordem dos 40 bilhões de dólares americanos.

O ataque terrorista à cidade de Madrid foi composto por dez explosões em quatro comboios, todos eles com a estação Alcalá de Henares como ponto de partida e a estação de Atocha como destino, entre as 7:37 min. e as 7:39 min. do dia 11 de Março de 2004 (cf. Anexo III). As primeiras três bombas explodiram num comboio nos arredores da estação de Atocha, matando 34 pessoas. A quarta e quinta explosões tiveram lugar numa carruagem na estação de El Pozo del Tío Raimundo, delas resultando 65 mortes. Uma sexta bomba explodiu no comboio que se encontrava na estação de Santa Eugenia, matando 14 pessoas. As quatro últimas explosões aconteceram num outro comboio a 500 metros de Atocha, resultando na morte de 63 pessoas. No total, o ataque à cidade de Madrid fez 191 mortos e mais de 1700 feridos, com danos materiais avaliados na ordem dos 521 milhões de euros.

O ataque terrorista à cidade de Londres ocorreu em metropolitano e num autocarro, entre as 8:50 min. e as 9:47 min. do dia 7 de Julho de 2005 (cf. Anexo III). As primeiras três bombas explodiram em três metropolitano da cidade Londres: a primeira bomba atingiu o metro que ia em direcção a Russell Square, resultando desta explosão 26 mortes; a segunda ocorreu no metro dirigido a Aldgate, morrendo sete pessoas; na terceira, no metro número 216, que se encontrava em Edgware Road, faleceram seis pessoas. Uma quarta bomba explodiu no autocarro de dois andares, número 30, que fazia o trajecto de Marble Arch para Hackney Wick. A explosão ocorreu quando o autocarro se encontrava em Tavistock Square, matando 13 pessoas. Estes ataques sincronizados resultaram num total de 52 mortos e aproximadamente 770 feridos, e causaram uma grave interrupção nos transportes e infraestrutura de comunicações da cidade durante todo o dia.

Os ataques terroristas aos EUA diferenciam-se dos outros dois pela simbologia dos alvos (World Trade Center e Pentágono) e consequências em termos de perdas humanas e monetárias, resultantes da destruição de edifícios. No caso dos ataques às capitais londrina e espanhola, pode-se atribuir à política britânica e espanhola, de apoio aos EUA, o motivo dos ataques. Apesar de Espanha ter sido palco de vários ataques levados a cabo pela organização terrorista ETA, os ataques à cidade de Madrid foram de

uma dimensão inédita. No caso britânico, o metro da capital tinha já sido alvo de diversos ataques, mas foi a primeira vez que os ataques foram levados a cabo por fundamentalistas islâmicos e a primeira vez que aconteceram ataques suicidas na Europa ocidental.

Relativamente aos EUA, os ataques revestiram-se de um carácter único, pela arma utilizada (aviões comerciais) e alvos atingidos (edifícios simbólicos do poder militar e económico estado-unidense). Reflectamos brevemente sobre a importância e significado do WTC e do Pentágono na cultura estado-unidense.

A ideia do WTC foi impulsionada pelo então presidente do Banco Manhattan Chase, David Rockefeller, e pelo seu irmão, Nelson Rockefeller, governador de Nova Iorque. Ambos consideravam que o projecto iria ser benéfico para a cidade pois revitalizaria uma zona dominada por lojas de produtos electrónicos.

O WTC era constituído por sete edifícios, cuja construção foi da responsabilidade das Autoridades Portuárias de Nova Iorque e de Nova Jersey. As Torres Gémeas faziam parte deste conjunto e a sua construção teve início em 1966. O arquitecto responsável pelo projecto foi Minoru Yamasaki, o qual decidiu desenhar duas torres enormes, concluídas no início dos anos 70, e que por um curto período de tempo seriam as mais altas do mundo.

Em 1993, estas Torres foram alvo de um atentado terrorista: um camião contendo uma elevada quantidade de explosivos foi conduzido até ao parque de estacionamento subterrâneo e detonado, resultando a explosão em seis mortos e cerca de mil feridos. Os estragos foram reparados e as Torres reabriram em menos de um mês.⁴ Nos ataques de 11 de Setembro de 2001, as Torres Gémeas foram totalmente destruídas e em seu lugar está prevista a construção do “Tribute Center”, um espaço dedicado às vítimas dos ataques⁵.

A par de construções como a Estátua da Liberdade, o “Empire State Building” e a própria cidade de Nova Iorque, o WTC constituía/constitui um símbolo do capitalismo, um marco da importância e poder económico dos EUA: os escritórios das Torres Gémeas albergavam sobretudo empresas financeiras e o maior depósito de ouro do mundo, pertença de um grupo de bancos comerciais, encontrava-se debaixo do WTC.

⁴ David Johnson & Samuel Ross, “World Trade Center History - Magnificent buildings graced skyline”, <http://www.infoplease.com/spot/wtc1.html> (consulta em 16/01/2006).

⁵ Mais informação sobre o projecto de reconstrução do WTC pode ser encontrada em www.wtc.com.

À semelhança das Torres Gémeas, também o Pentágono, construído em 1941 e terminado três anos mais tarde, é um marco do poder americano, neste caso não só económico⁶, mas também e principalmente militar. Sinónimo do Departamento da Defesa, o Pentágono é um dos edifícios com o maior número de escritórios do mundo (Harris, 2001: 48)⁷, nele trabalhando, em certos momentos, dezenas de milhares de pessoas. O edifício, de estilo clássico grego-romano, tem cinco lados, cinco camadas e cinco andares, e destaca-se pelas suas dimensões, solidez da construção e manutenção das instalações⁸.

1.3. Hipóteses de trabalho

A total destruição das Torres Gémeas e o facto de estes ataques terem sido filmados em directo por canais televisivos são, na nossa opinião, motivos com força suficiente para nos permitir colocar a hipótese do predomínio de textos acerca dos ataques à cidade de Nova Iorque. Estes ataques poderão assumir maior destaque em comparação com o ataque ao Pentágono e com o sequestro do avião que acabaria por se despenhar no estado da Pensilvânia, acontecimentos que ocorreram todos no mesmo dia, em solo norte-americano.

Consideraremos ainda a possibilidade de existir uma visão mais distanciada (cultural, emocional e geograficamente), no caso dos ataques em território europeu, por oposição aos ataques aos EUA, onde o *Portuguese Times* é publicado.

⁶ A construção do Pentágono custou 83.000.000\$00 de dólares americanos (<http://www.infoplease.com/spot/pentagon1.html>, consulta em 07/03/2006).

⁷ David Johnson, “Pentagon History - World's largest office building has distinctive past”, <http://www.infoplease.com/spot/pentagon1.html> (consulta em 16/01/2006)

⁸ David Johnson descreve a construção em detalhe:

The structure is supported by 41,492 concrete piles. There are five floors, plus mezzanines and basements. The building itself is 77 feet, 3.5 inches high. Each outside wall is 921 feet long. / More than seven acres of glass went into the 7,754 windows in the Pentagon. There are 16,250 light fixtures, with some 250 bulb replacements made each day. There are 7,000 electric clock outlets, 691 drinking fountains, 131 stairways, 19 escalators, 13 elevators, 672 firehouse cabinets, and 284 rest rooms. / The Pentagon site covers a total of 583 acres, while the building itself sits on 29 acres. The Pentagon's sewage treatment plant and the heating and refrigeration unit each cover one acre. The parking lot is 67 acres and has spaces for 8,770 vehicles. (<http://www.infoplease.com/spot/pentagon1.html>, consulta em 16/01/2006)

No contexto dos ataques terroristas acima descritos, apontamos as seguintes hipóteses relativamente à presença/ausência das emoções primárias nos textos do *corpus* e intervenientes ou pessoas/grupos envolvidos nos ataques, os quais serão discutidos em pormenor no ponto 3.1. Os ataques terroristas e a metáfora conceptual D'O CONTO DE FADAS DA GUERRA JUSTA:

1) **medo**: devido à forte conceptualização estrutural do **medo** e à sua relação de correspondência com “terror”, pensamos que será uma ou, talvez mesmo, a emoção predominante. Colocamos a possibilidade de estar associada à vítima dos três ataques e ao meio de transporte utilizado para os levar a cabo;

2) **raiva**: tal como no caso do **medo**, também a cólera (**raiva/ódio**) possui uma forte conceptualização estrutural e, nesta medida, colocamos a hipótese de ter um papel preponderante no *corpus*. Presumimos que a **raiva** tenha os ataques na sua origem e possa encontrar expressão na vítima;

3) **tristeza**: intuimos uma forte presença da expressão da **tristeza** no *corpus*, emoção que estará associada à vítima, em todos os três ataques terroristas;

4) **surpresa**: prevemos a existência desta emoção no *corpus* porque os ataques terroristas são caracteristicamente imprevisíveis e os ataques aos EUA, a Espanha e ao Reino Unido não constituíram excepção;

5) **aversão**: a rejeição alimentar é considerada estar na origem desta emoção, no entanto a sua evolução permitiu que outros domínios de origem a proporcionassem, como o contacto com cadáveres, determinadas ofensas morais e violações da parte exterior do corpo. Se atentarmos no objectivo e resultado de quaisquer ataques terroristas (a morte de pessoas e destruição de espaços físicos), ficará clara a possibilidade desta emoção ocorrer no *corpus*: a vítima sentirá e expressará a sua **aversão** pelos ataques terroristas;

6) **alegria**: no contexto do terrorismo, com implicações negativas, não pensamos vir a encontrar no *corpus* expressão da **alegria** e, se tal se constatar, consideramos unicamente a hipótese de ser expressa pelo vilão.

CAPÍTULO 2

ENQUADRAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1. Emoção: definição, categorização e diferentes perspectivas

No presente capítulo, propomo-nos reflectir sobre o conceito de emoção, tentando abordar questões como: o que são as emoções, em que contexto surgem e qual a sua função. Começaremos por explicar o que se entende por emoção e, depois, discutiremos sobre cada uma das emoções primárias, em específico. De seguida, debruçar-nos-emos sobre a popular dicotomia entre razão e emoção, sobre estudos pioneiros, realizados no séc. XIX, que lançaram as bases da moderna pesquisa das emoções, e sobre trabalhos, realizados no séc. XX, que demonstraram serem as emoções processos determinados biologicamente, dependentes de conjuntos de mecanismos cerebrais inatos.

Apesar dos avanços e metas alcançadas no campo de estudo das emoções, como veremos adiante, a riqueza e diversidade de correntes sobre o tema não permitem que se estabeleça consenso relativamente à definição de emoção. Robert Plutchik (2001) estima, somente no séc. XX, terem sido propostas mais de 90 definições de emoção. Não é nosso objectivo encontrar consensos nem fazer um levantamento de definições, mas sim reflectir sobre o conceito e sobre as suas implicações.

Em *The MIT Encyclopedia of the Cognitive Sciences* (1999: 273), “emoção” é definida como um processo ou estado psicológico que funciona na gestão de objectivos, processo que é tipicamente desencadeado pela avaliação de um facto ou acontecimento

importante para a concretização de um determinado objectivo⁹. Quando esse objectivo é atingido, o estado psicológico é positivo e, de contrário, negativo. Estes dois tipos de resultados encontram-se na base da oposição entre emoções negativas, que implicam circunstâncias consideradas indesejáveis ou contrárias às expectativas do sujeito, e emoções positivas, associadas a estados desejáveis e que vão ao encontro do objectivo pretendido. Neste sentido, ficamos tristes quando, por exemplo, o nosso amor (objectivo) não é correspondido e ficamos alegres quando ganhamos (objectivo) uma competição.

Podemos encontrar variações de terminologia para as emoções positivas e negativas, contudo a ideia de base “positivo” (é o caso de sucesso ou aprovação) vs. “negativo” (fracasso ou desaprovação) encontra-se presente em grande parte das designações atribuídas por diferentes autores. Veja-se, a título de exemplo, o nome que o psicólogo estado-unidense Richard Lazarus (1996[1994]: ix) deu a alguns dos diferentes grupos de emoções: **raiva**, **inveja** e **ciúme** são chamadas emoções más; **alívio**, **esperança**, **tristeza** e **depressão**, emoções provocadas por condições de vida desfavoráveis; **felicidade**, **orgulho** e **amor** fazem parte das emoções provocadas por condições de vida favoráveis. Esta classificação tem por base as noções de positivo e negativo e, implícita nestas duas noções opostas, encontramos a função reguladora das emoções, uma das suas funções principais, capaz não só de conduzir, de uma forma ou outra, à criação de circunstâncias vantajosas para o organismo que apresenta a emoção, mas até mesmo de auxiliar o organismo a sobreviver (Damásio, 1995: 56). Neste sentido, a **esperança** surge como uma forma de equilíbrio em circunstâncias desfavoráveis, a **alegria/felicidade** surge como resultado de um objectivo atingido, a **tristeza** surge como resultado de um objectivo falhado. As emoções podem ser compreendidas como mecanismos que permitem ao organismo conviver de modo eficaz com tarefas fundamentais da vida quotidiana.

Para além da divisão das emoções em categorias de pólo negativo e positivo, unanimemente aprovadas, podemos ainda estabelecer a oposição entre emoções primárias e secundárias. Esta divisão e a ideia de emoções básicas são rejeitadas por Ortony *et alii*

⁹ No original:

An emotion is a psychological state or process that functions in the management of goals. It is typically elicited by evaluating an event as relevant to a goal; it is positive when the goal is advanced, negative when the goal is impeded. (The MIT Encyclopedia of the Cognitive Sciences, 1999: 273)

(1999: 25). Estes autores consideram inaceitavelmente vago o tema “emoções básicas” e questionam a própria necessidade do conceito “emoções básicas” (Ortony *et alii*, 1999: 25-9). Porém, estudiosos como William James (1985[1892]), António Damásio (1995) e Zoltan Kövecses (1990, 1998), entre outros¹⁰, consideram pertinente a distinção entre estes dois tipos de emoção, apesar de não existir concordância relativamente a que emoções incluir em cada um dos grupos. De acordo com determinadas razões de selecção e teorias, diferentes emoções são incluídas em cada um dos dois grupos, como podemos observar, a seguir, no Quadro 1¹¹. A terminologia adoptada para cada um dos grupos de emoções varia, mas as noções de força, proeminência ou universalidade, presentes nos termos escolhidos, são medidas e diferenciadas pelo seu grau, intensidade ou importância. Deste modo, às emoções “brutas”, primárias/universais ou básicas contrapõem-se emoções subtis, secundárias/sociais ou subordinadas. As emoções incluídas no grupo das emoções primárias são muito mais reduzidas em número de que as do grupo das emoções secundárias, conjunto mais numeroso ou até mesmo infinito/aberto. Podemos observar que as emoções primárias que se repetem nos autores seleccionados são o **medo** e a **raiva**, resultado que pode ser atribuído ao facto de “o medo e a raiva terem, na vida humana, motivação muito forte do ponto de vista psicológico e

¹⁰ Por exemplo, para Paul Ekman (1992), as emoções primárias (ou universais) são comumente consideradas não exclusivamente humanas, ao contrário das últimas (emoções secundárias, também designadas de sentimentos), exclusivamente humanas. Nos seus estudos sobre a expressão facial de emoções primárias, o autor aponta para as emoções primárias (**raiva, medo, tristeza, felicidade, aversão e surpresa**) dois tipos de características, que as distinguem das emoções secundárias:

a) características próprias destas diferentes emoções primárias: sinais universais faciais distintos, fisiologia distinta (para cada emoção primária diz-nos Ekman estar provado haver padrões de actividade diferentes do sistema nervoso autónomo), acontecimentos/contextos universais anteriores à ocorrência da emoção (por exemplo, precedendo a emoção medo encontramos uma situação de perigo físico ou psicológico, a morte de uma pessoa querida antecede a emoção tristeza, etc.).

b) características das emoções primárias confrontadas com outras manifestações de afecto, a saber: expressões comparáveis em outros animais, coerência entre expressão e mudanças autónomas durante a emoção, início rápido, duração breve, mecanismo automático de selecção de emoções e presença de um aspecto involuntário quando experimentamos qualquer emoção.

Plutchik (2001), por exemplo, fala-nos de um modelo circunflexo, uma ferramenta analítica com base na roda das cores, que permite comparar emoções a cores: tal como aquelas, também temos cores primárias e cores formadas a partir das primárias, que admitem variação (por exemplo, rosa claro e rosa escuro) e que se podem encontrar mais perto umas das outras quando partilham características em comum ou mais distantes quando nada as aproxima. A comparação entre cores e emoções encontra-se presente em expressões e vocábulos como “cores alegres” significando cores vivas ou “alegrar” como enfeitar com cores garridas.

¹¹ Uma lista detalhada de diferentes perspectivas relativamente à classificação de emoções primárias é apresentada por Ortony *et alii* (1999: 27).

por serem as suas manifestações transparentes para testemunhas e fáceis de detectar, ao mesmo tempo que são difíceis de esconder do adversário” (Batoréo, 2004c: 32).

Tipo/Classe de emoções	“Brutas”/Primárias/Básicas	Subtis/Secundárias/Subordinadas
Autor		
William James	Emoções “brutas”: raiva/cólera, medo, amor, ódio, alegria, ressentimento, vergonha, orgulho e as suas variantes ¹² .	Emoções subtis: sentimentos morais, intelectuais e estéticos ¹³ .
António Damásio	Emoções primárias ou universais: alegria, tristeza, medo, raiva/cólera, surpresa e aversão ¹⁴ .	Emoções secundárias ou sociais, como vergonha, ciúme, culpa ou orgulho ¹⁵ .
Zoltan Kövecses	Conceitos de emoção de nível básico: raiva, medo, orgulho e respeito ¹⁶ , felicidade e tristeza ¹⁷ .	Conceitos subordinados de amor romântico. ¹⁸

Quadro 1: Emoções primárias e secundárias segundo William James (1985[1892]), António Damásio (1995) e Zoltan Kövecses (1990, 1998)

Dada a extensão do tema das emoções e limitação do presente trabalho, debruçar-nos-emos, de seguida, apenas sobre as emoções primárias¹⁹ seleccionadas por Damásio (1995): **alegria, tristeza, raiva, medo, surpresa e aversão**²⁰.

De entre estas seis emoções primárias, a única claramente de pólo positivo é a **felicidade/alegria**²¹ (cf. ambiguidade da emoção **surpresa**, pp. 23-4). O DLP-PE regista:

¹² No original: “Coarser: anger, fear, love, hate, joy, grief, shame, pride and their varieties.” (William James, 1985[1892]: 241).

¹³ No original: “Subtler: moral, intellectual and aesthetic feelings.” (William James, 1985[1892]: 241).

¹⁴ No original: “primary or universal emotions: happiness, sadness, fear, anger, surprise, or disgust.” (Damásio, 1995: 50-1).

¹⁵ No original: “secondary or social emotions, such as embarrassment, jealousy, guilt, or pride.” (Damásio, 1995: 51).

¹⁶ No original: “Basic-level emotion concepts: anger, fear, pride, and respect.” (Kövecses, 1990: 2).

¹⁷ Kövecses, “Are there any emotion-metaphors?”, in ATHANASIADOU (eds.), 1998: 127.

¹⁸ No original: “Subordinate concept of romantic love” (Kövecses, 1990: 2).

¹⁹ Dado o elevado número de emoções não-primárias e as limitações do presente estudo, excluimos do âmbito deste estudo as emoções secundárias ou sociais, como por exemplo, **vergonha, inveja, culpa** ou **orgulho** (Damásio, 1999: p. 51), e emoções de fundo, como sejam **bem-estar** ou **mal-estar, calma** ou **tensão** (Damásio, 1999: p. 51). Excluimos também sentimentos e sentimentos de fundo, como por exemplo: fadiga, energia, entusiasmo, doença, tensão, relaxamento, estabilidade, instabilidade, equilíbrio, desequilíbrio, harmonia, discórdia (Damásio, 1999: 286).

²⁰ Apesar de as emoções primárias referidas no Quadro 1 por Kövecses, autor-chave no presente trabalho, não incluírem a **surpresa** e a **aversão**, à excepção desta última, a **surpresa** e todas as outras emoções primárias seleccionadas por Damásio são estudadas por Kövecses (1990, 1998, 2003[2000]), na perspectiva da Linguística Cognitiva, especificamente a teoria da metáfora (ver 2.2. As emoções em Linguística Cognitiva). Relativamente ao orgulho e ao respeito, assumimos a posição de Damásio, que classifica estas duas emoções como secundárias ou sociais (Damásio, 1999: p. 51).

alegria, s.f. manifestação de contentamento; prazer; júbilo; satisfação; acontecimento feliz; festa; divertimento; [...]. (De alegre + -ia).

felicidade, s.f. estado de quem é feliz; ventura; boa fortuna; dita; sorte; bom êxito; contentamento. (Do lat. felicitate-, “id.”).

Há em ambas as definições a ideia de positividade, transmitida, por exemplo, pelo adjectivo “bom”, pelas noções de “êxito” (sucesso ou objectivo alcançado) ou “satisfação”. Condições de vida favoráveis, objectivos alcançados ou situações vantajosas para o indivíduo permitem que o processo da emoção **alegria/felicidade** aconteça. Este processo emotivo pode ainda ser suscitado por um resultado negativo numa situação adversa, que resulta benéfica para o indivíduo, ou objectivo não alcançado por um oponente, que de alguma forma tem efeitos benéficos no indivíduo²² (Ortony *et alii*, pp. 92-107).

Ao contrário da emoção **alegria/felicidade**, a “tristeza”, de acordo com o DLP-PE, é definida como:

1. estado de quem sente insatisfação, mal-estar ou abatimento, por vezes sem razão aparente; melancolia; angústia; inquietação; 2. causa que provoca abatimento, estado depressivo ou nostalgia; pena; mágoa; aflição; consternação; saudade; (Do lat. tristitia-, «id.»).

Esta definição aponta, portanto, para um estado classificado pela negatividade e/ou uma causa na origem de sentimentos negativos, como podemos ver:

- nos prefixos de negação *in* para sentimentos e estados opostos a “satisfação” e “quietação”. Os estados/sentimentos de “insatisfação” e “inquietação” implicam as ideias de superação dos próprios estados/sentimentos, na procura de um estado de equilíbrio (“satisfação” e “quietação”) que não envolva a excitação do organismo (activação dos sentidos, respostas corporais, ou processos físicos, mentais ou cognitivos de regulação).

²¹ Apesar das diferenças entre **alegria** e **felicidade**, não vamos aqui distinguir estes dois conceitos, mas sim tomá-los como fazendo parte da emoção oposta à **tristeza**. Sobre a diferença entre **alegria** e **felicidade** ver 4.2.6. Alegria.

²² Em alemão, “Schadenfreude” é o vocábulo que descreve a **alegria/felicidade** suscitada pela infelicidade alheia.

- no elemento de formação “mal”, que exprime a ideia de “mal”, contrária a “bem”;

- em “mágoa”, sinónimo de nódoa, dor física ou moral.

A natureza negativa das características do estado e das consequências/efeitos da causa permitem-nos integrar a **tristeza** no grupo das emoções de pólo negativo²³ e opô-la à **alegria**, atrás referida.

A emoção **medo** é definida pelo DLP-PE como:

1. sentimento de inquietação que surge com a ideia de um perigo real ou aparente; 2. terror; susto; 3. receio; temor; 4. apreensão; 5. popular fantasma; alma do outro mundo; a medo com hesitação (Do lat. metu-, «id.»).

Esta emoção admite variação de grau: encontramos o “terror” como uma variante (a um nível elevado) de **medo**. De acordo com o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa (DLPC-ACL)*, terror é definido como:

1. grande medo; pavor; pânico; 2. coisa ou pessoa que mete medo; perigo; 3. figurado, coloquial coisa ou pessoa extremamente desagradável ou difícil de suportar; 4. época ou fase de um regime político assinalado por morticínios, perseguições, etc.; (Do lat. terróre-, «id.»).

Devido às suas características, o **medo** pode também ser considerado uma emoção negativa: encontramos, por exemplo, a noção de “inquietação”, oposta como vimos acima ao estado de “quietação”, associada à ideia de “perigo”, ou seja, de circunstâncias que podem ter resultados negativos para/sobre o organismo.

Uma das emoções que pode ser considerada um caso limítrofe é a **surpresa**²⁴, definida no DLP-PE como:

1. acto ou efeito de surpreender; 2. aquilo que surpreende; 3. espanto; 4. sobressalto; perturbação; 5. facto imprevisto; 6. prazer inesperado (Do fr. surprise, «id.»).

²³ Sobre polarização direccional das emoções ver Batoréo, 2003a: 27-35.

²⁴ Ortony *et alii* (1999: 126-7) não consideram a **surpresa** uma emoção.

Nesta definição dicionarística encontramos duas ideias opostas: por um lado, **surpresa** enquanto “perturbação”, uma ideia de pólo negativo porque implica desequilíbrio e, nesta medida, leva o organismo a tentar repôr a “ordem”, o equilíbrio; por outro, **surpresa** como “prazer inesperado”, ou seja, um estado que, apesar de suscitar desequilíbrio (“inesperado”) no organismo, tem características positivas (“prazer”). Há “boas” e “más” surpresas, contudo esta emoção é caracterizada por gerar um estado de desequilíbrio no sujeito e, nesta medida, decidimos incluí-la no grupo das emoções de pólo negativo.

Cólera, *raiva* ou *fúria*²⁵ são palavras que remetem para a mesma emoção primária, com uma das mais fortes conceptualizações, a par do **medo** (abaixo) (sobre a conceptualização das emoções ver 2.2. As emoções em Linguística Cognitiva). O DLPC-ACL define:

Cólera [...] 1. *acesso de fúria; ira; raiva; 2. indignação; 3. MEDICINA grave doença epidémica, contagiosa, que provoca diarreia, vômitos e cólicas, causada por um bacilo (vibrião) e também designada por cólera-morbo e cólera-asiática, mordexim ou mordixim; (Do gr. kholéra, «cólera; bilis», «id.»).*

Raiva [...] 1. *MEDICINA doença infecciosa e contagiosa que ataca animais e é transmitida ao homem por mordedura, caracterizada por acessos furiosos seguidos de paralisia; hidrofobia; 2. grande cólera; fúria louca; 3. ódio; grande aversão; 4. desejo intenso; forte ânsia; 5. grande apetite; 6. prurido nas gengivas das crianças, no período do desenvolvimento dos dentes; 7. CULINÁRIA espécie de doce ou biscoito seco; (Do lat. vulg. *rabìa-, por rabie-, «id.»).*

O DLP-PE define *fúria* como:

furor, raiva; ira; cólera; força extraordinária [...]. Do lat. furia-, «id.».

²⁵ Um outro vocábulo representativo da emoção **raiva** é o *ódio*. O DLPC-ACL define *ódio* como “1. sentimento de grande rancor e antipatia por alguém; 2. grande aversão que se sente por algo; horror; repulsa; (Do lat. *odiu-*, «id.»)”. Consideramos no contexto dos ataques terroristas ter o *ódio* mais afinidades com a emoção **raiva**. De acordo com a definição “1. sentimento de grande rancor e antipatia por alguém”, encontramos as expressões “sentir raiva/ódio de (uma pessoa)”, opostas a “gostar de (uma pessoa)”, que definem as forças em confronto: os que desempenham os ataques e os que os sofrem. Estes últimos odeiam aqueles.

O carácter negativo da emoção **cólera/raiva/fúria** é evidente nas acepções médicas dos termos *cólera* e *raiva*. A cólera e a raiva são doenças que colocam o corpo do organismo numa situação de desequilíbrio: no caso da cólera, as forças do bacilo que causa a doença impõem-se no corpo do organismo, provocando *diarreia, vômitos e cólicas*, reacções que constituem tentativas de repor a harmonia física; no caso da raiva, a *acessos furiosos* seguem-se estados de *paralisia*. Na sua acepção não médica, a ideia de falta de controlo (desequilíbrio) encontra-se também presente na definição de *raiva* como *fúria louca*. A loucura é, no conhecimento popular, um estado ou acto indesejado porque se opõe à razão, ao normal, ao aceitável. O grau de intensidade da **cólera/raiva/fúria** é evidente nos adjectivos *grande, intenso e forte* e na definição de *fúria* como *força extraordinária*. O carácter negativo da emoção encontra-se também associado às suas consequências. Sendo assim, quando se fica com **raiva** de alguém pode-se gritar com essa pessoa, bater-lhe ou, em casos extremos, até mesmo matá-la; quando se fica furioso por não conseguir resolver determinado problema matemático pode-se partir a calculadora ou rasgar o livro de exercícios. Apesar de a **cólera/raiva/fúria** servir o mesmo propósito regulador das outras emoções, restabelecendo o estado de equilíbrio no organismo que experiencia a emoção, as consequências negativas sobre o meio e o próprio ou outro(s) organismo(s) impossibilitam tantas vezes a reposição total da ordem.

O sentimento de repulsa com a ideia de incorporação de algo ofensivo e o conseqüente afastamento desse objecto ou pessoa constituem uma definição central da emoção **aversão**²⁶ (ou: **nojo, repugnância, repúdio**), a qual encontra correspondência nas definições dicionarísticas. O DLPC-ACL regista:

1. Sentimento de profunda antipatia e má vontade contra alguém ou alguma coisa, desencadeando reacções de afastamento, de fuga, de agressão em quem o experimenta. [...] 2. Repugnância profunda que se tem por alguém ou alguma coisa [...].

O DLP-PE regista:

1. sentimento que nos afasta de alguma pessoa ou coisa que julgamos má; 2. repugnância; 3. antipatia; 4. ódio; (Do lat. aversióne-, 'afastamento').

²⁶ Rozin *et alii*, 1997 e Rozin, 2000.

Como podemos observar, nas definições acima predominam características/conceitos negativos e contrários (o prefixo *anti*-, a emoção **ódio**), bem como a ideia de afastamento, resposta motivada pela natureza má/indesejável de uma pessoa ou coisa.

Integrada no grupo das emoções primárias (Damásio, 1999; Rozin, 2000; Ekman, 1992), a **aversão** distingue-se das restantes emoções porque está especificamente relacionada com um sistema de motivação específico, a fome, e com uma parte específica do corpo, a boca. A rejeição alimentar é considerada estar na origem desta emoção (Rozin, 2000; Darwin, 1998[1872]), cuja expressão se estendeu a outros domínios²⁷.

Todas as emoções acima descritas existem em relação a determinado(s) objecto(s), pessoa(s), acto(s), ou inscrevem-se em determinada(s) circunstância(s): estou alegre porque fui promovido, estou triste porque não passei no exame, estou com raiva de alguém porque esse alguém me bateu, tenho medo do escuro, fui surpreendido pelo regresso inesperado de alguém, o cheiro de peixe podre repugna-me, etc. Há sempre um objecto x ou uma proposição y com/contra/porque se estabelecem determinadas emoções. Não devemos, contudo, confundir objecto com causa de emoção porque a causa de emoção não é condição necessária nem suficiente para ser ao mesmo tempo objecto: se o marido se zanga com a mulher porque ela comprou sumo de laranja em lata em vez de o comprar em garrafas de plástico (motivo trivial), a causa da **raiva** do marido pode ser o facto de este estar drogado ou bêbado, portanto uma causa não relacionada com o pacote em que vem o sumo, apenas um pretexto para descarregar a sua **raiva** em alguém. O objecto da **raiva** pode até mesmo ser determinada característica da mulher e não o facto de ter comprado sumo em lata.

Das definições específicas das várias emoções primárias (negativas e positivas) e da definição de emoção acima apresentada, sublinhamos os seguintes aspectos: os estados psicológicos ou processos denominados “emoções” têm lugar num organismo (no Homem, o corpo humano), são acompanhados de reacções físicas e/ou fisiológicas e têm

²⁷ De acordo com Rozin *et alii* (2000), para os norte-americanos há nove domínios-origem da **aversão**, todos eles envolvendo acontecimentos desagradáveis/negativos: comida, produtos corporais, animais, comportamentos sexuais, contacto com a morte ou cadáveres, violações da parte exterior do corpo, higiene pobre, contaminação interpessoal e certas ofensas morais (Rozin, 2000: 637).

como função principal regular processos sociais. As emoções são desencadeadas, directa ou indirectamente, por um estímulo (um ser ou um objecto, um acontecimento, circunstância, lembrança, etc.) e encontram-se relacionadas com sentimentos, percepções ou crenças em certos temas, objectos ou relações entre estes, reais ou imaginárias. Enquanto processos cognitivos, objecto de pesquisa científica, as emoções têm múltiplas dimensões: comportamental, psicológica, subjectiva e cognitiva, entre outras.

Como ficou dito no início do presente capítulo, reflectiremos, de seguida, sobre perspectivas teóricas que nos permitam compreender como chegámos ao significado contemporâneo de emoção.

A preocupação do homem em compreender as suas próprias emoções é uma preocupação antiga²⁸. Contudo, porque as emoções são processos determinados biologicamente que se dão a nível interno, só os avanços científicos e tecnológicos do séc. XIX em diante permitiram lançar luz sobre o assunto. Antes deste período, as emoções não eram ainda entendidas como processos cognitivos nem lhes tinha sido ainda atribuída origem cerebral. Durante muito tempo, a mente, por extensão do cérebro, seria considerada como representativa da razão, à qual se opunha o corpo, associado às emoções. Esta dicotomia popular foi reavivada pela tradição filosófica ocidental, relacionada com a ascensão da ciência nos séculos XVII e XVIII, que tomava o corpo e a mente como separados.

A separação entre emoção e razão persistira até finais do séc. XIX; por isso, o interesse científico pelos processos cerebrais focalizava-se, predominantemente, em aspectos perceptivos e cognitivos do comportamento, ignorando-se as emoções. Esta tendência foi criticada por William James (2006[1884]), um dos primeiros autores a tentar apontar uma definição de emoção:

The physiologists who, during the past few years, have been so industriously exploring the functions of the brain, have limited their attempts at explanation to its cognitive and volitional performances. Dividing the brain into sensorial and motor centers, they have found their division

²⁸ Emoções e razão/mente, e sobretudo a natureza do conhecimento humano, constituíram alvo de interesse pela parte de diversos estudiosos como por exemplo os filósofos gregos dos séculos IV/V AC. Platão dividia a mente humana em três partes: a parte do raciocínio, do desejo e da emoção. Para Aristóteles as emoções não constituíam um módulo separado. Sobre estes filósofos ver Amy M. Schmitter, “Ancient, Medieval and Renaissance Theories of the Emotions”, 2006a in *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. <http://plato.stanford.edu/entries/emotions-17th18th/> (consulta em 23/10/2006).

to be exactly paralleled by the analysis made by empirical psychology, of the perceptive and volitional parts of the mind into their simplest elements. But the aesthetic sphere of the mind, its longings, its pleasures and pains, and its emotions, have been so ignored in all these researches that one is tempted to suppose that if either Dr. Ferrier or Dr. Munk were asked for a theory in brain-terms of the latter mental facts, they might both reply, either that they had as yet bestowed no thought upon the subject, or that they had found it so difficult to make distinct hypotheses, that the matter lay for them among the problems of the future, only to be taken up after the simpler ones of the present should have been definitively solved. (2006[1884]: 1)

William James tratou o tema das emoções no seu artigo de 1884 “What is an emotion?” (James, 2006[1884]) e oito anos mais tarde regressaria ao assunto no seu livro *Psychology, The Briefer Course* (James, 1985[1892]). A teoria exposta e defendida no artigo de 1884, uma das primeiras teorias acerca do funcionamento das emoções, é apresentada no capítulo XV, “Emotion” (James, 1985[1892]: 240-57), e assenta na ideia de que emoções são sentimentos causados por mudanças em estados fisiológicos, relacionados com as funções motoras e autonómas. O autor começa por distinguir “emoção”, enquanto uma tendência para sentir, de “instinto”, uma tendência para agir, e estabelece também a diferença entre emoções com forte expressão corporal (**raiva, medo, amor, ódio, alegria, mágoa/ressentimento, vergonha, orgulho** e suas variantes) e emoções subtis ou sentimentos estéticos, intelectuais e morais, cujas reacções corporais são muito menos fortes. De acordo com a teoria jamesiana, as emoções são vistas não como causa, mas sim como efeitos ou percepções, que ocorrem de acordo com a seguinte ordem:

a) um certo estímulo acontece (por exemplo, um homem encontra um animal que sabe ser feroz, colocando-o numa situação de perigo);

b) sucede(m)-se a(s) resposta(s) física(s) ao estímulo (na sequência do mesmo exemplo, o homem decide fugir, acto que envolve um aumento da pressão sanguínea, de ritmo cardíaco, contrações musculares, entre outras reacções físicas/fisiológicas);

c) a(s) resposta(s) física(s) chega(m) ao cérebro sob a forma de sensação física e o padrão único de *feedback* sensorial confere a cada emoção uma qualidade específica

(sendo assim, a sensação produzida pela emoção **medo** distingue-se de outras emoções devido à especificidade das suas características fisiológicas)²⁹.

Segundo William James(2006[1884]), o que distingue as diferentes emoções é o facto de cada uma delas envolver a percepção de um conjunto único de mudanças corporais. As reações fisiológicas antecedem e encontram-se na origem das emoções (e não o contrário³⁰), sem as quais estas últimas não existiriam:

I now proceed to urge the vital point of my whole theory, which is this. If we fancy some strong emotion, and then try to abstract from our consciousness of it all the feelings of its characteristic bodily symptoms, we find we have nothing left behind, no "mind-stuff" out of which the emotion can be constituted, and that a cold and neutral state of intellectual perception is all that remains.
(James, 2006[1884]: 4)

Os aspectos fisiológicos correspondentes às diferentes etapas do processo das emoções na teoria de James-Lange³¹ foram criticados pelo fisiologista Walter Cannon e uma teoria alternativa³² foi proposta (Cannon, 1927). A teoria de Cannon³³ propõe que a experiência da emoção acontece em simultâneo com os efeitos físicos: a emoção não resulta dos efeitos físicos, nem os efeitos físicos são consequência da emoção. De acordo com Cannon, o cérebro recebe a mensagem que causa a experiência da emoção, ao

²⁹ Sobre esta questão, diz-nos William James:

My thesis on the contrary is that the bodily changes follow directly the PERCEPTION of the exciting fact, and that our feeling of the same changes as they occur IS the emotion. Common sense says, we lose our fortune, are sorry and weep; we meet a bear, are frightened and run; we are insulted by a rival, are angry and strike. The hypothesis here to be defended says that this order of sequence is incorrect, that the one mental state is not immediately induced by the other, that the bodily manifestations must first be interposed between, and that the more rational statement is that we feel sorry because we cry, angry because we strike, afraid because we tremble, and not that we cry, strike, or tremble, because we are sorry, angry, or fearful, as the case may be. Without the bodily states following on the perception, the latter would be purely cognitive in form, pale, colorless, destitute of emotional warmth. We might then see the bear, and judge it best to run, receive the insult and deem it right to strike, but we could not actually feel afraid or angry. (James, 2006[1884]: 3)

³⁰ Na opinião de James (2006[1884]: 3), “sentimos medo porque fugimos” e não “fugimos porque sentimos medo”.

³¹ William James expôs a sua teoria em 1884 e, um ano depois, o dinamarquês C. G. Lange expôs também a sua teoria, na mesma linha da ideia jamesiana de que a emoção é apenas uma percepção das mudanças no corpo. Os dois autores reuniram os seus textos na obra de 1922 *The Emotions* e a teoria ficou conhecida como a teoria James-Lange.

³² A teoria de Walter Cannon seria desenvolvida nos anos 20, mas aperfeiçoada na década seguinte por um outro fisiologista, Philip Bard. Devido a esta contribuição, a teoria viria a tomar o nome dos dois autores, Cannon-Bard.

³³ Leia-se Cannon-Bard. Ver nota anterior.

mesmo tempo que o sistema nervoso autónomo recebe a mensagem que suscita resposta física.

No final dos anos 30, James Papez (1937) demonstrou a existência de um complexo circuito de emoções no cérebro. De acordo com Papez, o substracto neuroanatómico da experiência emocional podia ser representado pelo seguinte circuito: hipotálamo, tálamo anterior, córtex cingulado, hipocampo, e as suas ligações³⁴. A ideia central da teoria de Papez é a divisão das mensagens sensoriais no tálamo em dois fluxos, o dos pensamentos e o dos sentimentos³⁵. Neste último fluxo, as mensagens sensoriais chegadas ao tálamo são transmitidas ao hipotálamo, criando-se reacções corporais características das emoções. Uma década mais tarde, Paul MacLean (1949) ampliaria a teoria de Papez ao introduzir o termo sistema límbico, ou “cérebro visceral”³⁶, adicionando ao sistema emocional, a amígdala, o septo e o córtex pré-frontal. Para MacLean (1949: 343-4), o sistema límbico é o mediador entre funções viscerais e comportamentos emocionais. Ainda de acordo com este autor, as emoções implicam a integração, no “cérebro visceral”, de dois tipos de sensações: aquelas que decorrem de estímulos do meio ambiente com as sensações viscerais intrínsecas do corpo.

Apesar de o sistema límbico ainda ser considerado como responsável pela regulação dos processos emocionais, nem todos os autores concordam com as estruturas que o compõem. Neste grupo encontra-se Joseph LeDoux, que não aceita a ideia da existência de um grande sistema cerebral emocional, responsável pela origem e controlo das mais diversas emoções, mas sim de vários sistemas cerebrais (LeDoux, 1999: 102-3, 126-7): porque a cada emoção podemos fazer corresponder diferentes funções de

³⁴ No original: *It is proposed that the hypothalamus, the anterior thalamic nuclei, the gyrus cinguli, the hippocampus, and their interconnections constitute a harmonious mechanism which may elaborate the functions of central emotion, as well as participate in emotional expression.* (Papez, 1995[1937]: 111)

³⁵ O neuroanatomista explica que o termo “emoção” implica dois aspectos: uma forma de agir, ou expressão emocional, e uma forma de sentir, ou experiência emocional/sentimento subjectivo.

³⁶ No seu artigo de 1949, MacLean chamaria a atenção para a importância do rinocéfalo, ou cérebro visceral, enquanto parte do cérebro que comanda a organização do comportamento afetivo em impulsos básicos como a obtenção de alimento, defesa e reprodução:

Although, in the ascension to higher forms, the rhinencephalon yields more and more control over the animal's movements to the neocortex, its persistent, strong connections with lower autonomic centers suggests that it continues to dominate in the realm of visceral activity. Hence, the rhinencephalon might be justifiably considered a visceral brain [...] to distinguish it from the neocortex which holds sway over the body musculature and subserves the functions of the intellect. (1949: 343-4)

sobrevivência, LeDoux conclui que cada uma das emoções requer sistemas cerebrais distintos³⁷.

No âmbito dos circuitos neurais das emoções, destacamos o trabalho de António Damásio, que desmistifica a oposição atrás referida entre mente e corpo, razão e emoção: num mundo imprevisível e em constante mudança, as emoções de um sistema inteligente, com múltiplos motivos, capacidades e recursos limitados, revelam-se fundamentais porque indispensáveis à capacidade de tomar decisões e de planeamento a longo-prazo. Damásio demonstra a essencialidade das emoções à vida social humana através de uma série de casos reais, que ilustram a inter-ligação entre corpo, cérebro e emoção³⁸. Compreendemos que escolhas racionais, razoáveis e eficazes consistem sobretudo na capacidade de diferenciar valores, capacidade baseada na identificação e comparação do valor emocional atribuído e esperado de diferentes alternativas de acção disponíveis (é o caso de sentimentos de confiança ou incerteza e capacidades de fazer estimativas). Afecto e lógica são competências sociais e a sua participação em tomadas de decisão varia vastamente de indivíduo para indivíduo, de situação para situação, de cultura para cultura.

As tradições e autores acima referidos, que se debruçaram sobre o estudo das emoções, foram capazes de conduzir à compreensão das emoções enquanto “processos cognitivos”, determinados biologicamente.

Do que ficou dito atrás, podemos concluir, em resposta às questões colocadas no início do presente texto, que as emoções são actos cognitivos que constituem conjuntos complexos de respostas químicas e neurais, responsáveis por alterações no corpo e

³⁷ Explica-nos LeDoux que:

The system we use to defend against danger is different from the one we use in procreation, and the feelings that result from activating these systems – fear and sexual pleasure – do not have a common origin. There is no such thing as the “emotion” faculty and there is no single brain system dedicated to this phantom function. If we are interested in understanding the various phenomena that we use the term “emotion” to refer to, we have to focus on specific classes of emotions. We shouldn’t mix findings about different emotions all together independent of the emotion that they are findings about. Unfortunately, most work in psychology and brain science has done this. (1999: 16)

³⁸ A impossibilidade de separar emoção de razão é afirmada por outros autores, como por exemplo, Richard Lazarus, na sua obra *Passion & Reason – Making Sense of Our Emotions*, redigida em co-autoria com a sua esposa e publicada tal como *Descartes’ Error* em 1994. Diz-nos Lazarus a este respeito que *Emotions always depend on reason and the two cannot be separated in nature (...). / We must cease the long-standing habit of thinking of emotions as irrational or having nothing to do with the ways we think. (1996[1994]: 290)*

cérebro, com a função de auxiliar o organismo a sobreviver. O propósito regulador das emoções torna-as essenciais à vida humana (ou de outro organismo), na medida em que esta função se encontra intrinsecamente associada à capacidade de avaliar e gerir dados/objectivos quotidianos. É desta avaliação e gestão que depende o bom funcionamento do organismo, contribuindo para tomadas de decisão ou medidas vantajosas e permitindo alcançar situações de equilíbrio.

2.2. As emoções em Linguística Cognitiva

O ponto anterior permitiu-nos compreender, de modo breve e geral, o que são as emoções, para que servem e como chegaram a ser concebidas como processos cognitivos³⁹, nesta medida recuperadas enquanto domínio de estudo das ciências cognitivas. A Linguística Cognitiva (LC) integra-se neste grupo porque, tal como as outras ciências cognitivas, *também ela assume que a nossa interacção com o mundo é mediada por estruturas mentais* (Silva, 1997: 4). Especificamente, a LC debruça-se sobre a linguagem como forma de conhecimento, em interacção com outros sistemas cognitivos. Assim, a análise de palavras, expressões ou segmentos linguísticos com conteúdo emocional permite explicar o modo como compreendemos as emoções.

Várias são as perspectivas que tentam caracterizar o significado emocional⁴⁰. Encontramos, por exemplo, a abordagem do “significado central” e a abordagem do “protótipo”, que passaremos a expor de seguida.

De acordo com a perspectiva do “significado central” (em inglês, “core meaning”) (Kövecses, 2003[2000]: 7), podemos distinguir entre significado central (denotativo e conceptual) e periférico (conotativo e residual). O significado central é caracterizado por um número restrito de propriedades, que são tomadas para definir adequadamente uma categoria. A perspectiva do “significado central” das categorias de emoção parte do

³⁹ Vários autores afirmam que determinados aspectos do processo da emoção são indispensáveis à racionalidade (Damásio, 1994: xii-xiii). Damásio, por exemplo, reforçando que: (i) o cérebro e o resto do corpo constituem um organismo indissociável, (ii) o organismo interage com o ambiente como um conjunto, (iii) as operações fisiológicas a que chamamos mente são mais derivadas do conjunto estrutural e funcional do que do cérebro sozinho (Damásio, 1994: xvi-xvii).

⁴⁰ Uma síntese das várias perspectivas que tentam caracterizar o significado emocional é apresentada por Kövecses, na sua obra *Metaphor and Emotion* (2003[2000]), pp. 6-14.

pressuposto que o significado emocional é composto por primitivos semânticos universais (Kövecses, 2003[2000]: 7-8), ou seja, mantém que há um conjunto de conceitos humanos universais lexicalmente incorporados em todas as línguas do mundo. Somente através destes conceitos humanos universais se pode estudar a natureza humana sem distorções etnocêntricas (Wierzbicka, 1995a: 20). Uma das defensoras desta teoria, Anna Wierzbicka (1995a), define raiva através de primitivos semânticos como PENSAR, DESEJAR, BOM, MAU, FAZER, etc: X sente-se como uma pessoa que pensa que alguém lhe fez alguma coisa má e quando é obrigada a fazer o que não quer (Wierzbicka, 1995a: 22). Estes primitivos semânticos são universais e formam o conteúdo conceptual de determinadas palavras emotivas em certas línguas.

Esta abordagem e as tentativas de definir o significado emocional em termos mínimos são baseadas na noção de núcleo, por oposição à noção de periférico. O significado periférico é considerado menos importante na atribuição de sentido a palavras e expressões e é visto como formado por propriedades que não contribuem de modo significativo para o conteúdo cognitivo das palavras (é o caso de propriedades sociais ou afectivas).

A abordagem do significado central é criticada, não só porque nem sempre é possível isolar o significado nuclear, mas também porque, mesmo quando tal é possível, o núcleo sozinho não pode captar a totalidade das nossas experiências, que estão relacionadas com determinados aspectos do mundo (Kövecses, 1990: 13-20). Kövecses (1990) propõe uma abordagem complementar, em que sejam levados em consideração os significados central e periférico, associados a termos emotivos. Somente deste modo pode o significado emocional ser complementado com a experiência emocional, ambos igualmente importantes para definir e compreender os conceitos de emoção.

De acordo com Kövecses (1990: 2), há duas noções especialmente importantes para o estudo da estrutura e conteúdo de conceitos (de emoção ou outros): as noções de protótipo e de modelo cognitivo. A noção de protótipo consiste na ideia de que os conceitos são melhor definidos em termos de melhores exemplos, ou protótipos⁴¹ (observe-se que um pardal é um exemplo mais prototípico de pássaro do que um

⁴¹ De acordo com Rosch (1978: 12), protótipos são os membros de uma categoria que mais reflectem a redundância da estrutura da categoria como um todo.

penguim), e opõe-se à ideia de categorias formadas por unidades discretas (por exemplo, um pássaro é um animal com asas, penas, etc.). O conceito de emoção, tal como qualquer outro conceito, organiza-se por meio de protótipos (Kövecses, 1990: 33-9), ou seja, elementos centrais em torno dos quais estão organizados os membros de uma categoria. Neste sentido, podemos considerar ser a categoria emoção constituída por diversos elementos que assumem diferentes estatutos: raiva, alegria, medo ou tristeza são termos, que expressam emoções, mais prototípicos (ou seja, melhores exemplos de emoção) do que seja irritação, satisfação, insegurança ou desilusão.

A noção de modelo cognitivo é importante na medida em que o modelo cognitivo representa o modo como os protótipos se podem apresentar (Kövecses, 1990: 2) e ajuda-nos a compreendê-los melhor (Kövecses, 1990: 40). Enquanto modelos cognitivos, os conceitos de emoções não são meros conjuntos mínimos de características, mas estruturas complexas formadas por quatro partes (Kövecses, 1990: 40):

- a) um sistema de metonímias conceptuais associadas ao conceito de emoção em questão;
- b) um sistema de metáforas conceptuais associadas ao conceito de emoção em questão;
- c) um conjunto de conceitos relacionados com o conceito de emoção em questão;
- d) uma categoria de modelos cognitivos, um ou mais dos quais são prototípicos.

Por metonímias conceptuais entendem-se as reacções comportamentais e fisiológicas que acompanham as emoções⁴². As metáforas conceptuais são o mecanismo cognitivo tantas vezes utilizado para compreendermos um conceito mais complexo por meio de outro, mais simples. Os conceitos relacionados são aqueles que formam uma parte da rede de conceitos associados com o conceito de emoção em questão. Por exemplo, o ódio/raiva inclui, entre outros, os conceitos de inimizade e desrespeito. A última parte, que constitui os conceitos de emoção (categoria de modelos cognitivos, um

⁴² Kövecses (2003[2000]) tenta ir mais além da versão experiencialista da abordagem do protótipo que entende os conceitos de emoções como sendo apenas motivados pela fisiologia humana e como simples construções sociais (Lakoff e Kövecses, 1987). Kövecses sugere que os conceitos das emoções têm motivação fisiológica e são produzidos por determinado contexto sócio-cultural, demonstrando como os aspectos culturais das emoções, a linguagem metafórica sobre as emoções e a fisiologia humana da emoção fazem parte de um mesmo sistema integrado (Kövecses, 2003[2000]).

ou mais dos quais são prototípicos) é aquela que representa o conceito tal como comumente o concebemos. As três outras partes podem ser entendidas como aquelas que oferecem certa “profundidade” ao que aparece à “superfície” do pensamento, a última parte que compõe a estrutura dos conceitos de emoção (Kövecses, 1990: 40).

Consideramos que grande parte do nosso sistema conceptual pode ser descoberto através de um estudo detalhado da maior parte das expressões lexicais relacionadas com determinados conceitos. Isto é possível porque a linguagem, e sobretudo o léxico, é reflexo do nosso sistema conceptual⁴³. Neste sentido, a linguagem apresenta-se como o meio capaz de nos oferecer dados que podem conduzir a princípios gerais de compreensão das experiências emocionais. Estes princípios gerais envolvem sistemas inteiros de conceitos, muito além das palavras ou conceitos individuais. Tais princípios são muitas vezes de natureza metafórica e envolvem a compreensão de um tipo de experiência em termos de outro tipo de experiência (Lakoff & Johnson, 2003[1980]: 116).

Como ficou dito no início do presente trabalho (ver 1.1. Âmbito, objectivos e motivações do estudo), propomo-nos reflectir sobre a complexa estrutura conceptual das emoções, através da linguagem, no quadro de referência da Linguística Cognitiva. A fim de atingir este objectivo, servir-nos-emos de dois mecanismos cognitivos, a metáfora e a metonímia, *fenómenos conceptuais por natureza, processos e modelos cognitivos, constitutivos do nosso sistema conceptual, modos naturais de pensar e de falar, tanto na linguagem corrente como no discurso científico, radicados na experiência humana e responsáveis quer pela estruturação do pensamento, da linguagem e da acção, quer pela inovação conceptual* (Silva, 2003). Importa sublinhar e explicar que a metáfora existe na linguagem apenas porque existe no corpo/cérebro e pensamento. Diz-nos Kövecses (“Metaphor and metonymy in cognitive linguistics”, s/d) que as metáforas linguísticas são expressões de conceitos metafóricos no sistema conceptual do cérebro. Como veremos adiante, expressões metafóricas linguísticas podem revelar metáforas no pensamento, designadas de metáforas conceptuais (ver mapeamentos básicos, abaixo).

⁴³ A abordagem de conceitos baseada no estudo de expressões lexicais é designada de “abordagem lexical”. De acordo com esta abordagem, a ênfase é colocada na estrutura interna de cada item e não são procurados contrastes sistemáticos (Kövecses, 1990: 41-6).

Mas debruçemo-nos agora sobre metáfora e metonímia e vejamos de que modo estes instrumentos nos podem auxiliar a compreender as emoções.

Raiva, tristeza, aversão, alegria, surpresa ou medo são conceitos abstractos. Não os vemos, nem tocamos, nem ouvimos. Mas apercebemo-nos da sua existência, sentimos e falamos sobre eles, muitas vezes compreendendo-os como se fossem concretos. Utilizamos conceitos concretos como termo de comparação útil à compreensão de conceitos abstractos, mais difíceis de descrever ou definir. Assim, falamos sobre o **medo**, a **raiva** ou a **tristeza** como líquidos que nos “enchem” (*Fiquei cheio de medo/raiva*) e que até podem transbordar (*fazendo esforço para não chorar*⁴⁴). As emoções são compreendidas como líquidos e o corpo como o contentor/recipiente que as encerra. Não somente o corpo, mas também outros conceitos são compreendidos em termos da ideia de contentor, como podemos ver na Figura 1.

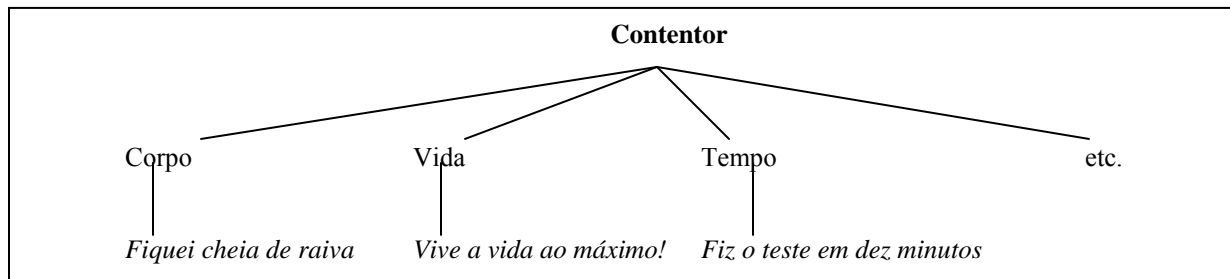


Figura 1: Domínios compreendidos em termos do conceito de Contentor

Assim, o corpo é compreendido como um *contentor de emoções*, o que se reflecte em expressões do quotidiano como *transbordei de alegria* ou *afundou-se na própria tristeza*. Estes exemplos ilustram ainda a ligação entre os conceitos/domínios de emoção e líquido, com correspondências sistemáticas:

LÍQUIDO → EMOÇÃO

Sujeito que bebe o líquido → Sujeito que sente a emoção

⁴⁴ In: “America Under Attack”, Eurico Mendes, *PT*, 19/09/2001, p. 29.

<i>Estou-lhe com uma sede!</i>		(Tenho raiva de...)
Recipiente que contém o líquido	→	Sujeito que sente a emoção ⁴⁵
<i>Estou cheio de medo</i>		(Estou com medo de...)
Quantidade do líquido	→	Grau da emoção
<i>Um mar de tristeza</i>		(Grande tristeza)
Estado do líquido	→	Respostas físicas/fisiológicas associadas com a emoção
<i>Fica frio</i>		(Não fiques com raiva /Não te enerves)

No enquadramento da LC, as correspondências entre dois domínios, acima Emoção e Líquido, são chamadas de “metáfora conceptual” e representadas como A É B: EMOÇÃO É LÍQUIDO. O conceito representado em A é o conceito que requer compreensão e o representado em B aquele que serve para explicar A. A relação entre A e B é estabelecida através do verbo “ser” (É). A metáfora permite-nos conceptualizar, portanto, através de uma relação de similaridade, domínios distintos. Há várias componentes que caracterizam as ligações metafóricas entre os dois conceitos (Emoções e Líquidos, Corpo e Contentor, etc.). Destacamos: domínios fonte e alvo; as relações entre estes domínios; as estruturas neurais que correspondem aos domínios fonte e alvo no cérebro; as bases em que a metáfora pode ser estabelecida; expressões linguísticas metafóricas; mapeamentos; inferências; aspectos de fonte e alvo; amálgamas; realizações não-linguísticas de metáforas conceptuais; modelos culturais⁴⁶.

O conceito representado no domínio fonte (B) é mais concreto do que o do domínio alvo (A), característica que facilita a compreensão de A em termos de B. Na metáfora EMOÇÃO É LÍQUIDO, acima apresentada, o “líquido” pode ser saboreado, sentido, cheirado, visto, ouvido, ou seja, é mais “concreto” do que as emoções (vemos expressões de **alegria**, mas não a emoção em si). Há dois tipos de explicação possíveis para a relação que existe entre os conceitos dos dois domínios (Kövecses, “Metaphor and metonymy in cognitive linguistics”, s/d):

⁴⁵ Esta correspondência implica uma outra metáfora conceptual: PESSOAS SÃO CONTENTORES. O sujeito, ou melhor, o corpo do organismo é compreendido como um contentor.

⁴⁶ Kövecses, “Metaphor and metonymy in cognitive linguistics”, s/d.

1) Tradicionalmente, a escolha de domínios pode ser explicada através de uma relação de semelhança. Sendo assim, uma lei que não é promulgada “morre” e, nesta medida, pode ser comparada com uma pessoa que morre: *O prolongamento da 245i era a esperança de muitos imigrantes, mas a lei acabou por ser mais uma vítima dos ataques terroristas de 11 de Setembro.*⁴⁷

2) A escolha de domínios pode também ser motivada por relações de experiência “incorporada” (“embodied”). Os estados corporais motivam diversas metáforas conceptuais. Por exemplo, actividades físicas intensas levam a um aumento da temperatura do corpo, quando nos zangamos a temperatura sobe, em situações de perigo a temperatura/pressão sanguínea pode descer. Deste modo, podemos compreender determinados conceitos (domínio alvo) em função de um domínio origem com motivações físicas/fisiológicas: RAIVA É CALOR, DISCUSSÃO É CALOR, etc.

Esta última explicação deu origem à chamada “teoria neural” da metáfora, descrita resumidamente por Kövecses:

In short, conceptual metaphors are ensembles of neurons in different parts of the brain connected by neural circuitry. The ensembles of neurons located in different parts of the brain are the source and target domains and the physical neural circuitry that connects them are the mappings. This allows us to see metaphor as physical (i.e., neural) structures in the brain. To learn a metaphor means that appropriate neural connections are “recruited” between different parts of the brain. This happens as a result of repeated and simultaneous neural activation of two brain areas. For example, the repeated and simultaneous neural activation of the emotion domain (region) and the temperature domain (region) in childhood and later on in life leads to the establishment of the appropriate neural circuitry between the two domains, yielding, as one special case, the AFFECTION IS WARMTH metaphor. (“Metaphor and metonymy in cognitive linguistics”, s/d: 5)

De acordo com a “teoria neural”, quando compreendemos metaforicamente conceitos abstractos, dois grupos de neurónios são activados ao mesmo tempo no cérebro: o domínio fonte localizado no sistema sensório-motor e o domínio alvo nas zonas corticais altas. De acordo com Kövecses (“Metaphor and metonymy in cognitive linguistics”, s/d), a activação destes grupos de neurónios constitui as designadas

⁴⁷ In: “Congresso não deu presente / de Natal aos imigrantes / ilegais renovando lei 245i”, PT, 26/12/2001, p. 1.

metáforas conceptuais primárias, tais como MAIS É PARA CIMA (MENOS É PARA BAIXO) e INTENSIDADE É CALOR.

A relação entre os domínios fonte e alvo pode ser de dois tipos (Kövecses, “Metaphor and metonymy in cognitive linguistics”, s/d):

a) âmbito da fonte, em que um domínio fonte pode ser aplicado a vários domínios alvo (cf. Figura 1, supra).

b) âmbito do alvo, em que um domínio alvo pode estar ligado a vários domínios fonte.

As correspondências conceptuais ou projecções básicas (no sentido de fundamentais) estabelecidas entre domínios são também denominadas “mapeamentos”⁴⁸. Na metáfora que acabámos de referir, podemos apontar os seguintes mapeamentos/correspondências:

Origem: CALOR/LÍQUIDO QUENTE NUM CONTENTOR Alvo: RAIVA

o contentor físico → o corpo da pessoa zangada

o líquido quente dentro do contentor → a **raiva**

o grau da temperatura (quente) do líquido → a intensidade da **raiva**

a causa do aumento da temperatura do líquido → a causa da **raiva**

A selecção de dois domínios específicos (fonte e alvo) e a ligação de ambos encontra-se na origem de expressões linguísticas metafóricas. O segmento textual *os sentimentos de raiva que [...] inflamam os nova-iorquinos*⁴⁹ é exemplo da metáfora RAIVA É CALOR, RAIVA É LÍQUIDO QUENTE NUM CONTENTOR (supra). Muitas vezes, da ligação entre um domínio fonte e um domínio alvo emerge um novo “material conceptual” designado “espaço amálgama” (Kövecses, “Metaphor and metonymy in cognitive linguistics”, s/d). Quando dizemos *Ela deitava fumo pelas orelhas de tanta raiva*, a pessoa que sente **raiva** constitui o domínio alvo e o fumo num contentor o

⁴⁸ Muitas vezes, os domínios fonte fazem mapeamentos que vão além das correspondências básicas, são mapeamentos de ideias. Por exemplo, na metáfora VIDA É VIAGEM, em que a vida é conceptualizada como uma viagem, com um veículo (o estar vivo), passageiros (os seres-vivos), início, meio e fim (do nascimento à morte) e paragens/destino (decisões/objectivos). Se o carro avaria, podemos ir ao mecânico (quando adoecemos vamos ao médico); se nos perdemos, procuramos o caminho certo (quando não temos objectivos tentamos criá-los), etc.

⁴⁹ In: “Fanatismo”, Manuel Calado, *PT*, 19/09/2001, p. 30.

domínio fonte. Sabemos que nem a pessoa que sente **raiva** (domínio alvo) tem fumo a sair dela, nem o contentor (domínio fonte) têm orelhas. Contudo, o exemplo apontado integra conceptualmente os dois. Ao processo de integração de elementos da fonte com elementos do alvo (correspondentes a espaços mentais diferentes⁵⁰) que resultam num novo espaço mental damos o nome de amálgama conceptual⁵¹.

O exemplo *Ela deitava fumo pelas orelhas de tanta raiva* implica três domínios, ou de acordo com Fauconnier & Turner (2002) inputs (espaços mentais), diferentes: Calor, Emoção (**raiva**) e Corpo. Podemos estabelecer mapeamentos metafóricos entre Calor e Emoção (**raiva**), Emoção (**raiva**) e Corpo, e Calor e Corpo. Estes três inputs formam a *network* da raiva:

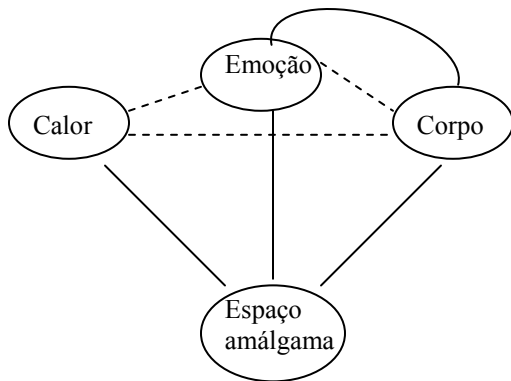


Figura 2: Network da Raiva segundo Fauconnier & Turner (2002: 303)

O processo de integração conceptual do exemplo acima (*Ela deitava fumo pelas orelhas de tanta raiva*) inclui estes três diferentes inputs: o corpo (os efeitos físicos/fisiológicos da **raiva**⁵²), a emoção (a emoção **raiva**) e o calor (acontecimentos

⁵⁰ Determinados estudos parecem apontar para a actividade de algumas partes do cérebro no decorrer do processo da amálgama conceptual, nomeadamente entre os elementos dos domínios fonte e alvo:

Our implementation model takes the conceptual features of blending seriously, and assumes that each of the constructs appealed to at the conceptual level is a reflection of some aspect of the implementation architecture. This means in general that each of the input spaces as well as the blended space has a separate implementation base. Not only are separate cortical areas by and large responsible for storing the constructions and lexemes, but that there is a separate (at the very least functionally separate) cortical area whose responsibility is implementation of the blended space. (Grush & Mandelblit, 1997: 9)

⁵¹ Sobre amálgama conceptual ver Fauconnier & Turner, 2002.

⁵² Um levantamento das principais metonímias fisiológicas das emoções é apresentado por Silva, 2003: 20-1.

físicos, o “fumo”). Este processo de integração conceptual pode ser representado de forma simplificada através da Figura 3.

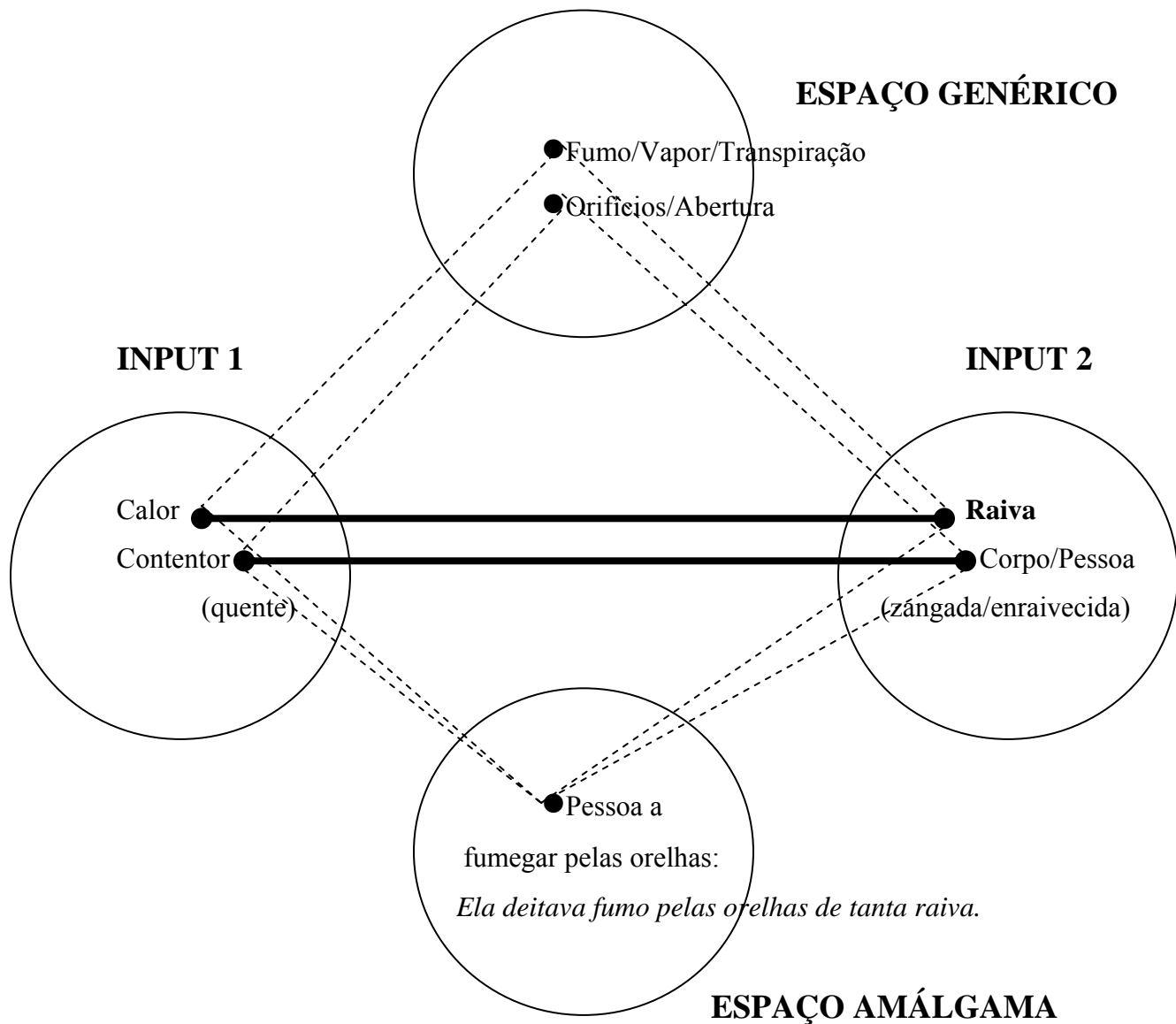


Figura 3: Representação simplificada da amálgama conceptual implícita na frase *Ela deitava fumo pelas orelhas de tanta raiva*, com base em Fauconnier & Turner (2000: 39-58)

A Figura 3 integra conceptualmente dois inputs diferentes: elementos da fonte (contentor com um líquido em ebulição) são integrados com elementos do alvo (pessoa com **raiva**). Deste modo, temos uma pessoa com **raiva** (contentor com líquido em ebulição) que deita fumo/vapor pelas orelhas (abertura).

Como ficou dito atrás, aos conjuntos de projecções entre domínios fonte e alvo damos o nome de metáforas conceptuais. Estas manifestam-se em expressões linguísticas metafóricas (por exemplo, *Estou cheia de medo*), mas há também metáforas conceptuais com realização prática. A metáfora conceptual IMPORTANTE É CENTRAL revela-se não só em expressões linguísticas metafóricas (como na expressão *O cerne da questão*), mas também em ocasiões sociais: os lugares físicos com maior importância tendem a ser os do centro (veja-se a título de exemplo as fotografias de turma, em que os professores aparecem à frente dos alunos e por eles rodeados).

Devemos chamar a atenção para o facto de as metáforas até aqui apresentadas não existirem isoladamente. Elas convergem e muitas vezes produzem modelos culturais, estruturas que são ao mesmo tempo culturais e cognitivas e que operam no raciocínio. A estas estruturas damos o nome de “modelo cultural”, “modelo cognitivo” ou “modelo cognitivo idealizado” (em inglês, “Idealized Cognitive Model”, ou ICM) porque são representações mentais culturalmente específicas de aspectos do mundo.

De acordo com a abordagem da LC e como acabámos de ver, a metáfora não é apenas um fenómeno linguístico, mas também neural, corporal, sócio-cultural e conceptual. As metáforas conceptuais podem ser classificadas de acordo com o seu grau de convencionalidade, natureza, generalidade e função cognitiva.

O grau de convencionalidade de uma metáfora constitui o grau (maior ou menor) em que uma metáfora linguística ou conceptual se convencionalizou pelo uso. Expressões linguísticas metafóricas como *Ele estava a arder de paixão* são altamente convencionais para a metáfora EMOÇÕES SÃO LÍQUIDOS QUENTES NUM CONTENTOR, ao contrário do inconventional verso camoniano *Amor é fogo que arde sem se ver*.

Relativamente à sua natureza, as metáforas são baseadas em dois tipos de conhecimento: o conhecimento proposicional, que deriva do significado de expressões e frases que usamos para descrever determinados fenómenos; o conhecimento proveniente de frequentes e repetidas experiências do mundo, que dão origem ao conhecimento esquema-imagético (a metáfora ESTADOS SÃO CONTENTORES é baseada neste tipo de conhecimento, como podemos observar na frase: *Estava num grande estado de nervos*).

Quanto ao nível das metáforas na escala de abstracção, encontramos metáforas genéricas e metáforas específicas. Assim, a metáfora EMOÇÕES SÃO FORÇAS pode ser

considerada uma generalização das metáforas específicas como MEDO É UMA FORÇA NATURAL (TEMPESTADE) (cf. 3.2.1. Medo). O medo é uma emoção e o domínio fonte de tempestade uma força (natural).

As metáforas têm diferentes funções, que podem co-existir e de acordo com as quais podem ser classificadas: impor estrutura sobre o alvo (metáforas estruturais), oferecer um estatuto ontológico ou existencial ao domínio alvo (metáforas ontológicas, por exemplo, a mente é vista como um contentor (objecto) de emoções) e dar coerência a vários domínios-alvo (metáforas orientacionais, como no caso da emoção **felicidade/alegria**, que tem um carácter positivo, sendo metaforicamente orientada para cima, ao contrário da emoção **tristeza**, com carácter negativo e orientada para baixo).

As metáforas orientacionais foram assim designadas (Lakoff, 2003[1980]: 14) porque a maior parte está relacionada com orientação no espaço (cima-baixo, dentro-fora, frente-trás) e é explicada pelo nosso corpo e pelo modo como funcionamos no nosso meio físico. As metáforas orientacionais ou espaciais não estruturam apenas um conceito em termos de outro, mas organizam um sistema completo de conceitos em relação uns aos outros. Assim, encontramos as metáforas FELICIDADE É PARA CIMA, TRISTEZA É PARA BAIXO, em que os conceitos metafóricos surgem da nossa experiência física: quando estamos felizes assumimos muitas vezes uma postura erecta, ao contrário de quando estamos tristes, geralmente cabisbaixos. Ou ainda as metáforas RACIONAL É PARA CIMA, EMOCIONAL É PARA BAIXO, que podem ser explicadas quer por uma base física quer cultural: graças à sua capacidade de raciocínio, o ser humano considera-se superior a plantas e animais que facilmente pode controlar. A metáfora CONTROLO É PARA CIMA oferece base para a metáfora HOMEM É PARA CIMA e consequentemente RACIONAL É PARA CIMA (Lakoff, 2003[1980]: 17). Sublinhamos que há neste tipo de metáforas uma sistemacidade geral externa capaz de lhes dar coerência: a metáfora BOM É PARA CIMA dá à direcção PARA CIMA uma característica positiva que é coerente com casos especiais como FELICIDADE É PARA CIMA ou CONTROLO É PARA CIMA (Lakoff, 2003[1980]: 18).

Da mesma forma que as metáforas espaciais nos permitem compreender conceitos em termos de orientação/direcção, as metáforas ontológicas oferecem-nos a possibilidade de compreender as nossas experiências em termos de objectos ou substâncias que, deste modo, podem ser tratadas como unidades discretas (Lakoff, 2003[1980]: 25). Sendo

assim, as nossas experiências com objectos físicos e especialmente com os nossos próprios corpos servem de base a uma grande variedade de metáforas ontológicas, ou seja, formas de compreender acontecimentos, actividades, emoções ou ideias como entidades e substâncias. Como vimos nos exemplos atrás (*Fiquei cheio de medo/raiva, fazendo esforço para não chorar, transbordei de alegria, afundou-se na própria tristeza*) o nosso corpo é compreendido como um contentor e as emoções como líquidos dentro desse contentor. Torna-se mais fácil identificar ou avaliar o grau (mais ou menos) de uma emoção se a compreendermos como algo físico, neste caso, um líquido.

Dos três grandes grupos de metáforas atrás referidos, explica-nos Lakoff (2003[1980]: 61) que as metáforas estruturais são aquelas que nos permitem desenvolver e compreender conceitos em maior grau de complexidade. As metáforas direccionais e ontológicas permitem-nos sobretudo orientar conceitos, referirmo-nos a eles e quantificá-los, ao passo que as metáforas estruturais permitem-nos ainda utilizar um conceito altamente estruturado e claramente delineado para estruturar um outro.

Para além da metáfora, o outro instrumento cognitivo utilizado no presente trabalho é a metonímia, que pode ser definida da seguinte forma:

Metonymy is a cognitive process in which a conceptual element, or entity (thing, event, property), the vehicle, provides mental access to another conceptual entity (thing, event, property), the target, within the same frame, or idealized cognitive model (ICM). (Kövecses, “Metaphor and metonymy in cognitive linguistics”, s/d: 14)

A grande diferença entre este processo cognitivo e a metáfora reside no facto de, na metáfora, estarem envolvidos dois domínios conceptuais (fonte e alvo), ao passo que a metonímia envolve um único domínio. Por exemplo, na frase *Quando a Guerra acabou e Moscovo se retirou, bin Laden voltou aos negócios familiares na Arábia Saudita*.⁵³, “Moscovo” (veículo) está pelo governo ou tropas soviéticas (alvo). Compreendemos que “Moscovo” não é, neste contexto, o espaço geográfico correspondente à capital da ex-URSS, mas sim do governo soviético.

Relações de substituição entre elementos de um mesmo domínio são designadas de metonímia, por exemplo a parte representando o todo, ou o todo representando a parte.

⁵³ In: “Terror nos EUA - Usama bin Laden, o principal suspeito”, *PT*, 19/09/2001, p. 3.

A noção de domínio permite o uso de determinados elementos/veículos em lugar de elementos alvo: visto um domínio ser composto por vários elementos, um dos elementos pode representar outros elementos do mesmo domínio.

No exemplo de metonímia acima apresentado encontramos para o domínio GOVERNO o lugar pela instituição. O domínio governo inclui, entre outros, o chefe de estado, os membros do governo, os lugares onde estão as instituições. Assim, de acordo com o domínio GOVERNO, quando alguém escreve/diz *Quando a Guerra acabou e Moscovo se retirou*⁵⁴, esse alguém dirige a atenção (ou oferece acesso mental) para o governo ou tropas soviéticas (alvo) através do uso de um outro elemento conceptual (“Moscovo” – veículo) pertencente ao mesmo domínio.

Um outro exemplo que pode ser apontado é o dos princípios metonímicos gerais obtidos para as emoções:

Os efeitos fisiológicos de uma emoção representam a emoção

As reacções comportamentais de uma emoção representam a emoção (Kövecses, 1990: 73)

Cada emoção (domínio) é composta por vários efeitos fisiológicos e/ou reacções comportamentais (elementos), que podem representar a emoção: sorrimos quando estamos alegres, choramos quando estamos tristes, trememos de medo, etc.

Em resumo, a metonímia possibilita-nos entender, por contiguidade, um subdomínio em vez de um outro subdomínio, ou de todo um domínio.

Será por meio das duas operações cognitivas expostas – metáfora e metonímia – que estudaremos as emoções primárias, introduzidas no capítulo anterior, no contexto dos ataques terroristas 11 de Setembro de 2001, de 11 de Março de 2004 e de 7 de Julho de 2005 no âmbito da imprensa luso-americana. A nossa abordagem será nomeadamente a adoptada por George Lakoff (1987, 1991, 1992, 2001), George Lakoff e Mark Johnson (1980), Lakoff e Kövecses (1987), e Kövecses (1990, 1991, 1998, 2003[2000]). Esta abordagem vai ao encontro do pressuposto de base do presente trabalho que a linguagem do dia-a-dia, sobretudo expressões convencionalizadas e empregadas para falar das

⁵⁴ In: “Terror nos EUA - Usama bin Laden, o principal suspeito”, *PT*, 19/09/2001, p. 3.

emoções, constitui o instrumento que nos permitirá descobrir a estrutura e conteúdo dos nossos conceitos de emoção, que, por sua vez, são capazes de revelar aspectos importantes das nossas experiências de emoções.

2.3. Constituição do *Corpus*

Com a finalidade de atingir os objectivos a que nos propusemos no início do presente trabalho e de discutir as hipóteses colocadas (Capítulo 1), foi estabelecido, a partir de textos de imprensa, um *corpus* linguístico constituído por unidades lexicais (palavras, expressões, frases ou até mesmo parágrafos) com carácter emocional.

O conjunto de unidades linguísticas será constituído por descritores⁵⁵ (veja-se, a palavra *medo* para a emoção **medo**), palavras que expressam as emoções (é o caso de *terror* para a emoção **medo**) ou as suas manifestações físicas (*tremor* para a emoção **medo**).

De entre os dados linguísticos seleccionados para o presente estudo, incluem-se ainda segmentos textuais figurados (metafóricos) que nos permitirão compreender o modo como as emoções são conceptualizadas, como na passagem *o medo chegou a apoderar-se [...] de milhões de americanos*⁵⁶ em que a emoção **medo** é conceptualizada como um superior, podendo estabelecer-se a metáfora conceptual MEDO É UM SER SUPERIOR.

A identificação e selecção do jornal que serviu de base ao estudo da expressão das emoções em reacção ao terrorismo revelou-se uma tarefa difícil e morosa desde a etapa inicial. O conhecimento e acesso a jornais redigidos em língua portuguesa e publicados nos EUA não é fácil: por uma parte, nenhum destes periódicos é de âmbito nacional; por outra, dadas as dimensões geográficas do país, a divulgação tem lugar sobretudo a nível estadual ou em zonas restritas e entre grupos específicos da população.

⁵⁵ Esquemáticamente, o conjunto de descritores utilizados no presente trabalho, baseado em Kövecses (2003: 2-6), pode ser representado da seguinte forma: {[termos literais (+ básicos) (- básicos)] [termos e expressões figuradas]}.

⁵⁶ In: “Tempos de Natal”, Manuel Caldo, *PT*, 26/12/2001, p. 36.

Os jornais em língua portuguesa na costa este dos EUA são publicados sobretudo nos estados de Nova Inglaterra, regiões que apresentam índices elevados de emigrantes portugueses e/ou luso-descendentes. São jornais de pequena tiragem, de tipo panfletário, bi-semanais ou semanais⁵⁷ e escritos numa língua que nos EUA é minoritária. Têm grande número de colaboradores na equipa de redacção, facto que justifica a elevada ocorrência do texto de autor, como a crónica.

De entre os jornais consultados, publicados no nordeste dos EUA, seleccionámos o jornal *Portuguese Times (PT)*, publicado semanalmente desde 1970, em New Bedford, estado de Massachussets, em suporte de papel, às quartas-feiras. Este periódico obedece ao formato tablóide e tem uma tiragem de aproximadamente 12.000 exemplares⁵⁸. Durante os anos da selecção de edições (de 2001 a 2005) contámos dez secções presentes ao longo de todas as edições de textos utilizados para constituição do *corpus* (*Comunidade, Rhode Island, Portugal, Açores/Madeira, Crónica, Artes & Espectáculos, Geral, Horóscopo/Televisão, Desporto e Classificados*) e cinco que não surgem em todas as edições: *Escreva Connosco, Gazetilha, Página Ligeira, Portuguese Beat e In English*.

A selecção de edições publicadas entre 2001 e 2005 justifica-se pelas datas em que ocorreram os ataques terroristas aos EUA, 11 de Setembro de 2001, a Madrid, 11 de Março de 2004, e à capital londrina, 7 de Julho de 2005. O espaço de tempo que vai dos primeiros aos últimos ataques terroristas permitiu-nos medir a frequência anual de dados linguísticos com carácter emocional, identificando cada emoção primária e analisando os mesmos dados de acordo com o enquadramento teórico anteriormente exposto. Os resultados anuais de todas as emoções, identificadas a partir das unidades lexicais, foram, numa fase final do presente trabalho, comparados entre si. A comparação destes resultados permitiu-nos apontar, em relação aos diferentes ataques terroristas, quais as emoções predominantes e possíveis motivos.

Enfrentado o obstáculo inicial, impunha-se a necessidade de pesquisar o maior número possível de edições, de modo a recolher todos os textos que contivessem informações linguísticas capazes de descrever e/ou expressar emoções em reacção aos

⁵⁷ Até ao momento, desconhecemos a existência de jornais diários redigidos total ou maioritariamente em língua portuguesa, publicados nos EUA.

⁵⁸ Informações obtidas em *Bowker's News Media Directory*, vol. 1, Bowker, New Providence, New Jersey, 2004.

ataques terroristas. O levantamento deste tipo de informação permitiu-nos a criação e estruturação do *corpus*. Para cada texto relativo ao terrorismo foi criada uma ficha (ver Anexo I), seguida da análise do seu conteúdo. Estas fichas são compostas por dois tipos de informação:

1) Informações não-linguísticas, que constituem os elementos de identificação de cada notícia: nome do jornal, título (e outros títulos da mesma notícia como o subtítulo) da notícia em análise, data de publicação, secção e número(s) de página(s) em que a notícia se encontra, foto(s) e respectiva legenda(s). Apesar de estas informações não caberem na parte da análise da expressão das emoções, decidimos incluí-las nas fichas não só por uma questão de método, mas porque pensámos poder vir a servir-nos delas para inferir determinados aspectos capazes de complementar a análise linguística.

2) Dados linguísticos seleccionados a partir de cada notícia e analisados em função do enquadramento teórico escolhido, com vista à definição dos seguintes conceitos específicos:

a) Modelos cognitivos.

b) Metáfora(s) e metonímia(s) conceptuais.

c) Itens lexicais que denominam as emoções que, de acordo com as análises efectuadas em a) e b), se apresentam como as emoções presentes/predominantes em cada notícia.

De acordo com o que ficou atrás estabelecido, a nossa atenção recaiu sobre um tipo específico de emoção, as emoções primárias ou universais⁵⁹, como ficaram definidas atrás (ver 2.1. Emoção: definição, categorização e diferentes perspectivas): **alegria, tristeza, medo, raiva, surpresa e aversão**. Dada a vastidão e controvérsia do tema, decidimos debruçar-nos sobre um número restrito de emoções que, integradas num mesmo grupo, reunissem certa concordância e nos permitissem compreender o modo como os ataques terroristas foram compreendidos e avaliados. Como vimos no início do presente estudo, as emoções secundárias não só não reúnem concordância, como constituem um conjunto demasiado vasto para poder ser estudado em profundidade no presente trabalho. Deste modo, excluímos emoções secundárias ou sociais e emoções de

⁵⁹ Sobre este assunto ver 2.1. Emoção: definição, categorização e diferentes perspectivas.

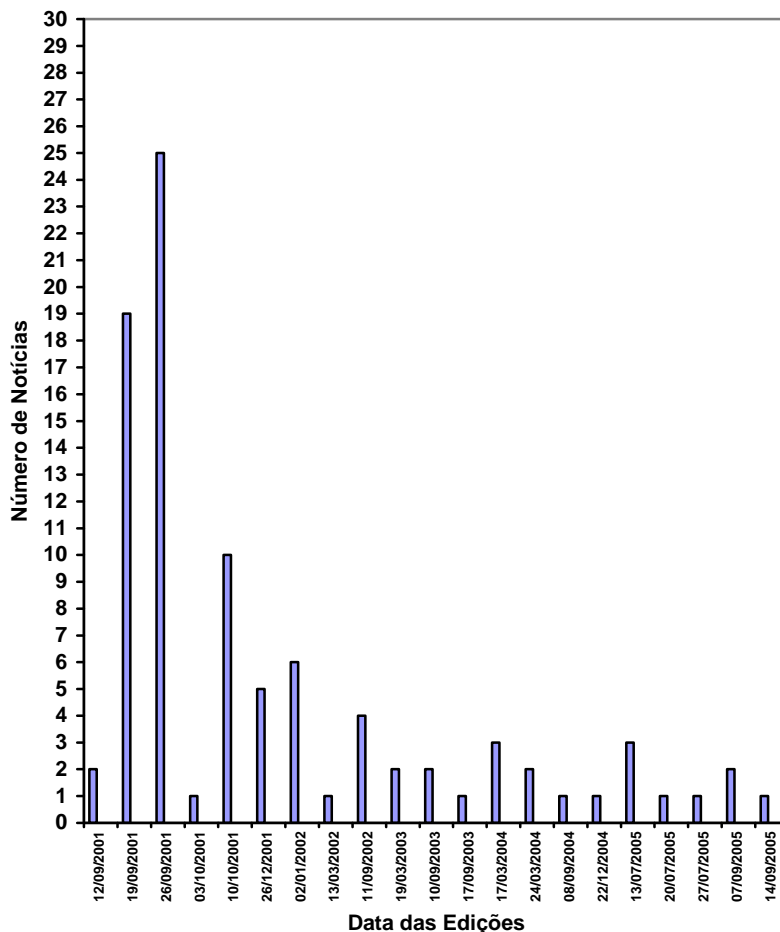
fundo, bem como sentimentos e sentimentos de fundo. No entanto, referências pontuais a estes sentimentos e emoções foram realizadas, sempre que tal se mostrou pertinente.

A etapa de registo em fichas e criação do *corpus* revelou-se uma tarefa ainda mais árdua e morosa do que a primeira fase, nomeadamente devido ao elevado número de textos, relativos ao terrorismo, que foram encontrados nas 21 edições seleccionadas. O critério geral de selecção foi o âmbito do presente trabalho: (i) a expressão das emoções em reacção (ii) ao terrorismo. As notícias sem unidades lexicais com carácter emocional nem referências aos ataques terroristas em foco no presente trabalho não foram seleccionadas. Assim, obtivemos 93 textos, distribuídos pelas seguintes secções: *Crónica, Portuguese Beat, Comunidade, Primeira Página, Rhode Island, Portugal, Açores/Madeira, Escreva Connosco, Artes & Espectáculos, Geral*⁶⁰.

A distribuição das notícias por datas das respectivas 21 edições seleccionadas é apresentada no Gráfico 1: Distribuição dos textos do *corpus* por datas das respectivas 21 edições do Portuguese Times seleccionadas. Observamos que as edições relativas ao ano de 2001 reúnem o maior número de textos (62), seguidas das de 2002 (11), 2005 (8), 2004 (7) e, em último lugar, 2003 (5).

⁶⁰ Uma lista dos textos seleccionados para constituição do *corpus* do presente trabalho é apresentada no Anexo II.

Gráfico 1: Distribuição dos textos do *corpus* por datas das respectivas 21 edições do *Portuguese Times* seleccionadas



Devido ao carácter inédito e dimensão dos ataques de 2001 aos EUA, estes acontecimentos foram, como seria de prever, acompanhados pela imprensa e relatados em detalhe nas edições dos meses de Setembro e Outubro de 2001, datas em que decorreram as duas primeiras fases da invasão no Afeganistão⁶¹. Assim, não nos surpreendeu encontrar, em 2001, a grande maioria de textos de imprensa relativos aos

⁶¹ In: *The 9/11 Commission Report*, pp. 337-8.

ataques terroristas aos EUA e ao terrorismo em geral, contendo unidades lexicais com conteúdo emocional.

Os resultados obtidos para o ano de 2002 também eram esperados não só porque o acontecimento ainda estava presente na memória das pessoas, mas também porque, na sequência dos ataques aos EUA, foi declarada guerra ao terrorismo, sucedendo a criação de medidas e estratégias capazes de punir terroristas e evitar futuros ataques.

Previsíveis foram igualmente os resultados obtidos para os anos de 2004 e 2005, em que ocorreram os ataques em solo europeu. Significativo foi o facto de as notícias relativas aos ataques de Madrid ocuparem 71,4% do total do ano de 2004 e ter uma delas destaque de primeira página, ao passo que os textos relativos aos ataques à capital do Reino Unido ocuparam apenas 50% do total do ano de 2005, sendo a outra metade relativa ou com referência aos ataques de 2001.

O resultado que mais nos surpreendeu foi o do ano de 2003. Nas edições e respectivas notícias sobre a invasão do Iraque em Março de 2003, invasão legitimada pelo alegado envolvimento de Saddam Hussein em actividades terroristas contra os EUA e, possivelmente, nos ataques terroristas de 2001, esperávamos ter encontrado referências a estes últimos e expressão de emoções em reacção aos mesmos. Não só tal hipótese não se confirmou como o ano de 2003 apresentou o número mais baixo de textos sobre o terrorismo. Podemos interpretar este resultado com base na questionável ligação de Saddam Hussein aos ataques de 2001, na discutível existência no Iraque de alegadas armas de destruição maciça, ou ainda devido ao tempo que decorreu entre os ataques (2001) e a guerra contra o Iraque (2003).

A recolha e análise de informações linguísticas foi realizada por anos, em primeiro lugar porque no presente trabalho estudamos a expressão das emoções em reacção a três ataques terroristas que ocorreram em diferentes anos (2001, 2004 e 2005), em segundo lugar devido à hipótese de determinadas emoções estarem somente associadas ao momento em que os ataques aconteceram (2001, 2004 e 2005), portanto excluídas dos anos de 2002 e 2003. Dada a dimensão dos ataques de 2001, considerámos importante analisar a ocorrência de emoções suscitadas por estes ataques não só nos textos publicados na altura em que aconteceram, mas também nas edições dos anos seguintes (2002 e 2003), que precederam os ataques a Espanha e ao Reino Unido.

Importava também reflectir sobre emoções primárias que se repetissem no momento dos ataques de 2001, 2004 e 2005. Apesar das diferenças entre os ataques aos três países, todos eles foram desempenhados pelo mesmo grupo terrorista e resultaram em elevadas perdas humanas e materiais. Nesta medida, pode ser estabelecido um estudo comparativo entre as emoções suscitadas pelos três ataques em textos publicados no mesmo jornal.

A descrição e análise dos dados obtidos obedecerá, portanto, a uma divisão anual e as emoções encontradas em 2001, 2002, 2003, 2004 e 2005 serão analisadas, no Capítulo 3, por subcapítulos. A partir dos 93 textos escolhidos (cf. Anexo II), obtivemos determinados resultados que, no capítulo seguinte, serão contados globalmente, a fim de determinar a presença/ausência e frequência das emoções detectadas nos anos contemplados, e todas as metáforas e metonímias encontradas serão estudadas em pormenor.

A descrição e análise dos textos do *corpus* e, posteriormente, a discussão dos resultados obtidos permitir-nos-ão manter ou rejeitar as hipóteses apresentadas no capítulo anterior.

CAPÍTULO 3

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

3.1. Os ataques terroristas e a metáfora conceptual d' O CONTO DE FADAS DA GUERRA JUSTA

Na primeira parte do presente trabalho, debruçámo-nos sobre o conceito de metáfora conceptual e ilustrámos este mesmo conceito com algumas metáforas relacionadas com determinadas emoções. Importa agora reflectir sobre uma metáfora conceptual inerente a conflitos, sobretudo conflitos armados, a metáfora conceptual d' O CONTO DE FADAS DA GUERRA JUSTA. De acordo com esta metáfora, uma guerra, ataque ou conflito armado pode ser moralmente legitimado e portanto considerado como justo, se compreendido em termos de um conto de fadas.

Os contos de fadas são narrativas caracterizadas por intervenientes e etapas específicas. De início, há uma situação de harmonia. A harmonia é quebrada por um crime cometido por um vilão contra uma vítima, que está inocente. Este crime ocorre devido a uma desigualdade de poder (a vítima encontra-se em desvantagem em relação ao vilão, não se podendo defender deste) e gera-se uma situação de desequilíbrio moral. O equilíbrio é repostado, na maior parte das vezes com dificuldade, por um herói, que pode ser a própria vítima, um seu apoiante, ou ambos. O herói é racional, corajoso e com fortes valores morais, ao contrário do vilão, irracional, imoral e com o qual o herói não pode dialogar, mas apenas derrotar.

No momento em que a vítima é salva e o vilão derrotado, o equilíbrio moral inicial é restabelecido. O herói termina glorioso, os seus esforços reconhecidos pela vítima e pela comunidade, e a guerra, confronto ou luta justificada a custo da paz, nesta medida uma guerra “justa”. O bem, representado pela vítima e pelo herói, papéis que despertam simpatia, vence sobre o mal, representado pela pessoa, ser ou entidade que desempenha o papel de vilão, que suscita desdém e toda uma série de sentimentos negativos.

Os ataques terroristas de 2001, 2004 e 2005 podem ser entendidos no contexto da presente metáfora porque são conflitos armados. Não são declarações de guerra no sentido mais comum da palavra porque não encontramos um país ou grupo que explicita e formalmente declara guerra a um outro país ou grupo. Contudo, tratam-se de declarações de guerra na medida em que os objectivos que se pretendem alcançar são políticos/ideológicos e recorre-se à violência para alcançar esses mesmos objectivos. O grupo terrorista AlQaeda, alegadamente responsável pelos ataques de 2001, 2004 e 2005, atacou, primeiro, edifícios simbólicos e, nos anos seguintes, em Espanha e no Reino Unido, os ataques foram legitimados pelas posições de aliados dos EUA que aqueles dois países tomaram na guerra contra o terrorismo, declarada pelos EUA na sequência dos ataques de 2001.

Tal como em conflitos armados e de acordo com as características estabelecidas atrás para os contos de fadas, também no caso dos ataques de 2001, 2004 e 2005 encontramos os três principais intervenientes, que desempenham diferentes papéis em diferentes momentos: aquele que ataca (o vilão) e que gera a situação de desequilíbrio, o que sofre o ataque (a vítima) e o que salva ou ajuda (o herói) aquele que sofre o ataque, restabelecendo a ordem inicial.

Para efectuar a abordagem por nós proposta, começamos por identificar os intervenientes nos ataques terroristas e modo como são conceptualizados. De acordo com os autores dos textos seleccionados e em diferentes momentos do *corpus*, determinadas emoções são atribuídas aos diferentes intervenientes, cujos papéis são desempenhados na sua maioria pelos mesmos sujeitos, contudo observaram-se, ao longo dos textos do *corpus*, variações.

Sublinhamos, mais uma vez, que o nosso *corpus* foi constituído a partir das edições de 2001 a 2005, um período de tempo em que aconteceram não só os ataques terroristas em análise, mas também duas intervenções armadas dos EUA: contra o Afeganistão e contra o Iraque. A forma como os intervenientes nestes acontecimentos são vistos varia. Assim, se por um lado para americanos e aliados os ataques terroristas de 2001 aos EUA são condenáveis, por outro, para aquelas pessoas, grupos ou países que discordam da política norte-americana, os ataques de 2001 aos EUA podem ser merecidos e constituir motivo de alegria.

A análise dos textos do *corpus* permitiu-nos estabelecer os resultados abaixo, relativamente aos intervenientes na metáfora em discussão, no contexto do terrorismo.

Em primeiro lugar, a vítima é invariavelmente o conjunto de pessoas mortas na sequência dos ataques terroristas à cidade de Nova Iorque⁶²:

*Cerca de 60 milhões de pessoas estiveram de olhos postos no pequeno ecrã a presenciar o “Tributo aos Heróis” durante o espectáculo que Hollywood montou em benefício das vítimas e famílias dos ataques terroristas de 11 de Setembro.*⁶³

e à cidade de Londres:

*O Mundo Ocidental acaba de ser abalado por mais um acto terrorista. Desta vez foi escolhida pelos fanáticos do Islão a cidade de Londres e o seu sistema de locomoção. Dezenas de mortos, centenas de feridos, altos prejuízos materiais foram o resultado deste assalto terrorista [...]. / A Inglaterra, que até agora tinha escapado incólume à ameaça do terrorismo, acaba de enfileirar ao lado dos Estados Unidos e da Espanha.*⁶⁴

Encontramos ainda vítimas individuais (encontrámos referências a portugueses/luso-americanos/cidadãos de países lusófonos mortos e desaparecidos nos ataques: António Augusto Tomé da Rocha, João Alberto Fonseca Aguiar, Manuel da

⁶² Em diversos momentos do *corpus*, a vítima (os EUA / povo Americano) corresponde também ao herói: *Outro filme de guerra (...) também foi afectado dramaticamente (...) perdeu um dos personagens verdadeiros da história na tragédia do WTC: Rick Rescorla (...), um “Herói de Verdade”* (in: “Osama Bin Laden e Hollywood”, *PT*, 10/10/2001, p. 27).

⁶³ In: “Ataques terroristas / e as suas consequências” - “60 milhões presenciaram / o “Tributo aos Heróis”, *PT*, 26/09/2001, p. 12.

⁶⁴ In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

Mota, António José Rodrigues, Leah Oliver, Christopher Mello e Dorothy Araújo), vítimas colectivas (*Isto não foi um ataque aos EUA. Isto foi um ataque ao mundo.*⁶⁵, [O]s americanos [...] *passam a ser uns anjinhos e cair em situações catastróficas tal como sucedeu.*⁶⁶), uma norma de conduta jurídica, a lei 245i⁶⁷ (*O prolongamento da 245i era a esperança de muitos imigrantes, mas a lei acabou por ser mais uma vítima dos ataques terroristas de 11 de Setembro.*⁶⁸).

Destacamos ainda um momento de um texto do *corpus* em que um dos entrevistados aplica a palavra “inocentes” a dois tipos diferentes de vítimas. Por um lado, encontra-se o grupo de inocentes que será vítima da acção retaliatória do herói (vítima ≠ EUA); por outro, os inocentes que correspondem às vítimas da acção do vilão (vítima = EUA): *Mas temos no meio de tudo isto os inocentes que vão ser atingidos, se bem que temos de ter em conta os inocentes que estavam nas torres e que foram mortos sem saber porquê.*⁶⁹

Em segundo lugar, o herói é o papel que apresenta maior variação ao longo do *corpus*. Encontramos, no papel de herói, os bombeiros que intervieram na derrocada das Torres Gémeas (*Os novos heróis são os bombeiros, mais de 300 morreram na derrocada das Torres Gémeas.*⁷⁰), os EUA (*Claro que não vamos matar tudo o que se encontra pelo caminho. Mas temos de localizar os autores desta tragédia e trazê-los à justiça.*⁷¹), os EUA e Reino Unido (*Forças dos Estados Unidos e do Reino Unido iniciaram domingo a fase militar da operação “Liberdade Duradoura” contra o terrorismo mundial.*⁷²), Usama Bin Laden⁷³ (*Usama bin Laden, o “cérebro” terrorista mais conhecido e procurado do mundo, embora um “santo” guerreiro para os islamitas radicais*⁷⁴ e *Para*

⁶⁵ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 12.

⁶⁶ In: ““O mundo tem de se unir contra o terrorismo””, *PT*, 19/09/2001, p. 13.

⁶⁷ O documento de que esta lei faz parte é intitulado “Immigration and Nationality Act” e pode ser encontrado em <http://www.uscis.gov/graphics/lawsregs/ina.htm> (consulta em 03/03/2006).

⁶⁸ In: “Congresso não deu presente / de Natal aos imigrantes / ilegais renovando lei 245i”, *PT*, 26/12/2001, p. 1.

⁶⁹ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 12.

⁷⁰ In: “America Under Attack”, Eurico Mendes, *PT*, 19/09/2001, p. 29.

⁷¹ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 12.

⁷² In: “EUA bombardeiam Afeganistão”, *PT*, 10/10/2001, p. 1.

⁷³ Adoptámos a transcrição do nome árabe apresentada pelo Federal Bureau of Investigation, <http://www.fbi.gov/wanted/terrorists/terbinladen.htm> (consulta em 03/03/2006).

⁷⁴ In: “Terror nos EUA” - “Usama bin Laden, o principal suspeito”, *PT*, 19/09/2001, p. 3. Neste texto encontramos duas variantes opostas da mesma metáfora. Usama Bin Laden é considerado quer vilão (“terrorista”) quer herói (“santo” guerreiro): *Usama bin Laden, o “cérebro” terrorista mais conhecido e*

os ocidentais Osama é um fanático desprezível, mas para milhões de árabes é um herói.⁷⁵).

Em terceiro lugar, o vilão é invariavelmente o terrorismo (*o inimigo não tem rosto. É o terrorismo.*⁷⁶) e os autores dos ataques (*Os autores dos atentados terroristas morreram. Vamos agora procurar os mentores de todo este revoltante acto.*⁷⁷). Encontramos, também, no papel de vilão Usama Bin Laden⁷⁸ (*Usama bin Laden, considerado responsável pelos ataques suicidas de 11 de Setembro contra New York e Washington que fizeram mais de 5.000 mortos ou desaparecidos.*⁷⁹ e *Usama bin Laden, o “cérebro” terrorista mais conhecido e procurado do mundo, embora um “santo” guerreiro para os islamitas radicais.*⁸⁰), os EUA⁸¹ (*Quando os Estados Unidos*

procurado do mundo, embora um “santo” guerreiro para os islamitas radicais. In: “Terror nos EUA - Usama bin Laden, o principal suspeito”, *PT*, 19/09/2001, p. 3.

No *corpus*, encontramos um momento em que se descreve o percurso, a transformação do alegado autor dos ataques, Usama Bin Laden, ocorrendo mesmo um momento em que o vilão se apresenta como herói, ao lado da vítima:

Em 1979, na esteira da invasão soviética do Afeganistão, a sua fortuna (...) permitiu-lhe financiar e apoiar os mujaidine, chegando a ir com eles para a frente de combate, em 1986.

A revolta islâmica contra a ocupação comunista, até 1989, foi largamente secundada pelos Estados Unidos e Usama bin Laden chegou a receber avultadas ajudas económicas directamente da CIA. Quando a Guerra acabou e Moscovo se retirou, bin Laden voltou aos negócios familiares na Arábia Saudita. (in: “Terror nos EUA - Usama bin Laden, o principal suspeito”, *PT*, 19/09/2001, p. 3)

Nesta passagem encontramos aquele que, no momento após os ataques, é considerado o vilão (Usama Bin Laden e Afeganistão) como herói/vítima, ao lado dos EUA e contra a então URSS, o vilão. Como nos podemos aperceber, os papéis invertem-se quando as posições geo-políticas se alteram. Usama Bin Laden opõe-se à presença estado-unidense em dois momentos, relacionados com motivos económicos e religiosos:

- *quando os norte-americanos estacionaram tropas no país, preparando a defesa das jazidas petrolíferas do Golfo Pérsico contra o expansionismo iraquiano* (In: “Terror nos EUA - Usama bin Laden, o principal suspeito”, *PT*, 19/09/2001, p. 3) e

- *[q]uando os Estados Unidos colocaram em alerta os seus efectivos devido à invasão do Kuwait – a 02 de Agosto – e se precipitou a Guerra do Golfo, Usama bin Laden acusou o rei Fahd de converter a nação numa “colónia” dos infiéis que conspurcavam os lugares santos de Meca e Medina, preconizando a criação de um “verdadeiro” Estado Islâmico* (in: “Terror nos EUA - Usama bin Laden, o principal suspeito”, *PT*, 19/09/2001, p. 3).

⁷⁵ In: “America Under Attack”, Eurico Mendes, *PT*, 19/09/2001, p. 29.

⁷⁶ In: “III Guerra Mundial?”, *PT*, 26/09/2001, p. 28.

⁷⁷ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 12.

⁷⁸ O regime talibã e Usama Bin Laden são apresentados no artigo como adeptos da mesma religião: “Talibãs, o movimento radical islâmico” e “o chefe islamita”. Sobre esta questão, ver a resposta de Chomsky (2001) à pergunta “Are Arabs, by definition, necessarily fundamentalist, the West’s new enemy?” (2001: 21)

⁷⁹ In: “EUA bombardeiam Afeganistão”, *PT*, 10/10/2001, p. 1.

⁸⁰ In: “Terror nos EUA - Usama bin Laden, o principal suspeito”, *PT*, 19/09/2001, p. 3.

⁸¹ Para “fundamentalistas islâmicos”, o vilão são os EUA, representação do Mal/Diabo, como podemos ler na seguinte passagem:

colocaram em alerta os seus efectivos devido à invasão do Kuwait – a 02 de Agosto – e se precipitou a Guerra do Golfo, Usama bin Laden acusou o rei Fahd de converter a nação numa “colónia” dos infiéis que conspurcavam os lugares santos de Meca e Medina, preconizando a criação de um “verdadeiro” Estado Islâmico.⁸²), geral (qualquer doente deslocado do outro lado do mundo pode vir lançar sabe-se lá o quê, por acto de terrorismo e fazer a maior destruição possível e imaginária.⁸³) e específico (vermes que espalharam a dor e a destruição⁸⁴).

Os papéis acima descritos (vilão, herói e/ou vítima) situam-se no contexto da metáfora conceptual d’O CONTO DE FADAS DA GUERRA JUSTA⁸⁵, que perpassa todo o *corpus*. Estes papéis são atribuídos de acordo com a realidade em que cada um de nós acredita, realidade muitas vezes construída por metáforas.

Nas passagens do *corpus* acima apresentadas, constatamos que à mesma metáfora conceptual correspondem duas variantes centrais, opostas: por um lado e de acordo com as *forças ocidentais*⁸⁶, a vítima corresponde ao mundo ocidental (*O Mundo Ocidental acaba de ser abalado por mais um acto terrorista.*⁸⁷) e o vilão a Usama Bin Laden e ao regime/país que o acolhe (o regime talibã/o Afeganistão); por outro e de acordo com “os talibãs”, a vítima corresponde a Usama Bin Laden e ao Afeganistão, que apela para a “jihad” (guerra santa), e o vilão aos EUA.

Além do problema dos cancelamentos, o temor dos ataques chegou também a Hollywood e os estúdios reforçaram a segurança depois de um alerta do FBI sobre possíveis atentados contra instalações ligadas as indústrias do cinema e da televisão, entendidas pelos fundamentalistas islâmicos como outro símbolo dos tentáculos do “Grande Satã”. (In: “Osama Bin Laden e Hollywood”, PT, 10/10/2001, p.27)

⁸² In: “Terror nos EUA - Usama bin Laden, o principal suspeito”, PT, 19/09/2001, p. 3.

⁸³ In: “O mundo tem de se unir contra o terrorismo”, Manuel Luciano da Silva, PT, 19/09/2001, p. 13.

⁸⁴ In: “75º aniversário da Banda do Clube / Juventude Lusitana”, PT, 19/09/2001, p. 14.

⁸⁵ Cf. Master Metaphor List, da autoria de G. Lakoff (<http://cogsci.berkeley.edu/lakoff/metaphors/>), a qual contém três índices de busca: por nome de metáfora, por domínio fonte ou por domínio alvo (consulta em 07/06/2006).

⁸⁶ *O mundo ocidental* (In: “Tempos de Natal”, Manuel Calado, PT, 26/12/2001, p. 36. In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, PT, 13/07/2005, p. 29. In: “Nova Iorque, Pompeia do século XXI”, Manuel Luciano da Silva, PT, 26/09/2001, p. 42), as *forças ocidentais* (In: “EUA bombardeiam Afeganistão”, PT, 10/10/2001, p. 1), ou as *Forças dos Estados Unidos e do Reino Unido* (In: “EUA bombardeiam Afeganistão”, PT, 10/10/2001, p. 1) apoiam a iniciativa e colocam-se, portanto, ao lado dos EUA: *A operação recebeu largo apoio no mundo ocidental* (In: “EUA bombardeiam Afeganistão”, PT, 10/10/2001, p. 1) e *Vários países da NATO, entre os quais Portugal, poderão disponibilizar forças militares para futuras acções anti-terroristas* (In: “EUA bombardeiam Afeganistão”, PT, 10/10/2001, p. 1).

⁸⁷ In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, PT, 13/07/2005, p. 29.

As forças em confronto são, portanto, *os mundos cristão e islâmico*⁸⁸ e, como nos é explicado em determinado momento do *corpus*, os motivos das guerras desencadeadas pelos ataques de Setembro de 2001 (Afeganistão e Iraque), não são *apenas de carácter religioso, mas também político, nacionalístico [sic] e económico*.⁸⁹

A metáfora da GUERRA JUSTA pode ser ainda analisada de acordo com dois enquadramentos, um global, do terrorismo, e um específico, da guerra contra o Afeganistão e contra o Iraque. É sobretudo nesta última perspectiva que a metáfora da GUERRA JUSTA ganha contornos mais delineados porque o alegado motivo da invasão (os ataques de 11 de Setembro), invasão realizada sem o apoio do restante mundo ocidental/vítima (*sem a concordância das Nações Unidas*⁹⁰), não convence o público⁹¹, o Iraque não é considerado parte do vilão, o terrorismo (*Mais, a mesma sondagem indica que pela primeira vez os americanos vêem a guerra do Iraque como algo separado da luta contra o terrorismo*⁹²), e o presidente norte-americano tem de convencer aqueles que questionam a decisão militar da legitimidade da guerra:

*Porque pouco a pouco a opinião pública norte-americana vira-se [sic] contra a ocupação norte-americana do Iraque, o presidente George W. Bush foi, na terça-feira 28 de Junho de 2005 perante as câmaras da televisão, para tentar, ainda mais uma vez, convencer a população em geral que a sua guerra é uma guerra justa. [...], utilizando [George W. Bush], ainda mais uma vez a apologia da ignorância e o discurso do medo e do pavor, para tentar convencer um público cada vez mais céptico.*⁹³

⁸⁸ In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

⁸⁹ In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

⁹⁰ In: “O discurso da inutilidade”, Diniz Borges, *PT*, 13/07/2005, p. 31.

⁹¹ No texto “O discurso da inutilidade”, Diniz Borges, *PT*, 13/07/2005, p. 31:

Todos sabemos que não houve nem um iraquiano [quinze dos dezanove sequestradores dos aviões utilizados nos ataques eram originários da Arábia-Saudita, enquanto que os outros quatro eram provenientes do Egipto, dos Emirados Árabes Unidos e Líbano] na cumplicidade dos assaltos daquele trágico dia. Não há nenhuma ligação estabelecida entre os organizadores daquele horroroso crime e o antigo regime de Bagdade. Se há lições para aprendermos é que a administração Bush, pegou na tragédia de 11 de Setembro e utilizou-a como pretexto para os seus planos secretos de conquistar o Iraque e controlar a sua vasta riqueza petrolífera. Aliás, se bem me recordo a vasta maioria dos responsáveis pelo 11 de Setembro eram sauditas, e foi com os responsáveis por este nefasto reinado que George W. Bush andou, recentemente, de mãos dadas.

⁹² In: “O Discurso da Inutilidade”, Diniz Borges, *PT*, 13/07/2005, p. 33.

⁹³ In: “O Discurso da Inutilidade”, Diniz Borges, *PT*, 13/07/2005, p. 33.

3.2. Expressão das emoções em reacção ao terrorismo - 2001

Apresentaremos, de seguida, o levantamento e análise dos marcadores linguísticos presentes no *corpus*, que expressam emoções primárias em reacção ao terrorismo. A apresentação das emoções será realizada por ordem de frequência de informações linguísticas encontradas: (i) **medo**, (ii) **raiva**, (iii) **tristeza**, (iv) **surpresa**, (v) **aversão** e (vi) **alegria**.

3.2.1. Medo

De entre as emoções de pólo negativo encontradas nos textos de 2001, portanto no contexto dos ataques terroristas aos EUA, o **medo** é a emoção predominante. Assumimos que este resultado seja consequência da natureza do próprio acontecimento⁹⁴, relacionada com os seguintes factores: a) no caso da experiência directa dos ataques, a emoção resulta do perigo suscitado por estes acontecimentos; b) quanto à experiência indirecta dos ataques, a expressão do **medo** faz-se sobretudo em relação ao meio utilizado nos ataques, aviões comerciais⁹⁵.

Observámos maior intensidade do **medo** em a) do que em b), diferença traduzida nos itens lexicais e metáforas/metonímias empregadas. Em relação a b) encontrámos o vocábulo *receio*, o qual sugere uma forma menos intensa de **medo** (*para uns surgiu o receio de voar*⁹⁶), e *medo*, descritor da emoção primária (*logo que as pessoas percam o medo de voar tudo regressa à normalidade*⁹⁷, *No respeitante ao medo de voar, tudo isto é*

⁹⁴ Relembremos que, de acordo com a definição do Departamento de Estado dos EUA, terrorismo é violência premeditada, com motivações políticas, cometida contra alvos não-combatentes ou agentes clandestinos, normalmente com a intenção de influenciar um público (Dunne, 2004: 3).

⁹⁵ O estudo “Assessing the Impact of the September 11 Terrorist Attacks on U.S. Airline Demand”, apresentado por Itu & Lee (2004), tal como o título indica, trata sobre os efeitos económicos que os ataques terroristas de 2001 aos EUA tiveram, até Novembro de 2003, na indústria aérea. A análise demonstra uma mudança estrutural negativa na procura aérea, mudança para a qual o factor medo foi considerado como contribuinte. In: http://www.brown.edu/Departments/Economics/Papers/2003/2003-16_paper.pdf (consulta em 15/05/2006).

⁹⁶ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 11.

⁹⁷ In: “George W. Bush perante o Congresso e o mundo: ‘Teremos de fazer justiça’ - Repórter na Rua: Os ataques terroristas aos EUA”, *PT*, 26/09/2001, p. 10.

*passageiro*⁹⁸). Já em a), encontramos (i) itens lexicais e (ii) expressões que indicam formas mais intensas e expressões físicas da emoção **medo**:

(i) *pânico (a multidão que dali fugiu em pânico*⁹⁹) e *horror/horrível (foi horrível e conto de horror*¹⁰⁰). As definições apresentadas no DLP-PE comprovam a diferença de grau existente entre “medo” e “pânico” (“terror súbito e violento, especialmente colectivo, causado por uma ameaça de perigo, que desencadeia reacções e comportamentos pouco racionais e por vezes perigosos”) e “horror” (“2. sensação de grande medo”). No caso de “pânico”, a distinção é-nos proporcionada via “terror” (“pânico” significa “terror súbito e violento” e “terror”, por sua vez, significa “1. grande medo”), ao passo que em “horror” directamente pelo adjectivo “grande” (“2. sensação de grande medo”).

(ii) a INCAPACIDADE DE SE MOVER é característica de uma forma intensa de **medo**¹⁰¹: *fiquei como paralisada sem saber o que fazer até que alguém me agarrou pelo braço para fugir.*¹⁰² A manifestação física de uma forma intensa de **medo** é GRITAR: *Entretanto acontece o desabamento da primeira torre perante gritos e lágrimas de todos os que ali presenciavam aquela tragédia.*¹⁰³, *multidão em pânico [...] a gritar começamos a correr e fui parar ao Times Square*¹⁰⁴.

⁹⁸ In: “George W. Bush perante o Congresso e o mundo: ‘Teremos de fazer justiça’ - Repórter na Rua: Os ataques terroristas aos EUA”, *PT*, 26/09/2001, p. 10.

⁹⁹ In: “Um médico português à porta do Inferno”, *PT*, 19/09/2001, p.4.

¹⁰⁰ In: “Um médico português à porta do Inferno”, *PT*, 19/09/2001, p.4.

¹⁰¹ O verbo *assustar-se* (de *susto*, no DLP-PE “1. grande inquietação provocada por acontecimento inesperado; sobressalto; 2. medo repentino; 3. temor profundo”), forma/manifestação de **medo** muitas vezes visível, foi encontrado no *corpus*: *Nos primeiros dias, as pessoas assustaram-se com os voos das caças F15 e F16 patrulhando os céus a baixa altitude* (in: “Patrulhas nocturnas de aviões provocam insónia, mas tranquilizam a população”, *PT*, 26/09/2001, p. 4). A par deste verbo, destacamos também o verbo *estremecer*, que ocorre duas vezes no mesmo texto: *estremecemos perante o que o futuro nos possa trazer. / Estremecemos também pela vibração dos aviões de guerra que constantemente chegam e partem desta ilha [Terceira, Açores] (...) e buscam o inimigo para satisfazerem o seu desejo de justiça* (in: “Jumanji”, Silvério Gabriel Melo, *PT*, 10/10/2001, p. 35). Sublinhamos que no seu emprego intransitivo, o verbo *estremecer* é definido pelo DLP-PE: “1. tremer; arrepiar-se; 2. assustar-se; (Do lat. *extremescere*, freq. de *tremère*, ‘tremer’)”. Este verbo remete para a metonímia EFEITO FÍSICO PELA CAUSA e para a metáfora conceptual EMOÇÕES SÃO FORÇAS (Lakoff, http://cogsci.berkeley.edu/lakoff/metaphors/Emotions_Are_Forces.html), em que um dos efeitos fisiológicos do **medo** (tremer) representa a emoção e, por sua vez, o efeito representa a força do **medo**.

¹⁰² In: “Viúva a morte de perto - Diariamente tomava o pequeno-almoço / no World Trade Center, um atraso / de minutos salvou-me a vida”, *PT*, 19/09/2001, p. 9.

¹⁰³ In: “Viúva a morte de perto - Diariamente tomava o pequeno-almoço / no World Trade Center, um atraso / de minutos salvou-me a vida”, *PT*, 19/09/2001, p. 9.

¹⁰⁴ In: “Viúva a morte de perto - Diariamente tomava o pequeno-almoço / no World Trade Center, um atraso / de minutos salvou-me a vida”, *PT*, 19/09/2001, p. 9.

Apesar de nenhuma das passagens textuais mencionadas em (ii) fazer referência directa ao **medo**, são indicativas desta emoção no contexto em que se inserem: 1) os ataques provocam o desmoronamento das Torres Gémeas; 2) há perigo de vida¹⁰⁵ para as pessoas que se encontram nas imediações, que sentem determinados efeitos fisiológicos (como é o caso do aumento de batimento cardíaco) e apresentam certas reacções comportamentais (por exemplo, gritar); 3) as pessoas fogem¹⁰⁶. Estas etapas formam um modelo metonímico-cognitivo do **medo**, que tem por base, de acordo com Kövecses (1990), os seguintes princípios metonímicos obtidos a partir dos excertos indicados em (ii):

Os efeitos fisiológicos do medo representam o medo

As reacções comportamentais do medo representam o medo (1990: 73)

Estes princípios são casos especiais dos princípios metonímicos gerais apontados por Kövecses (1990), já anteriormente referidos em 2.2. As emoções em Linguística Cognitiva:

Os efeitos fisiológicos de uma emoção representam a emoção

As reacções comportamentais de uma emoção representam a emoção (1990: 73)

Para além destes princípios metonímicos e a fim de obtermos um modelo cognitivo do **medo** com origem nos ataques terroristas de 2001 aos EUA, deveremos ainda tomar em consideração o que a linguagem metafórica nos diz sobre a emoção. No *corpus*, encontramos as seguintes metáforas que têm o medo como domínio alvo¹⁰⁷:

- MEDO É UM LÍQUIDO NUM CONTENTOR/EMOÇÕES SÃO LÍQUIDOS NUM CONTENTOR/CORPO COMO CONTENTOR¹⁰⁸ DE EMOÇÕES: *Fiquei cheia de medo e todos [...]*

¹⁰⁵ Esta etapa encontra expressão no título “Viu a morte de perto...”.

¹⁰⁶ No *corpus*, *multidão em pânico (...)* a gritar começamos a correr e fui parar ao Times Square. In: “Viu a morte de perto - Diariamente tomava o pequeno-almoço / no World Trade Center, um atraso / de minutos salvou-me a vida”, *PT*, 19/09/2001, p. 9.

¹⁰⁷ As mesmas metáforas, para expressões em língua inglesa, são indicadas por Zoltan Kövecses na sua obra *Emotion Concepts* (1990: 74-82).

¹⁰⁸ A metáfora do CORPO COMO UM CONTENTOR produz parcialmente uma outra, fundamental para o nosso trabalho, EMOÇÕES SÃO LÍQUIDO NUM CONTENTOR e, relacionada com esta, EMOÇÕES SÃO FORÇAS.

se assustaram.¹⁰⁹ A metáfora conceptual do CONTENTOR é particularmente importante para o presente estudo porque reflecte o modo como compreendemos o corpo relativamente a várias emoções primárias e como estas podem ser compreendidas relativamente ao corpo: o corpo é visto como um contentor de emoções e estas como líquidos dentro daquele (cf. 2.2. As emoções em Linguística Cognitiva).

- MEDO É FORÇA/EMOÇÕES SÃO FORÇAS: *o medo voltou a bater-nos à porta*¹¹⁰.

- MEDO É UMA FORÇA NATURAL (TEMPESTADE-NUVEM): *O comércio de Natal veio insuflar novo optimismo e afastar o medo que havia alastrado como nuvem negra sobre a América*.¹¹¹

- MEDO É UM Oponente: *Barroso afirmou que os EUA e a Europa não podem “sucumbir ao medo” e sustentou que a reacção aos atentados da passada semana tem que ser “enérgica e decidida”*.¹¹²

- MEDO É UM SUPERIOR: *o medo chegou a apoderar-se da mente de milhões de americanos*¹¹³.

As metáforas acima enumeradas, em conjunto com os princípios metonímicos atrás apontados, permitem-nos obter um modelo cognitivo do **medo**, no contexto dos ataques terroristas à cidade de Nova Iorque¹¹⁴:

1) Perigo

Os ataques terroristas provocam o desmoronamento das Torres Gémeas do WTC, criando uma situação de perigo de vida ou dano físico e psicológico¹¹⁵ para as pessoas que se encontram no local (dentro e fora dos edifícios).

As pessoas estão conscientes do perigo.

O perigo causa **medo** às pessoas.

¹⁰⁹ In: “Virgem de Fátima ajuda / a apanhar bin Laden”, *PT*, 26/12/2001, p. 32.

¹¹⁰ In: “Virgem de Fátima ajuda / a apanhar bin Laden”, *PT*, 26/12/2001, p. 32.

¹¹¹ In: “Tempos de Natal”, Manuel Calado, *PT*, 26/12/2001, p. 36.

¹¹² In: “Resposta aos / ataques divide / Parlamento”, *PT*, 26/09/2001, p. 25.

¹¹³ In: “Tempos de Natal”, Manuel Caldo, *PT*, 26/12/2001, p. 36.

¹¹⁴ Este modelo pode ser comparado com aquele apresentado por Kövecses para o **medo**, em geral (1990: 79).

¹¹⁵ No *corpus*: *stress psicológico* (in: “A Guerra dos Bês”, Eurico Mendes, *PT*, 10/10/2001, p. 27.), *trauma* (in: “Osama Bin Laden e Hollywood”, *PT*, 10/10/2001, p.27).

2) Existência de **medo**

O **medo** existe como um volume dentro das pessoas.

As pessoas sentem determinados efeitos fisiológicos e apresentam reacções comportamentais suscitadas pelo **medo**.

3) Tentativa de controlo

As pessoas que se encontram no local tentam controlar o **medo**.

4) Perda de controlo

As pessoas presentes no local onde se situavam as Torres Gémeas perdem controlo sobre o **medo**¹¹⁶.

5) Fuga¹¹⁷

O primeiro estágio deste modelo é representado no *corpus* pelo vocábulo *perigo*¹¹⁸ (*situações de perigo*¹¹⁹). A insegurança e o **medo** são sentimentos e emoções associadas a situações de perigo, como podemos observar a partir das definições apontadas para ambos os vocábulos pelo DLP-PE: “insegurança” é uma “situação em que alguém se sente ameaçado ou se encontra exposto a um perigo” e “medo” é um “sentimento de inquietação que surge com a ideia de um perigo real ou aparente”¹²⁰. O **medo** e os sentimentos de insegurança persistem após os ataques aos EUA, não apenas neste país, mas também nas suas representações/territórios no exterior. A atestar esta nossa afirmação apontamos os seguintes exemplos:

¹¹⁶ A perda de controlo é traduzida pela paralisia. À perda de controlo dos indivíduos presentes no local opõe-se o comportamento / reacção do país: *Barroso afirmou que os EUA e a Europa não podem “sucumbir ao medo” e sustentou que a reacção aos atentados da passada semana tem que ser “enérgica e decidida”* (in: “Resposta aos / ataques divide / Parlamento”, *PT*, 26/09/2001, p. 25).

¹¹⁷ Nas passagens textuais encontradas, o verbo que exprime fuga a uma situação é *fugir*.

¹¹⁸ A definição completa de “perigo”, apresentada no DLP-PE é: “1. situação que ameaça a existência de uma pessoa ou coisa; risco; 2. *Regionalismo* raio; 3. aborto involuntário; estar em perigo de vida estar em risco de morrer; (Do lat. *pericùlu-*, ‘id.’)”. De acordo com a definição de “medo” apresentada pelo DLP-PE, esta emoção é atribuída a situações de perigo: “medo” é um “sentimento de inquietação que surge com a ideia de um perigo real ou aparente”.

¹¹⁹ In: “Osama Bin Laden e Hollywood”, *PT*, 10/10/2001, p.27.

¹²⁰ Esta característica comum a insegurança e **medo** permitiu a Russell e Lemay (2000) situar a insegurança entre os pólos ACTIVO e DESAGRADÁVEL, entre os conceitos surpresa e medo.

a) *reforçaram a segurança*¹²¹, *O Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME) admitiu um reforço de meios humanos e militares nos Açores, caso a conjuntura internacional assim o justifique.*¹²², *as forças do exército no arquipélago se encontram num grau de vigilância adequado face ao actual quadro internacional.*¹²³

b) *prever situações reais*¹²⁴, *alerta.*¹²⁵

c) *Todos os principais estúdios [...] suspenderam as excursões e ergueram mesmo barreiras à entrada.*¹²⁶

No primeiro conjunto de exemplos (a), deparamos com a resposta ao estado de insegurança (“reforçar” a segurança reflecte uma necessidade de ajuste – traduzido pelo prefixo de intensidade “re” - do “grau de segurança” às “circunstâncias”) e a ideia de força (“reforço” e “forças”), de dois tipos: humana e militar. No contexto da metáfora conceptual da GUERRA JUSTA (cf. 3.1. Os ataques terroristas e a metáfora conceptual d’ O CONTO DE FADAS DA GUERRA JUSTA), esta força encontra-se associada à vítima e seus simpatizantes/partidários (por exemplo, *não há nada mais assustador do que um inimigo sem rosto.*¹²⁷ e *Nos Estados Unidos, a comunidade árabe não só repudia estas acções como teme pela sua própria segurança.*¹²⁸), tem origem no sentimento de insegurança e constitui um mecanismo de possível defesa. O estado de eventual defesa é representado através do vocábulo *vigilância*. O estado de vigilância ou atenção tem lugar em momentos de nervosismo/**medo** e serve para tentar evitar situações previsíveis de perigo. A uma imprevista situação de agressão (os ataques), que afecta a vítima, sucede-se o estado de vigilância contra futuras situações semelhantes. Um acontecimento imprevisível (os ataques terroristas) toma lugar e, desde o momento em que acontece, passa a constituir uma realidade possível e a sua repetição evitável.

Quanto aos dados linguísticos referidos em b) (*prever situações reais e alerta*), relacionam-se com o sentimento de insegurança e perigo na medida em que: a “previsão”

¹²¹ In: “Osama Bin Laden e Hollywood”, *PT*, 10/10/2001, p.27.

¹²² In: “Chefe do Estado-Maior do Exército admite / reforço de meios militares nos Açores”, *PT*, 10/10/2001, p.26.

¹²³ In: “Chefe do Estado-Maior do Exército admite / reforço de meios militares nos Açores”, *PT*, 10/10/2001, p.26.

¹²⁴ In: “Osama Bin Laden e Hollywood”, *PT*, 10/10/2001, p.27.

¹²⁵ In: “Osama Bin Laden e Hollywood”, *PT*, 10/10/2001, p.27.

¹²⁶ In: “Osama Bin Laden e Hollywood”, *PT*, 10/10/2001, p.27.

¹²⁷ In: “America Under Attack”, Eurico Mendes, *PT*, 19/09/2001, p. 29.

¹²⁸ In: “Terror na América: a dor não pode dar lugar ao ódio”, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

de factos reais, por oposição a acontecimentos do domínio da imaginação/irreais, é uma tentativa de evitar perigos previsíveis, que suscitam o sentimento de insegurança no indivíduo ou grupo; o “alerta” remete directamente para a ideia de perigo iminente, que causa no indivíduo/grupo um sentimento de insegurança e o obriga a estar “alerta”.

No terceiro exemplo (c), encontramos (i) a suspensão de excursões e (ii) a construção de barreiras à entrada de estúdios cinematográficos como medidas de protecção, justificadas/exigidas pelo sentimento de insegurança (e trauma) suscitado pelos ataques terroristas.

Por último, detenhamo-nos numa idiosincrasia dos ataques de 11 de Setembro de 2001 às Torres Gémeas do WTC, em Nova Iorque: o facto de os ataques terem sido filmados em directo por canais televisivos. Esta característica reflecte-se ao longo de diversos momentos textuais do *corpus* do presente trabalho, através da comparação dos ataques a produtos literários, teatrais e cinematográficos, criações da imaginação humana. Os ataques de 2001 às Torres Gémeas são compreendidos como:

- um *conto de horror*: *O discurso metafórico do médico português podia bem ser a descrição de um conto de horror roubado à era da guerra fria, nunca materializado. Não é. O especialista em doenças gastro-intestinais num dos melhores hospitais de Manhattan – “Cornel Medical Center” – não se deixa fascinar por roteiros hollywoodescos nem tem alucinações.*¹²⁹

- *filmes*: - *Está a ver aqueles filmes com cenas de destruição nuclear, em que explode uma bomba atómica e nos minutos seguintes a cidade é um deserto coberto de cinzas e escombros?*¹³⁰

- *peças teatrais*: *As torres sofreram o primeiro acto terrorista em 1993. Teve [sic] o segundo atentado a 11 de Setembro 2001. Em todas as peças teatrais há três actos. Onde será que se vai realizar o terceiro acto terrorista?*¹³¹

- *uma tragédia*: *Entretanto acontece o desabamento da primeira torre perante gritos e lágrimas de todos os que ali presenciavam aquela tragédia.*¹³²

¹²⁹ In: “Um médico português à porta do Inferno”, *PT*, 19/09/2001, p.4.

¹³⁰ In: “Um médico português à porta do Inferno”, *PT*, 19/09/2001, p.4.

¹³¹ In: ““O mundo tem de se unir contra o terrorismo””, *PT*, 19/09/2001, p. 13.

¹³² In: “Viu a morte de perto - Diariamente tomava o pequeno-almoço / no World Trade Center, um atraso / de minutos salvou-me a vida”, *PT*, 19/09/2001, p. 10.

A emoção subjacente a *conto de horror*, de acordo com a definição do género, atribuída pelo nome “horror” (definido pelo DLP-PE como “sensação de grande medo”), é o **medo**.

3.2.2. Raiva

Encontrámos, no *corpus* relativo ao ano de 2001, vários itens lexicais capazes de exprimir a **raiva**: (i) *ódio*¹³³, (ii) *raiva*¹³⁴, (iii) *fúria*¹³⁵. O primeiro item lexical é o único a admitir adjectivação ao longo de todo o *corpus*, remetendo, deste modo, para vários tipos de *ódio* (*ódio político, cultural e religioso*¹³⁶, *ódio islâmico*¹³⁷) e diferentes graus de intensidade (*ódio*¹³⁸ vs *ódio selvático e primário*¹³⁹, *ódio de morte*¹⁴⁰). A palavra *ódio* ocorre ainda na frase *Qual a razão de tanto ódio, de tanta raiva, de tanta vontade de matar?*¹⁴¹

Os vocábulos acima integram-se em diferentes momentos textuais que nos permitem identificar as várias formas como a **raiva** é conceptualizada, no contexto dos ataques terroristas à cidade de Nova Iorque, e tentar, à semelhança do **medo**, apresentar um modelo cognitivo da **raiva**. Para tal, voltaremos a servir-nos dos instrumentos linguísticos que a Linguística Cognitiva nos proporciona: a metáfora e a metonímia. No *corpus*:

(i) o **ódio**, através do verbo lavar (*lavado*) é compreendido como um LÍQUIDO:

*os fanáticos de cérebro lavado pelo ódio à maior potência do mundo*¹⁴²

¹³³ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 12.

¹³⁴ In: “Estou apreensivo...”, Manuel de Portugal, *PT*, 26/09/2001, p. 31.

¹³⁵ In: “O monstro em cada um de nós”, António Vallacorba, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

¹³⁶ In: “Fanatismo”, Manuel Calado, *PT*, 19/09/2001, p. 30.

¹³⁷ In: “Fanatismo”, Manuel Calado, *PT*, 19/09/2001, p. 30.

¹³⁸ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 12.

¹³⁹ In: “Fanatismo”, Manuel Calado, *PT*, 19/09/2001, p. 30.

¹⁴⁰ In: “O monstro em cada um de nós”, António Vallacorba, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

¹⁴¹ In: “Estou apreensivo...”, Manuel de Portugal, *PT*, 26/09/2001, p. 31.

¹⁴² In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 12.

e ainda como O COMPORTAMENTO ANIMAL AGRESSIVO É O COMPORTAMENTO FURIOSO:

*O terrorismo elevado à quinta potencia do ódio selvático e primário que ainda corre nas veias deste dramático e infeliz animal que, embora se dizendo rei, por vezes é apenas escravo do instinto que lhe corre nas veias.*¹⁴³

(ii) a **raiva**, através do verbo **inflamar**, é concebida como um LÍQUIDO QUENTE NUM CONTENTOR:

*[J]á que os europeus, não só pela lonjura, como pelo facto de não se sentirem ameaçados por mais qualquer outro criminoso, podem raciocinar muito mais friamente usando apenas a razão e pondo completamente de lado os sentimentos de raiva que, JUSTÍSSIMOS, neste momento inflamam os nova-iorquinos que choram.*¹⁴⁴

(iii) a **fúria** é elaborada conceptualmente como um Oponente que domina:

*É-me tão forte igualmente o sentimento de repulsa e fúria que se apodera de mim sempre que penso em atrocidades tais, que o que quero é agir loucamente!*¹⁴⁵

Neste último exemplo, destacamos que a presença do verbo *agir*, juntamente com o verbo *reagir* no segmento *não reagimos com emoções de vingança, de ódio, de repúdio*¹⁴⁶, nos permite ainda apontar a metáfora conceptual EMOÇÕES SÃO FORÇAS.

No contexto dos ataques terroristas à cidade de Nova Iorque, a expressão da **raiva** pode ainda ser entendida, por extensão metonímica dos efeitos fisiológicos da **raiva**, como loucura, através da metáfora A RAIVA É LOUCURA¹⁴⁷, no texto presente na ideia da “bestialização”, o “adoecimento” e o “enlouquecimento” do “espírito humano”:

¹⁴³ In: “Fanatismo”, Manuel Calado, *PT*, 19/09/2001, p. 30.

¹⁴⁴ In: “Estou apreensivo...”, Manuel de Portugal, *PT*, 26/09/2001, p. 31.

¹⁴⁵ In: “O monstro em cada um de nós”, António Vallacorba, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

¹⁴⁶ In: “Jumanji”, Silvério Gabriel Melo, *PT*, 10/10/2001, p. 35.

¹⁴⁷ Esta metáfora integra-se numa metáfora conceptual mais abrangente, EMOÇÕES FORTES SÃO LOUCURA, apresentada por Lakoff em http://cogsci.berkeley.edu/lakoff/metaphors/Strong_Emotions_Are_Madness.html

*Perante o cenário apocalíptico das torres a arder e a desabarem sobre a cidade que recolhe em si tudo o que a América representa, vislumbramos o espírito da história, em acção – uma história macabramente parodiando a história de David e Golias, macabramente repetindo os horrores de um holocausto [...], entre outros tantos horrores que se seguiram aos tempos difíceis do passado, quando igualmente o espírito humano havia adoecido, enlouquecido, se bestializado.*¹⁴⁸

A **raiva/ódio** encontra-se ainda subjacente aos desejos/sentimentos de justiça e vingança (por exemplo, *estou esperançado que um dia justiça seja feita*¹⁴⁹, *Devem ser punidos*¹⁵⁰, *o povo americano (e muitos de nós) está sedento de vingança.*¹⁵¹): porque estou zangado e considero determinado acto (contra mim) como negativo/prejudicial/injusto, procuro punir os responsáveis¹⁵². Se a “justiça” encontramos associada uma carga positiva (sublinhamos a primeira definição apresentada pelo DLP-PE: “virtude moral que inspira o respeito pelos direitos de cada pessoa e a atribuição do que é devido a cada um”), o mesmo não acontece com a “vingança”, com uma conotação negativa (vejam-se os vocábulos que definem “vingança”: “represália; vindicta; desforra” e “castigo”). À justiça poderemos associar, portanto, um não-sentimento (a “imparcialidade”) e à vingança, o sentimento de **raiva (cólera/ira)**, de polarização negativa¹⁵³.

Tornamos a encontrar expressão da **raiva (cólera/ira)** no item lexical *revolta: a multidão que se foi aglomerando [...] e que demonstrou a sua revolta face aos trágicos acontecimentos em New York e Washington*¹⁵⁴, *uma nação revoltada face aos ataques terroristas a New York e Washington*¹⁵⁵ e *todos nós sentimos uma revolta profunda por esse acto tão vil*¹⁵⁶.

¹⁴⁸ In: “Jumanji”, Silvério Gabriel Melo, *PT*, 10/10/2001, p. 35.

¹⁴⁹ In: “Um Acto de Guerra”, António Botelho de Melo, *PT*, 12/09/2001, p. 31.

¹⁵⁰ In: “Um Acto de Guerra”, António Botelho de Melo, *PT*, 12/09/2001, p. 31.

¹⁵¹ In: “O monstro em cada um de nós”, António Vallacorba, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

¹⁵² Encontramos novamente presente a metáfora do CONTO DE FADAS DA GUERRA JUSTA: numa situação de desequilíbrio provocada por um acontecimento x desencadeado pelo VILÃO, a VÍTIMA/HERÓI procurará reestabelecer o equilíbrio através de uma resposta.

¹⁵³ A ponte entre “vingança”, “crime” e “guerra” é parcialmente estabelecida por Lakoff em “2 How The Administration Frames the Event”, in <http://webs.uvigo.es/h06/weba575/lcaXX/wtc/Lakoff.htm> (consulta em 09/12/2005).

¹⁵⁴ In: “Patriotismo contra o terrorismo”, *PT*, 26/09/2001, p. 11.

¹⁵⁵ In: “Repórter na Rua: Os ataques terroristas aos EUA”, *PT*, 26/09/2001, p. 10.

¹⁵⁶ In: “Estou apreensivo...”, Manuel de Portugal, *PT*, 26/09/2001, p. 31.

Como podemos observar, foi encontrada uma lista relativamente extensa de palavras e de instrumentos cognitivos capazes de demonstrar a estrutura conceptualizada da **raiva** no contexto dos ataques terroristas do ano de 2001. As diferentes etapas do modelo cognitivo obtido podem ser comparadas com as apresentadas por Kövecses e Lakoff (1987) para o modelo cognitivo prototípico para a expressão da **raiva** em inglês-americano:

a) modelo cognitivo obtido a partir das informações linguísticas do *corpus* para a expressão da **raiva** em reacção aos ataques terroristas de 2001:

- (i) Acontecimento ofensivo (os ataques terroristas),
- (ii) **Raiva**,
- (iii) Perda de controlo,
- (iv) Acto de retribuição.

b) modelo cognitivo prototípico para a expressão da **raiva** em inglês americano:

- (i) Acontecimento ofensivo,
- (ii) **Raiva**,
- (iii) Tentativa de controlo,
- (iv) Perda de controlo,
- (v) Acto de retribuição.

Apercebemo-nos que a terceira etapa de b) se encontra ausente do *corpus*, devendo-se este facto à natureza inesperada, abrupta e violenta do acontecimento capaz de suscitar a **raiva**, os ataques terroristas. A última fase do modelo prototípico da **raiva** (Acto de retribuição) encontra-se presente quando enquadramos a **raiva** no contexto da metáfora conceptual da GUERRA JUSTA, relativamente aos ataques terroristas de 2001. A emoção surge associada ao vilão enquanto motivação para desempenhar os ataques¹⁵⁷ (é o caso dos segmentos textuais *os fanáticos de cérebro lavado pelo ódio à maior potência*

¹⁵⁷ Podemos também entender os ataques levados a cabo pelo vilão (vítima) como acto de retribuição pelos acontecimentos ofensivos da vítima (vilão): *Bin Laden dirigiu o seu ódio visceral ao “Grande Satã”, também conhecido como Tio Sam e que responsabiliza por todos os problemas do Médio Oriente*. In: “America Under Attack”, Eurico Mendes, *PT*, 19/09/2001, p. 29.

do mundo¹⁵⁸, Bin Laden dirigiu o seu ódio visceral ao “Grande Satã”, também conhecido como Tio Sam e que responsabiliza por todos os problemas do Médio Oriente.¹⁵⁹, quem é esse tal Osama bin Laden, o inimigo público número um e quais as razões do seu ódio visceral aos americanos?¹⁶⁰) e como resposta à retaliação da vítima, por exemplo em os talibãs [...] prometeram “bater-se até ao fim” contra as forças ocidentais.¹⁶¹ Esta passagem levanta a hipótese de estarmos perante um caso do cenário prototípico da **raiva** apresentado por Lakoff (1987), em que o “acto de retribuição” (Estádio 5) equivale ao cumprimento da promessa de retaliar contra um ataque de “forças” adversas/inimigas. A **raiva** surge também associada à vítima enquanto reacção aos ataques (exemplo: *Como cidadão desse país, a nossa primeira reacção é uma assim como quem levando um toque no joelho involuntariamente responde com um movimento brusco. Quantos de nós à surpresa não reagimos com emoções de vingança, de ódio, de repúdio por tais acções a desejar tudo do pior para os muçulmanos?*¹⁶²) e posterior à dor, como nos diz o título: “Terror na América: a dor não pode dar lugar ao ódio”¹⁶³.

As diferentes etapas emocionais que se seguem aos ataques são-nos descritas na mesma notícia:

*Os primeiros passos foram, naturalmente, no sentido de resgatar os sobreviventes, de viver o luto de uma catástrofe que roubou a vida a mais de cinco mil seres humanos, de chorar a dor. E todo o mundo foi unânime em condenar a barbaridade deste acto de terrorismo e em concordar que a fatídica terça-feira, 11 de Setembro de 2001 veio modificar a América e quiçá, o mundo. É que o ódio, infelizmente, gera ódio.*¹⁶⁴

A **raiva**, a par de emoções e sentimentos negativos (**vingança**, **repúdio**), é experienciada pelo sujeito (vítima), não exclusivamente em relação aos terroristas (vilão)

¹⁵⁸ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 12.

¹⁵⁹ In: “America Under Attack”, Eurico Mendes, *PT*, 19/09/2001, p. 29.

¹⁶⁰ In: “III Guerra Mundial?”, *PT*, 26/09/2001, p. 28.

¹⁶¹ In: “EUA bombardeiam Afeganistão”, *PT*, 10/10/2001, p. 1.

¹⁶² In: “Jumanji”, Silvério Gabriel Melo, *PT*, 10/10/2001, p. 35.

¹⁶³ “Terror na América: a dor não pode dar lugar ao ódio”, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

¹⁶⁴ In: “Terror na América: a dor não pode dar lugar ao ódio”, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

que levaram a cabo os ataques de 11 de Setembro nos EUA, mas a todos os seguidores da religião islâmica, *os muçulmanos*¹⁶⁵:

*Como cidadão desse país, a nossa primeira reacção é uma assim como quem levando um toque no joelho involuntariamente responde com um movimento brusco. Quantos de nós à surpresa não reagimos com emoções de vingança, de ódio, de repúdio por tais acções a desejar tudo do pior para os muçulmanos?*¹⁶⁶

O riso, as piadas, os momentos de humor são reprovados e aqueles que a eles “se atrevem” são considerados imorais¹⁶⁷, criticados e capazes de suscitar sentimento de **raiva/cólera** no grupo:

*David Letterman e Jay Leno deixaram-se de piadas nos seus talk-shows, o único que se atreveu foi Bill Maher, do programa “Politicamente Incorrecto”, da ABC e ia-lhe custando o emprego: criticou os bombardeamentos dos pilotos americanos no Iraque chamando-lhes “cobardes” e choveram telefonemas de telespectadores furiosos a exigir a sua demissão e ameaças de cancelamentos dos anúncios de patrocinadores como Sears e FedEx.*¹⁶⁸

Detenhamo-nos muito brevemente nos adjectivos *cobardes* e *furiosos* presentes na passagem acima. O primeiro é a causa do segundo, ou seja, a cobardia é causa da fúria, *grosso modo*, **raiva**: porque um americano (Bill Maher) denomina/acusa um conjunto específico de americanos de “cobardes” (característica oposta à esperada do grupo – a vítima/herói – a coragem), é criticado socialmente, suscitando a fúria dos telespectadores (vítima/herói).

3.2.3. Tristeza

¹⁶⁵ A definição completa de “muçulmano“, apresentada no DLP-PE é: “seguidor da religião islâmica; adjectivo: RELIGIÃO relativo ao muçulmanismo ou aos adeptos de Maomé, fundador do islamismo (571 - 632); maometano; islamita; (Do ár. *muslim*, «resignado», pelo turc. *muslimán*, ‘id.’).

¹⁶⁶ In: “Jumanji”, Silvério Gabriel Melo, *PT*, 10/10/2001, p. 35. Sobre este assunto ver o estudo de Scott Keeter & Andrew Kohut, “American Public Opinion about Muslims in the United States and Abroad”, in: www.wilsoncenter.org/topics/pubs/DUSS_muslims.pdf (consulta em 09/07/2006)

¹⁶⁷ Referimos a metáfora DIVERGING FROM THE PATH IS BEING IMMORAL, apresentada por Lakoff em http://cogsci.berkeley.edu/lakoff/metaphors/Morality_Is_Straightness.html (consulta em 18/01/2006)

¹⁶⁸ In: “A Guerra dos Bês”, Eurico Mendes, *PT*, 10/10/2001, p. 27.

Tal como no caso das emoções primárias atrás estudadas, também para a emoção **tristeza** encontrámos (i) itens lexicais capazes de a descrever e/ou exprimir, integrando-se neste grupo os descritores para o fenómeno universal de chorar¹⁶⁹, e (ii) termos e/ou expressões figuradas que a representam.

No ano de 2001, encontrámos as seguintes palavras que descrevem e exprimem a emoção **tristeza**:

- *tristeza*: *É uma tristeza imensa...*¹⁷⁰, *A intenção é certamente demonstrar que a comunidade artística lusa dos EUA está ao lado dos que neste momento sofrem e embora o nosso gesto possa ter um peso relativo e passar despercebido na imensidão deste país, tal gota de água nesse oceano imenso de amargura e tristeza*¹⁷¹.

- *triste*: *É triste que no mundo em que vivemos haja gente capaz de tal barbaridade*¹⁷², *Oxalá que a triste história do Vietname não volte a repetir-se.*¹⁷³

Registámos também a ocorrência do verbo *chorar* (*os nova-iorquinos que choram.*¹⁷⁴, *Os primeiros passos foram, naturalmente, no sentido de resgatar os sobreviventes, de viver o luto de uma catástrofe que roubou a vida a mais de cinco mil seres humanos, de chorar a dor.*¹⁷⁵, *Um jovem chora sobre o caixão com os restos mortais de um familiar*¹⁷⁶, *fazendo esforço para não chorar*¹⁷⁷, *num momento em que a América (e o mundo) ainda chora as suas vítimas*¹⁷⁸) e do nome *lágrimas* (*Entretanto acontece o desabamento da primeira torre perante gritos e lágrimas de todos os que ali presenciavam aquela tragédia.*¹⁷⁹, *vendo-se lágrimas na face dos presentes*¹⁸⁰). Estes

¹⁶⁹ Anna Wierzbicka, “The relevance of Language to the Study of Emotions”, p. 251.

¹⁷⁰ In: “Um médico português / à porta do inferno – O testemunho do Dr. Paulo Alexandre Pacheco”, Entrevista de Henrique Mano a Paulo Alexandre Pacheco, *PT*, 19/09/2001., p. 4.

¹⁷¹ In: “Uma Canção para a América”, *PT*, 26/09/2001, p. 35.

¹⁷² In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 12.

¹⁷³ In: “Terrorismo”, Manuel Calado, *PT*, 26/09/2001, p. 30.

¹⁷⁴ In: “Estou apreensivo...”, Manuel de Portugal, *PT*, 26/09/2001, p. 31.

¹⁷⁵ In: “Terror na América: a dor não pode dar lugar ao ódio”, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

¹⁷⁶ A frase *Um jovem chora sobre o caixão com os restos mortais de um familiar*. constitui a legenda / descrição de uma foto. In: “Ataques terroristas / e as suas consequências”, *PT*, 26/09/2001, p. 12.

¹⁷⁷ In: “America Under Attack”, Eurico Mendes, *PT*, 19/09/2001, p. 29.

¹⁷⁸ In: “Uma Canção para a América”, *PT*, 26/09/2001, p. 35.

¹⁷⁹ In: “Viu a morte de perto - Diariamente tomava o pequeno-almoço / no World Trade Center, um atraso / de minutos salvou-me a vida”, *PT*, 19/09/2001, p. 9.

¹⁸⁰ In: “75º aniversário da Banda do Clube / Juventude Lusitana”, *PT*, 19/09/2001, p. 14.

descritores (“chorar”¹⁸¹ / “lágrimas”) representam a manifestação física mais comum da **tristeza**.

Para além destes vocábulos, encontramos ainda outros itens lexicais que exprimem/remetem para a emoção **tristeza**: *pesar* (*Os brutais atentados terroristas de 11 de Setembro provocaram em todo o país manifestações de patriotismo e de pesar pelos milhares de mortos.*¹⁸²), *luto* (*viver o luto*¹⁸³), *enlutadas* (*famílias enlutadas*¹⁸⁴), *lamentável* e *devastadas* (*É uma situação absolutamente impensável e lamentável. O mundo tem de se unir contra o terrorismo.*¹⁸⁵), *lastimável* (*A situação é bastante lastimável e criou uma dor, dor essa que vai levar muito tempo para minorar, atendendo que temos famílias totalmente devastadas.*¹⁸⁶), *condolências* (*A União do Concelho da Lagoa/USA apresenta assim sinceras condolências às famílias enlutadas.*¹⁸⁷), *pena* (*É pena que as religiões, especialmente certos tipos de fundamentalismo, como o islâmico, criem na mente dos que se lhe entregam sem reservas, sem as salutares dúvidas, que são o sal pragmático dos espíritos realmente livres, um estado de fanatismo destrutivo e sanguinário.*¹⁸⁸), *trágicos* (*Procedeu-se a um minuto de silêncio em honra das vítimas dos trágicos acontecimentos de New York e Washington na terça-feira, 11 de Setembro.*¹⁸⁹) e *tragédia* (ver excertos textuais abaixo¹⁹⁰). Este último substantivo representa o modo como os ataques terroristas, designados de “tragédia”, são compreendidos. Vejam-se as seguintes passagens:

[O] *secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, João Rui de Almeida, veio aos EUA para transmitir às famílias das vítimas portuguesas do atentado contra o World Trade Center a*

¹⁸¹ O nome *choro*, na única ocorrência registada no *corpus*, não remete para a emoção *tristeza*, mas sim para um sentimento de inveja: *o poderio militar que muitos alegam ser casualmente usado em missões de egoísmo nacionalista (tipicamente o choro de pobres miseráveis que se roem de inveja desse poderio)*. In: “Uma apologia da América”, António Botelho de Melo, *PT*, 19/09/2001, p. 32.

¹⁸² In: “2001 Retrospectiva”, *PT*, 26/12/2001, p. 8.

¹⁸³ In: “Terror na América: a dor não pode dar lugar ao ódio”, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

¹⁸⁴ In: “Convívio de naturais e amigos / de Lagoa, S. Miguel foi cancelado”, *PT*, 26/09/2001, p. 20.

¹⁸⁵ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 11.

¹⁸⁶ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 12.

¹⁸⁷ In: “Convívio de naturais e amigos / de Lagoa, S. Miguel foi cancelado”, *PT*, 26/09/2001, p. 20.

¹⁸⁸ In: “Fanatismo”, Manuel Calado, *PT*, 19/09/2001, p. 30.

¹⁸⁹ In: “75o aniversário da Banda do Clube / Juventude Lusitana”, *PT*, 19/09/2001, p. 14.

¹⁹⁰ “E o Governo Português?”, *PT*, 26/09/2006, p. 28. “Serviço religioso em memória de Leah Oliver; / luso-americana desaparecida nos ataques / terroristas ao World Trade Center”, *PT*, 10/10/2001, p.3. “A Guerra dos Bês”, Eurico Mendes, *PT*, 10/10/2001, p. 27. “Está tudo errado / e morre-se”, Alberto João Jardim, *PT*, 26/09/2006, p. 27.

“solidariedade do governo português nesta hora de tragédia e coordenar com os consulados o apoio possível.”¹⁹¹

[D]ecorrido um mês sobre a tragédia começam a realizar-se serviços religiosos em memória das vítimas¹⁹²

[A] mídia [...] mereceu nota elevada no que diz respeito à cobertura da tragédia¹⁹³

A tragédia que vitimou os Estados Unidos, bem como todo o mundo de valores e concepções democráticas.¹⁹⁴

O emprego recorrente deste nome (*tragédia*) leva-nos a afirmar que os ataques são concebidos como uma “tragédia” e aqueles que desta foram alvo são compreendidos como vítimas (*vítimas, vitimou*). Contudo, devido ao carácter polissémico da palavra, teremos de atentar ao contexto em que é empregue e de que modo diferentes usos poderão estar inter-ligados. O DLP-PE regista a seguinte definição de “tragédia”:

1. LITERATURA peça teatral cuja acção dramática tem um desfecho funesto; / 2. arte de compor ou representar tragédias; / 3. género trágico; / 4. *figurado* desgraça; / 5. *figurado* acontecimento funesto; / (Do gr. *tragoidía*, «id.», pelo lat. *tragoedia*-, «id.»).

Devemos sublinhar que, da definição acima apresentada, a emoção que sobressai é a **tristeza**, principalmente devido ao característico final funesto das peças teatrais do género.

A partir da primeira definição acima apresentada para a palavra “tragédia” (“1. LITERATURA peça teatral cuja acção dramática tem um desfecho funesto”), estabelecemos o seguinte quadro comparativo para os ataques terroristas de 2001 e a “tragédia” (Quadro 2).

¹⁹¹ In: “E o Governo Português?”, *PT*, 26/09/2006, p. 28.

¹⁹² In: “Serviço religioso em memória de Leah Oliver; / luso-americana desaparecida nos ataques / terroristas ao World Trade Center”, *PT*, 10/10/2001, p.3.

¹⁹³ In: “A Guerra dos Bês”, Eurico Mendes, *PT*, 10/10/2001, p. 27.

¹⁹⁴ In: “Está tudo errado / e morre-se”, Alberto João Jardim, *PT*, 26/09/2006, p. 27.

“tragédia”	Ataques Terroristas
Autor	<i>Mas temos de localizar os autores desta tragédia e trazê-los à justiça.</i> ¹⁹⁵
Personagens	<i>Outro filme de guerra [...] também foi afectado dramaticamente [...] perdeu um dos personagens verdadeiros da história na tragédia do WTC: Rick Rescorla [...], um “Herói de Verdade”.</i> ¹⁹⁶
1. LITERATURA peça teatral cuja acção dramática tem um desfecho funesto.	<i>As torres sofreram o primeiro acto terrorista em 1993. Teve o segundo atentado a 11 de Setembro [de] 2001. Em todas as peças teatrais há três actos. Onde será que se vai realizar o terceiro acto terrorista?</i> ¹⁹⁷ <i>imagens terríveis de destruição, de dor e desolação.</i> ¹⁹⁸

Quadro 2: Características comuns entre os ataques terroristas de 2001 e a “tragédia”

O motivo pelo qual a palavra “tragédia”, na sua acepção literária (remetendo para um acontecimento irreal, um produto literário, fruto da criatividade humana), é utilizada para representar os ataques terroristas de 11 de Setembro, acontecimento real, prende-se com a característica especial de que os ataques aos EUA e mais precisamente à cidade de Nova Iorque¹⁹⁹ se revestem. Antes mesmo de serem identificados como ataques terroristas, dada a localização das Torres Gémeas, já tinham sido filmados em directo por grandes canais televisivos, levando o espectador nacional (vítima) a questionar-se acerca da veracidade do acontecimento, que se prolongou durante mais do que uma hora, como se de um espectáculo/peça teatral se tratasse²⁰⁰:

*Foi necessário esperar um bom bocado para nos compenetrar de que o que a televisão nos mostrava era a realidade e não uma montagem cinematográfica.*²⁰¹

Esta idiossincrasia conduz-nos à questão da mediatização dos ataques terroristas conceptualizados como tragédia, realizada através do olhar, de forma directa ou indirecta.

¹⁹⁵ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 12.

¹⁹⁶ In: “Osama Bin Laden e Hollywood”, *PT*, 10/10/2001, p. 27.

¹⁹⁷ In: “O mundo tem de se unir contra o terrorismo”, *PT*, 19/09/2001, p. 13.

¹⁹⁸ In: “O monstro em cada um de nós”, António Vallacorba, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

¹⁹⁹ A palavra tragédia é utilizada, em grande parte dos momentos do *corpus*, em referência ao ataque e destruição das Torres Gémeas do WTC.

²⁰⁰ Relembremos que os dois ataques às Torres Gémeas foram filmados na íntegra: desde o embate dos dois aviões, passando pelo desmoronar das Torres, até à evacuação total do local.

²⁰¹ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 12.

No *corpus*, a mediatização através do olhar (*presenciavam*²⁰², *presenciado*²⁰³, *ver*²⁰⁴), de modo directo, surge-nos com a expressão *ao vivo*²⁰⁵:

*Entretanto acontece o desabamento da primeira torre perante gritos e lágrimas de todos os que ali presenciavam aquela tragédia.*²⁰⁶

*Mesmo que fosse minha intenção esquecer o que tinha presenciado seria impossível, pois de casa dessa minha amiga podia ver ao vivo toda aquela tragédia.*²⁰⁷

*durante a viagem acabei por ver a tragédia.*²⁰⁸

Em relação à mediatização através do olhar (*presenciámos*²⁰⁹) de forma indirecta, esta é expressa pelo advérbio de lugar *longe*:

*Da nossa pequena ilha presenciámos de longe a tragédia que se abateu sobre os Estados Unidos.*²¹⁰

A questão da mediatização dos ataques terroristas permite-nos remeter para uma série de imagens visuais e metáforas conceptuais apresentadas por Lakoff (“Metaphors of Terror”, 2001). Encontramos a metáfora do CONTENTOR, em que o corpo (ou parte dele) é conceptualizado como um contentor (veja-se a frase *todos [...] tenham no cérebro as imagens dos dois Boeings a descerem do céu e a enfiarem-se no World Trade Center*²¹¹, em que uma parte do corpo humano, o cérebro, é descrito como o espaço em que estão

²⁰² In: “Viu a morte de perto - Diariamente tomava o pequeno-almoço / no World Trade Center, um atraso / de minutos salvou-me a vida”, *PT*, 19/09/2001, p. 19.

²⁰³ In: “Viu a morte de perto - Diariamente tomava o pequeno-almoço / no World Trade Center, um atraso / de minutos salvou-me a vida”, *PT*, 19/09/2001, p. 19.

²⁰⁴ In: “Viu a morte de perto - Diariamente tomava o pequeno-almoço / no World Trade Center, um atraso / de minutos salvou-me a vida”, *PT*, 19/09/2001, p. 19.

²⁰⁵ In: “Viu a morte de perto - Diariamente tomava o pequeno-almoço / no World Trade Center, um atraso / de minutos salvou-me a vida”, *PT*, 19/09/2001, p. 19.

²⁰⁶ In: “Viu a morte de perto - Diariamente tomava o pequeno-almoço / no World Trade Center, um atraso / de minutos salvou-me a vida”, *PT*, 19/09/2001, p. 9.

²⁰⁷ In: “Viu a morte de perto - Diariamente tomava o pequeno-almoço / no World Trade Center, um atraso / de minutos salvou-me a vida”, *PT*, 19/09/2001, p. 19.

²⁰⁸ In: “Viu a morte de perto - Diariamente tomava o pequeno-almoço / no World Trade Center, um atraso / de minutos salvou-me a vida”, *PT*, 19/09/2001, p. 19.

²⁰⁹ In: “Jumanji”, Silvério Gabriel Melo, *PT*, 10/10/2001, p. 35.

²¹⁰ In: “Jumanji”, Silvério Gabriel Melo, *PT*, 10/10/2001, p. 35.

²¹¹ In: “A Guerra dos Bês”, Eurico Mendes, *PT*, 10/10/2001, p. 27.

contidas as *imagens dos dois Boeings*) e a METÁFORA DO CONDUTO, a qual passamos a explicar abaixo.

Os meios de comunicação televisivos são avaliados pelo seu desempenho²¹² (*a mídia [...] mereceu nota elevada no que diz respeito à cobertura da tragédia*²¹³ e *a melhor nota vai para a RTP*²¹⁴) e referidos pelo seu papel na transmissão dos acontecimentos (*as redes de televisão tiraram do ar as séries cómicas e dedicaram-se a ampla e respeitosa cobertura dos ataques.*²¹⁵). O sintagma verbal na frase *as redes de televisão tiraram do ar* remete para a METÁFORA DO CONDUTO²¹⁶, em que imagens e sons são concebidos como objectos/coisas materiais, as quais podem ser colocadas e retiradas de um determinado lugar/espço; esta metáfora tem origem na natureza da técnica de transmissão utilizada pela televisão, enquanto meio de comunicação.

Se o momento dos ataques é principalmente caracterizado nos textos pela resposta física da emoção **tristeza**, o período que se seguiu à tragédia é compreendido como um *momento de angústia*²¹⁷, portanto, de “mal-estar, ao mesmo tempo psíquico e físico”²¹⁸. Os atentados desencadearam na vítima a emoção **tristeza** e as suas memórias recentes são sombrias pois trouxeram o luto às famílias que perderam entes queridos nos ataques: *A União do Concelho da Lagoa/USA apresenta assim sinceras condolências às famílias enlutadas*²¹⁹.

Em relação aos autores dos ataques e religião por eles praticada, também se remete para a **tristeza**, neste caso designada pela palavra *pena*²²⁰:

²¹² Uma descrição da moldura “Avaliação Moral” poderá ser encontrada em http://framenet.icsi.berkeley.edu/index.php?option=com_wrapper&Itemid=118&frame=Morality_evaluation& (consulta em 11/05/2006).

²¹³ In: “A Guerra dos Bês”, Eurico Mendes, *PT*, 10/10/2001, p. 27.

²¹⁴ In: “A Guerra dos Bês”, Eurico Mendes, *PT*, 10/10/2001, p. 27.

²¹⁵ In: “A Guerra dos Bês”, Eurico Mendes, *PT*, 10/10/2001, p. 27.

²¹⁶ Lakoff, http://cogsci.berkeley.edu/lakoff/metaphors/The_Conduit_Metaphor.html (consulta em 23/03/2006).

²¹⁷ In: “Terrorismo”, Manuel Calado, *PT*, 26/09/2001, p. 30.

²¹⁸ In: DLP-PE.

²¹⁹ In: “Convívio de naturais e amigos / de Lagoa, S. Miguel foi cancelado”, *PT*, 26/09/2001, p. 20.

²²⁰ “Pena” é definida no DLP-PE como “1. castigo; punição; 2. desgosto; tristeza; dor; pena capital condenação à morte; sob pena de sujeito a; valer a pena merecer um esforço, um trabalho; (Do lat. *poena*-, «id.»)”.

*É pena que as religiões, especialmente certos tipos de fundamentalismo, como o islâmico, criem na mente dos que se lhe entregam sem reservas, sem as salutares dúvidas, que são o sal pragmático dos espíritos realmente livres, um estado de fanatismo destrutivo e sanguinário.*²²¹

Como podemos observar, a **tristeza** encontra-se expressa no discurso jornalístico em reacção ao terrorismo e, entre os dois (emoção e terrorismo), podemos estabelecer uma relação de causalidade: os ataques terroristas, com os seus resultados negativos, dão origem à emoção **tristeza** (cf. definição de **tristeza** apresentada pelo DLP-PE “2. causa que provoca abatimento, estado depressivo ou nostalgia; pena; mágoa; aflição; consternação; saudade”). Fundamenta esta afirmação o verbo *provocar*, que estabelece a relação de causalidade entre os ataques e as *manifestações [...] de pesar* e o *stress psicológico*:

*Os brutais atentados terroristas do 11 de Setembro provocam em todo o país manifestações [...] de pesar pelos milhares de mortos.*²²²

[A] *população dos Estados Unidos parece estar recuperando do stress psicológico provocado pelos atentados de 11 de Setembro.*²²³

O levantamento de palavras e respectivos momentos textuais em que se inserem possibilitou-nos apontar, para o ano de 2001, cinco tipos de metáforas conceptuais que têm a emoção **tristeza**²²⁴ como domínio alvo, no contexto dos ataques terroristas ocorridos naquele ano.

²²¹ In: “Fanatismo”, Manuel Calado, *PT*, 19/09/2001, p. 30.

²²² In: “2001 Retrospectiva”, *PT*, 26/12/2001, p. 8.

²²³ In: “A Guerra dos Bês”, Eurico Mendes, *PT*, 10/10/2001, p. 27.

²²⁴ Antonio Barcelona, citado por Zoltan Kövecses (2003), apresenta uma série de metáforas para a emoção tristeza, identificando diversos domínios-fonte:

Sad is down: He brought me down with his remarks.

Sad is dark: He is in a dark mood.

Sadness is a lack of heat: Losing his father put his fire out; he’s been depressed for two years.

Sadness is a lack of vitality: This was disheartening news.

Sadness is a fluid in a container: I am filled with sorrow.

Sadness is a physical force: That was a terrible blow.

Sadness is a natural force: Waves of depression came over him.

Sadness is an illness: She was heart-sick. Time heals all sorrows.

Sadness is insanity: He was insane with grief.

Sadness is a burden: He staggered under the pain.

Sadness is a living organism: He drowned his sorrow in a drink.

O primeiro tipo, EMOÇÕES (TRISTEZA) SÃO (É) LÍQUIDO NUM CONTENTOR. A presente metáfora é motivada, em parte, por uma outra, O CORPO É UM CONTENTOR, e encontra-se subjacente à passagem *fazendo esforço para não chorar*²²⁵, em que o “choro” (expressão física da **tristeza**) é conceptualizado como um líquido cuja pressão/força tem de controlar, a fim de não transbordar/derramar do contentor. O segmento *fazendo esforço* produz o segundo tipo de metáfora: EMOÇÃO (TRISTEZA) É FORÇA. No *corpus*, a força em questão, a emoção **tristeza**, é uma força que domina: *O 11 de Setembro é avassalador*²²⁶. A presente metáfora é característica não só da **tristeza**, mas dos conceitos de emoções, em geral, podendo ser incluída numa metáfora mais abrangente: EMOÇÕES SÃO FORÇAS.

O terceiro tipo de metáfora encontrado foi TRISTEZA É BAIXO. Ao longo do *corpus* registámos a ocorrência de itens lexicais e expressões convencionalizadas capazes de exprimir a emoção **tristeza**, no contexto dos ataques terroristas de 11 de Setembro, e que nos permitiram chegar à metáfora TRISTEZA É BAIXO. A passagem que se segue ilustra esta metáfora, remetendo para a **tristeza**, implícita na definição de “tragédia”, e para a ideia de “cair sobre”, presente no verbo *abater*:

*A tragédia que se abateu sobre os Estados Unidos, com a perda total de milhares de vidas e dois edifícios que eram o orgulho da engenharia americana, será uma ferida sangrando que, pela profundidade do golpe, levará muito tempo a sarar.*²²⁷

O quarto tipo de metáfora conceptual encontrado, com a **tristeza** como domínio alvo, foi TRISTEZA É FALTA DE VITALIDADE (SILÊNCIO). Registámos no *corpus* referências ao silêncio²²⁸, domínio origem para a emoção **tristeza**, associada aos ataques terroristas e suas consequências: *Os deputados regionais guardaram um minuto de silêncio em*

Sadness is a captive animal: His feelings of misery got out of hand.

Sadness is an opponent: He was seized by a fit of depression.

Sadness is a social superior: She was ruled by sorrow. (2003: 25-6)

²²⁵ In: “America Under Attack”, Eurico Mendes, *PT*, 19/09/2001, p. 29.

²²⁶ In: “11 de Setembro, o novo Pearl Harbor”, Eurico Mendes, *PT*, 11/09/2002, p. 30.

²²⁷ In: “Estou apreensivo...”, Manuel de Portugal, *PT*, 26/09/2001, p. 31

²²⁸ Ao silêncio opõe-se o ruído e a vitalidade, geralmente associados a ambientes festivos e, neste sentido, à emoção alegria. Sobre estas características da alegria ver Kövecses, “Happiness: A Definitional Effort”, 1991.

*memória das vítimas dos atentados.*²²⁹ e *Procedeu-se a um minuto de silêncio em honra das vítimas dos trágicos acontecimentos de New York e Washington na terça-feira, 11 de Setembro.*²³⁰

A vitalidade encontra-se associada a momentos festivos e os *atentados terroristas de Nova Iorque e de Washington*²³¹ não permitem a realização de actividades que remetam para a emoção **alegria** (por exemplo, o *convívio vilafranquense*²³²). No texto:

A comissão organizadora da confraternização decidiu-se pelo seu cancelamento devido aos atentados terroristas de Nova Iorque e de Washington.

*“Cremos que não há disposição para festas”, disse Fernando Matos, responsável pela comissão organizadora.*²³³

Não só os momentos festivos, mas também o riso, que é a resposta física mais característica da alegria e é suscitado naqueles momentos, é considerado, no contexto de **tristeza**, convencionalmente, como uma forma de desrespeito: o riso é a manifestação física da emoção **alegria**, contrária à **tristeza** suscitada pela morte e destruição. A expressão de emoções positivas ou negativas em momentos negativos ou positivos, respectivamente, constitui, dentro do grupo, uma fuga à norma, um desequilíbrio criticado socialmente. Fugir às convenções impostas por sociedades pode ser visto como um desrespeito ou como um acto de atrevimento. No caso dos ataques terroristas, acontecimentos que resultaram na morte de milhares de pessoas, a manifestação, por parte da vítima e de seus co-adjuvantes, de emoções outras que negativas seria uma falta de respeito, ao qual ninguém se atreveria. O riso é, deste modo, banido socialmente durante o momento de luto em que a sociedade americana se encontra após os ataques:

Nos primeiros dias após os atentados não era hora de rir, as redes de televisão tiraram do ar as séries cómicas e dedicaram-se a ampla e respeitosa cobertura dos ataques.

*Não havia de que rir e não se via, lia ou ouvia humor, refiro-me a humor sobre os atentados e à guerra subsequente.*²³⁴

²²⁹ In: “Parlamento / açoriano aprovou / voto de pesar / pelos atentados / nos EUA”, *PT*, 26/09/2001, p. 27.

²³⁰ In: “75o aniversário da Banda do Clube / Juventude Lusitana”, *PT*, 19/09/2001, p. 14.

²³¹ In: “Cancelado convívio vilafranquense”, *PT*, 19/09/2001, p. 3.

²³² In: “Cancelado convívio vilafranquense”, *PT*, 19/09/2001, p. 3.

²³³ In: “Cancelado convívio vilafranquense”, *PT*, 19/09/2001, p. 3.

O quinto tipo de metáfora conceptual encontrado no *corpus*, com a **tristeza** como domínio alvo, foi TRISTEZA É ESCURO. A presente metáfora, característica da **tristeza** por oposição à **alegria**²³⁵, encontra-se subjacente aos momentos textuais em que são utilizados os itens lexicais *negro* e *luto*²³⁶ (este último estado comumente associado ao vestuário de cor preta), no *corpus*: *A terça-feira, 11 de Setembro de 2001 fica definitivamente na história dos EUA como sendo dos dias mais negros*²³⁷, *Terça Feira Negra*²³⁸, *um dia negro na história da humanidade*²³⁹, *viver o luto*²⁴⁰, *famílias enlutadas*²⁴¹. A presente metáfora permite-nos compreender que o dia em que os ataques aconteceram²⁴² é conceptualizado como um dia sem luz (*negro*) na história estado-unidense.

De acordo com as informações linguísticas atrás apresentadas, é-nos agora possível traçar um modelo cognitivo para a expressão da **tristeza** em reacção aos ataques terroristas de 2001:

- (i) Acontecimento trágico (os ataques terroristas),
- (ii) Tristeza,
- (iii) Perda de controlo,
- (iv) Esforço físico,
- (v) Falta de energia e insatisfação.

A inter-ligação entre as etapas (ii), (iii) e (iv) pode ser explicada do seguinte modo: a **tristeza** é conceptualizada como um líquido num contentor (Tristeza), um

²³⁴ In: “A Guerra dos Bês”, Eurico Mendes, *PT*, 10/10/2001, p. 27.

²³⁵ A metáfora HAPPINES IS LIGHT é apresentada em detalhe por Kövecses no seu artigo “Happines: A Definitional Effort”, 1991.

²³⁶ “Luto” é definido no DLP-PE como “1. dor causada pela morte ou pela perda de alguém ou por grande calamidade; pesar; tristeza; 2. traje de luto, ou período em que este é usado; luto aliviado luto menos rigoroso; luto nacional cerimónias oficiais de pesar à memória de pessoa notável, ou que recordam a ocorrência de qualquer acontecimento funesto para a nação; luto pesado luto rigoroso; (Do lat. *luctu-*, “dor pela morte de alguém”).”

²³⁷ In: “2001 Retrospectiva”, *PT*, 26/12/2001, p. 8.

²³⁸ In: “Osama Bin Laden e Hollywood”, *PT*, 10/10/2001, p. 27. A expressão “Terça Feira Negra” foi utilizada por primeira vez em referência ao dia 29 de Outubro de 1929, data que marca o início do período da Grande Depressão Americana.

²³⁹ In: “America Under Attack”, Eurico Mendes, *PT*, 19/09/2001, p. 29.

²⁴⁰ In: “Terror na América: a dor não pode dar lugar ao ódio”, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

²⁴¹ In: “Convívio de naturais e amigos / de Lagoa, S. Miguel foi cancelado”, *PT*, 26/09/2001, p. 20.

²⁴² A metonímia aqui presente é: o dia 11 de Setembro está pelos ataques terroristas.

líquido com força contra a qual o experienciador luta voluntariamente (Esforço físico). Ao perder o controlo (Perda de controlo) o líquido transborda, resultando do esforço físico o estado de cansaço (Falta de energia).

Como pudemos observar, a expressão da emoção **tristeza** é realizada através de descritores e metáforas (e metonímias) conceptuais, que nos permitiram apontar um modelo cognitivo para esta emoção em reacção aos ataques terroristas de 2001, tal como no caso da expressão das emoções **medo** e **raiva**, atrás apresentadas. De acordo com o que ficou acima dito e assim como no caso do **medo** e da **raiva**, também a **tristeza** se encontra associada, no contexto da metáfora da GUERRA JUSTA, à vítima e decorre dos ataques terroristas de 11 de Setembro de 2001. Constatamos, contudo, uma diferença: a emoção **tristeza** tem como experienciador a vítima, que é invariavelmente o povo americano e os EUA.

3.2.4. Surpresa

A **surpresa** é a emoção que, em número de ocorrências de itens lexicais e segmentos textuais capazes de a exprimir, ocupa o quarto lugar na parte do *corpus* relativa ao ano de 2001. Passaremos abaixo a apresentar as informações linguísticas encontradas e capazes de contribuir para a compreensão do modo como esta emoção é conceptualizada em reacção aos ataques terroristas aos EUA.

Registámos a presença do vocábulo *surpresa*, nas passagens:

- 1) *os americanos foram bombardeados de surpresa*²⁴³ e
- 2) *Como cidadão desse país, a nossa primeira reacção é uma assim como quem levando um toque no joelho involuntariamente responde com um movimento brusco. Quantos de nós à surpresa não reagimos com emoções de vingança, de ódio, de repúdio por tais acções a desejar tudo do pior para os muçulmanos?*²⁴⁴

Na primeira passagem, o nome *surpresa* traduz o modo (inesperado, ou seja, *de surpresa*) como o ataque aos EUA foi levado a cabo. Na segunda passagem, a emoção **surpresa** (*surpresa*) encontra-se na origem de emoções que, apesar de serem de pólo

²⁴³ In: “III Guerra Mundial?”, *PT*, 26/09/2001, p. 28.

²⁴⁴ In: “Jumanji”, Silvério Gabriel Melo, *PT*, 10/10/2001, p. 35.

negativo, moral e socialmente recrimináveis (*emoções de vingança, de ódio, de repúdio*), são aceites e justificadas porque involuntárias (*a nossa primeira reacção é uma assim como quem levando um toque no joelho involuntariamente responde com um movimento brusco.*).

No *corpus* encontramos, ainda, a traduzir a **surpresa** decorrente dos ataques, o nome *estupefacção* (*as torres gémeas [...] desmoronaram perante a estupefacção dos americanos e do mundo*²⁴⁵) e o adjectivo *estupefacta* (*a América ficou ainda mais estupefacta*²⁴⁶). Por definição, o adjectivo “estupefacto” remete para um efeito fisiológico característico da emoção: enquanto sinónimo de “estupefacto”,²⁴⁷ o adjectivo “boquiaberto” (ausente do *corpus*) representa o acto de abrir a boca quando ficamos surpreendidos. Este efeito foi descrito por Darwin (1998[1872]) na sua obra *The Expression of the Emotions in Man and Animals*:

*A atenção, se repentina e próxima, desenvolve-se em surpresa; e esta em assombro; e este em espanto embasbacado. O último estado da mente é proximamente aparentado ao terror. A atenção é demonstrada através do ligeiro levantamento de sobrancelhas; e este estado aumenta para surpresa, estão arqueadas/levantadas em maior grau, com os olhos e a boca muito aberta. (1998 [1872]: 278)*²⁴⁸

Esta passagem é importante pois aponta, a par do abrir da boca, para outro efeito físico da **surpresa**, implícito no adjectivo “estupefacto”: face a uma situação imprevista, desencadeadora de **surpresa**, uma das reacções mais comuns é o abrir excessivo dos olhos. Apesar de o adjectivo “estupefacto” remeter para os efeitos fisiológicos da emoção **surpresa**, a ausência de marcadores linguísticos que descrevem esses mesmos efeitos elimina a existência da metonímia EFEITO FÍSICO PELA CAUSA.

Encontramos ainda diversos prefixos e advérbios de negação antecedendo verbos espistémicos, volitivos e psicológicos, e adjectivos factivos: *Não acreditava no que*

²⁴⁵ In: “Um médico português / à porta do inferno”, *PT*, 19/09/2001, p. 4.

²⁴⁶ In: “America Under Attack”, Eurico Mendes, *PT*, 19/09/2001, p. 29.

²⁴⁷ O DLP-PE regista: “**estupefacto**, *adj.* assombrado; pasmado; boquiaberto; entropicado.”

²⁴⁸ No original:

Attention, if sudden and close, graduates into surprise; and this into astonishment; and this into stupefied amazement. The latter frame of mind is closely akin to terror. Attention is shown by the eyebrows being slightly raised; and this state increases into surprise, they are raised to a much greater extent, with the eyes and the mouth widely open. (Darwin, 1998[1872]: 278)

*estava a presenciar*²⁴⁹, *nunca esperava (Acho que tudo isto é uma situação que nunca esperava vir acontecer na América*²⁵⁰), *impossível (algo que parecia impossível poder acontecer nos EUA.*²⁵¹), *ninguém esperava (Ninguém esperava que um ataque deste género acontecesse aqui dentro de casa.*²⁵²), *impensável (É uma situação absolutamente impensável*²⁵³), *Nunca era de sonhar (Nunca era de sonhar que um acto terrorista daquela envergadura acontecesse dentro de “casa”.*²⁵⁴), *ninguém sonhava (algo que ninguém sonhava poder vir a acontecer*²⁵⁵), *O MAIS inacreditável*²⁵⁶, *ninguém quer ser surpreendido*²⁵⁷, *inconcebível (Mas o impossível, o inconcebível, aconteceu na manhã de 11 de Setembro do ano de 2001*²⁵⁸), *inesperadamente (Terça-feira, 11 de Setembro, 8:46 da manhã, os telespectadores da CNN, da FOX e outros canais viram surgir, inesperadamente, no pequeno écran, as imagens de uma das torres do World Trade Center, símbolo do poderio económico dos EUA, onde um avião Boeing cheio de passageiros acabara de embater.*²⁵⁹), *É difícil imaginar (É difícil imaginar que uma tragédia destas viesse a acontecer nos EUA*²⁶⁰).

Como podemos observar a partir do presente levantamento de vocábulos/expressões, os ataques terroristas do dia 11 de Setembro causaram sentimentos de incredulidade, impossibilidade e imprevisibilidade, característicos da emoção **surpresa**. As informações linguísticas encontradas, que expressam a emoção **surpresa**, estão associadas aos ataques à cidade de Nova Iorque, filmados em directo, e consequentemente à experiência do sujeito. Esta experiência pode ser de dois tipos:

- 1) directa: *Não acreditava no que estava a presenciar.*²⁶¹

²⁴⁹ In: “Viu a morte de perto - Diariamente tomava o pequeno-almoço / no World Trade Center, um atraso / de minutos salvou-me a vida”, *PT*, 19/09/2001, p. 9.

²⁵⁰ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 11.

²⁵¹ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 11.

²⁵² In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 11.

²⁵³ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 11.

²⁵⁴ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 12.

²⁵⁵ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 11.

²⁵⁶ In: “America Under Attack”, Eurico Mendes, *PT*, 19/09/2001, p. 29.

²⁵⁷ In: “Patrulhas nocturnas de aviões provocam insónia, mas tranquilizam a população”, *PT*, 26/09/2001, p. 4.

²⁵⁸ In: “Nova Iorque, Pompeia do século XXI”, Manuel Luciano da Silva, *PT*, 26/09/2001, p. 34.

²⁵⁹ In: “Virgem de Fátima ajuda / a apanhar bin Laden”, Eurico Mendes, *PT*, 26/12/2001, p. 32.

²⁶⁰ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 12.

²⁶¹ In: “Viu a morte de perto - Diariamente tomava o pequeno-almoço / no World Trade Center, um atraso / de minutos salvou-me a vida”, *PT*, 19/09/2001, p. 9.

2) indirecta: *Foi necessário esperar um bom bocado para nos compenetrar de que o que a televisão nos mostrava era a realidade e não uma montagem cinematográfica*²⁶².

Nesta última passagem, observamos que o meio de comunicação através do qual os ataques são divulgados suscita o estado de dúvida porque, pela televisão, são não só transmitidos acontecimentos reais, mas também produções fictícias/irreais.

Devido à imprevisibilidade e espectacularidade dos ataques, o espectador necessita de tempo para compreender a natureza real das imagens que se lhe apresentam pois as informações visuais transmitidas poderiam ser confundidas com imagens irreais, do domínio da imaginação, como podemos observar na seguinte passagem:

*O QUE se viu na manhã do dia 11 de Setembro nos Estados Unidos foge à imaginação até do cineasta mais jamesbondiano, habituado a criar histórias de acção envolvendo os centros mais sensíveis das grandes capitais do mundo.*²⁶³

3.2.5. Aversão

No *corpus* relativo ao ano em que os ataques aos EUA aconteceram, 2001, situa-se a totalidade das ocorrências linguísticas da **aversão**/repugnância. Apesar de não termos encontrado vocábulo com o mesmo nome desta emoção primária, tão pouco expressão da sua manifestação fisiológica mais comum²⁶⁴ (a náusea ou vômito), registámos, contudo, a presença de itens lexicais que, no contexto dos ataques terroristas, são capazes de exprimir a **aversão**: *repulsa* (*É-me tão forte igualmente o sentimento de*

²⁶² In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 12.

²⁶³ In: “America Under Attack”, Eurico Mendes, *PT*, 19/09/2001, p. 29.

²⁶⁴ Sobre a rara expressão das manifestações fisiológicas da emoção **aversão**, por oposição às da emoção **tristeza** (encontrámos o vocábulo *lágrimas* no *corpus*), explica Rozin *et alii* (1997):

Consistent with this animal-reminder account of disgust is the fact that there is only one body product that is not regarded as disgusting by Americans, or by many other peoples: tears. (Imagine that you lend your handkerchief to an acquaintance, who returns it wet with mucous, urine, sweat, saliva, breast milk, semen, or tears. In which case would you be least uncomfortable?) Ortner (1973) has pointed out that tears are a uniquely human product, while all other secretions and excretions link us to animals. Unlike most body products, tears are more frequently referred to in poetry than in “dirty” jokes. (1997: 6)

*repulsa*²⁶⁵), *repugna* (*Mas se todos nós sentimos uma revolta profunda por esse acto tão vil, tão cínico como miserável, nos repugna ainda mais que não sejam os políticos a sofrerem as consequências das suas acções.*²⁶⁶), *repudiar* (*o hemiciclo a repudiar em uníssonos os ataques*²⁶⁷) e *repúdio* (*Quantos de nós à surpresa não reagimos com emoções de vingança, de ódio, de repúdio por tais acções a desejar tudo do pior para os muçulmanos?*²⁶⁸). Em todas estas palavras se encontra presente a ideia de afastamento/rejeição, característica da emoção **aversão**. Veja-se como os dicionários ilustram a ideia de afastamento e a relação de equivalência entre a aversão e os dois primeiros vocábulos:

- “repulsa”: “1. acto ou efeito de repelir” (DLP-PE) e “Sentimento de aversão, física ou moral por alguém ou por alguma coisa.” (DLPC-ACL);

- “repugnar”: “1. mostrar oposição ou resistência em aceitar ou fazer alguma coisa; manifestar relutância ou repugnância em [...] *Repugnava as tentativas de aproximação.*” (DLPC-ACL) e “2. causar aversão ou antipatia” (DLP-PE).

Não só a ideia de afastamento, mas também a de preocupação acerca do corpo e sobre o comportamento social/moral de outras pessoas são abarcadas pelo domínio semântico da aversão, como nos é explicado pelo DLPC-ACL relativamente à palavra “repulsa”: “Sentimento de aversão, física ou moral por alguém ou por alguma coisa.” Ambas as preocupações estão reunidas nos autores (vilão) dos ataques (objecto de **aversão**): a sua caracterização como *doentes fanáticos*²⁶⁹ implica um sentimento de repulsa física (*doentes*) e moral (*fanáticos*)²⁷⁰.

²⁶⁵ In: “O monstro em cada um de nós”, António Vallacorba, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

²⁶⁶ In: “Estou apreensivo...”, Manuel de Portugal, *PT*, 26/09/2001, p. 31.

²⁶⁷ In: “Resposta aos / ataques divide / Parlamento”, *PT*, 26/09/2001, p. 25.

²⁶⁸ In: “Jumanji”, Silvério Gabriel Melo, *PT*, 10/10/2001, p. 35.

²⁶⁹ Passagem integral: *O que mais me impressionou em 2001 foi o ver destruir as torres de New York e arrastar com elas tantas vidas inocentes. Foi um acto terrorista só é possível na mente de doentes fanáticos.* In: “Repórter na Rua”, *PT*, 02/01/2002, p. 10.

²⁷⁰ Os ataques terroristas são considerados moralmente repugnantes e os seus autores *doentes fanáticos*. A característica que une o domínio de acções moralmente repugnantes é a ausência de motivação humano-social normal: por exemplo, traições de amigos ou familiares, ou mortes a sangue-frio são considerados actos (e os seus autores) desumanos e repugnantes porque não têm uma motivação humano-social normal, ao passo que roubar um banco é visto como um acto imoral, mas não repugnante.

A condição física do vilão, os autores dos ataques (*doentes*), pode ser associada a noção de contaminação que, assim como as ofensas morais, constitui motivo de **aversão**: *Indirect contact with people who have committed moral offenses (such as murders) is highly aversive, to about the same extent as similar contact with someone with a serious contagious illness.* (Rozin et alii, 2000: 643)

Os ataques, juntamente com os seus autores, constituem o objecto de **aversão** e o experienciador da emoção é, nas ocorrências registadas no *corpus* e no contexto da metáfora da GUERRA JUSTA, a vítima: o autor de um texto (*me*²⁷¹), o leitor dos textos (*todos nós*²⁷², *Quantos de nós*²⁷³), o governo português (*o hemiciclo*²⁷⁴) e um grupo específico num local preciso (*Nos Estados Unidos, a comunidade árabe*²⁷⁵).

Considerada como uma forma elementar de socialização, a emoção **aversão** é resultado de uma evolução cujos estádios iniciais se encontram apenas presentes nas respostas corporais²⁷⁶. A lembrança da natureza animal do homem, suscitada pela *repulsa e fúria (aversão e raiva)* que os ataques terroristas provocam, pode ser ilustrada através da seguinte passagem:

É-me tão forte igualmente o sentimento de repulsa e fúria que se apodera de mim sempre que penso em atrocidades tais, que o que quero é agir loucamente! Esta atitude é a consequência do monstro em mim a rugir e pronto a soltar cá para fora... Todavia, tenho que fazer tudo ao meu alcance para dominar estas minhas (do monstro) emoções.

Não fiquem alarmados ou escandalizados com esta minha afirmação de que cada um de nós alberga no seu íntimo um monstro em estado de hibernação, mas à espera de uma desculpa para agir consoante os seus instintos animalescos.

Ele (monstro) poderá manifestar-se de múltiplas formas, não só fisicamente, como ainda psiquicamente – é ver-se como a maioria de nós reage diariamente perante a família, amigos,

Registámos apenas um caso no *corpus* em que a doença constitui o “fanatismo” e não o vilão em exclusivo: *A doença de que ambos [fanáticos cristãos e fanáticos islâmicos] sofrem é idêntica e movimenta-se dentro dos mesmos parâmetros de demência, de que ambos sofrem.* (in “Terrorismo”, *PT*, 26/09/2001, p. 30). A ocorrência da acepção do fanatismo enquanto doença encontra-se prevista na definição de “doente” apresentada em DLP-PE para o adjectivo (“4. *figurado* fanático por alguma coisa”) e substantivo (“2. *coloquial* pessoa que é fanática por alguma coisa”) “doente”.

²⁷¹ In: “O monstro em cada um de nós”, António Vallacorba, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

²⁷² In: “História de / Paz e Guerra”, Manuel Calado, *PT*, 10/10/2001, p. 28.

²⁷³ In: “Jumanji”, Silvério Gabriel Melo, *PT*, 10/10/2001, p. 35.

²⁷⁴ In: “Resposta aos / ataques divide / Parlamento”, *PT*, 26/09/2001, p. 25.

²⁷⁵ In: “Terror na América: a dor não pode dar lugar ao ódio”, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

²⁷⁶ A evolução cultural da aversão, desde a mudança da sua função primeira, de mecanismo corporal para evitar dano, até se tornar um conceito de emoção mais abstrato, com função de proteger a alma, é apresentada por Rozin *et alii* (2000) e pode resumida em quatro estádios: 0. Dissabor, 1. Central, 2. Natureza animal, 3. Interpessoal, 4. Moral. A ausência de motivação humano-social normal é a característica central da **aversão** no seu último estádio, moral, o qual representa um conjunto mais abstracto de preocupações sobre a distinção entre homem e animal, focando não tanto o corpo humano, mas o corpo-político humano, ou seja, o ser humano enquanto membro de uma entidade social em cooperação (Rozin *et alii*, 2000: 643-4). Esta noção de corpo-político humano e a ausência de motivação humano-social normal são fundamentais para definir a *aversão* moral e enquadrar nesta o conceito de terrorismo, um fenómeno social, de violência política, o qual, como nos diz Dunne (1999) *is not a single, unrelated political event but one step in a continuum of political activities that can be undertaken by the “body politic.”* (1999: 3)

*colegas e estranhos! Na verdade, estamos sempre prontos a cometer os actos mais vis. Até com este bocadinho de carne que é a língua!*²⁷⁷

Encontramos presente no primeiro período da passagem acima a metáfora EMOÇÕES SÃO FORÇAS e EMOÇÕES (AVERSÃO) SÃO FORÇAS QUE DOMINAM. A **aversão** (no texto, *repulsa*) é considerada, a par da **raiva** (*fúria*), como uma força que *se apodera* do sujeito e o leva a querer *agir loucamente*, ou seja, como um *monstro*.

O presente excerto estabelece um paralelismo entre homem e animal²⁷⁸ (no texto, *monstro*) e recordar esta semelhança pode causar alarme ou escândalo (por esta razão o autor do texto pede aos leitores que *Não fiquem alarmados ou escandalizados*). A **aversão** pode ser entendida como a emoção da socialização, que, tal como o homem, sofreu evolução ao longo dos tempos, permitindo ao ser humano compreender a ligação entre animalismo e violações sócio-morais. Estas últimas constituem, no *corpus*, os ataques terroristas. Considerados acções moralmente repugnantes, os ataques (sem motivação humano-social normal) e os seus autores causaram repugnância à sociedade americana, não só devido aos danos humanos e perdas materiais, mas também devido à queda e destruição dos edifícios que do povo e país são símbolo²⁷⁹: o poderio militar, representado no Pentágono, e o económico, nas Torres Gémeas do WTC.

3.2.6. Alegria

Por fim, em relação à expressão da única emoção primária de pólo positivo, em reacção ao terrorismo, registámos em 2001, e em todo o *corpus*, a ocorrência de descritor da emoção **alegria** (*alegria*) e também uma palavra que expressa esta mesma emoção, *regozijo*: *palestinianos deram asas à alegria*²⁸⁰ e *houve manifestações de regozijo pelos ataques, em várias partes do território palestino*²⁸¹. Note-se que o nome *alegria* está

²⁷⁷ In: “O monstro em cada um de nós”, António Vallacorba, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

²⁷⁸ A oposição homem *vs.* monstro corresponde à tradicional oposição entre razão e emoção, referida em 2.1. Emoção: definição, categorização e diferentes perspectivas.

²⁷⁹ Sobre a simbologia do Pentágono e das Torres Gémeas do WTC ver 1.2. Terrorismo – factos.

²⁸⁰ In: “Terror nos EUA”, *PT*, 12/9/2001, p. 2.

²⁸¹ In: “Terror nos EUA”, *PT*, 12/9/2001, p. 2.

integrado na expressão “dar asas a x”, correspondendo x a determinada emoção/estado/acto. Em sentido literal, “dar asas a x” equivale a “dotar x de asas, de modo a deixar x voar no céu, portanto, acima do chão, do espaço terrestre”, sendo que x têm a propriedade [+ animado]. Contudo, quando dizemos “dar asas a x”, sendo que x é um conceito abstracto (liberdade, alegria, imaginação), o processo primário que opera nestas relações é a metáfora/metonímia. Assim, entendemos “dar asas a x” como “exprimir/manifestar x livremente”/“não reprimir x”.

A expressão “dar asas a x” surge, portanto, quando a característica de um ser [+ animado] específico (com asas) no domínio fonte se projecta no domínio alvo, um conceito abstracto (liberdade, alegria, imaginação).

A um estado de grande/intensa **alegria** damos o nome de “euforia”. Lakoff (“Conceptual Metaphor Homepage”, 1994) e Kövecses (2003[2000]) indicam-nos metáforas conceptuais que têm a **alegria/felicidade**²⁸² como domínio alvo, apresentando-se de seguida a metáfora que se obtém a partir da frase *palestinianos deram asas à alegria*, acima referida:

- a) estados eufóricos são para cima²⁸³
- b) felicidade é estar acima do chão
- c) felicidade é leveza
- d) felicidade é para cima²⁸⁴.

A metáfora obtida a partir da frase acima, ESTAR ALEGRE É ESTAR ACIMA DO CHÃO (ALEGRIA É ESTAR ACIMA DO CHÃO), e característica da emoção **alegria**, encontra-se em parte relacionada com pássaros, como nos explica Kövecses (1991):

Os pássaros são frequentemente vistos como símbolos de liberdade. Parece ser intuitivamente correcto acreditar que a ligação entre a liberdade e a felicidade é que a liberdade é uma fonte possível da felicidade. Na nossa forma simples de ver o mundo, temos de acreditar que “quando

²⁸² Anna Wierzbicka, no seu artigo “Defining Emotion Concepts” (1992: 566), explica que a diferença entre **felicidade** e **alegria** consiste no carácter pessoal daquela, por oposição ao carácter não especificado, possivelmente impessoal da última.

²⁸³ ESTADOS DE EUFORIA SÃO PARA CIMA, Lakoff, http://cogsci.berkeley.edu/lakoff/metaphors/Euphoric_States_Are_Up.html (consulta em 23/11/2005)

²⁸⁴ FELICIDADE É ESTAR ACIMA DO CHÃO, FELICIDADE É LEVEZA, FELICIDADE É PARA CIMA. In Kövecses, 2003[2000]: 24, 170 e 24, respectivamente.

estamos livres, estamos felizes.” O que se passa é que compreendemos um estado (emocional) (como a felicidade), em termos de uma fonte possível daquele estado (liberdade). Portanto, pode ser sugerido que temos que ver com o processo cognitivo em que dois conceitos, A (felicidade) e B (liberdade), estão ambos relacionados metonímica (em que B representa A, ou “a causa pelo efeito”) e metaforicamente (em que A é compreendido em termos de B). (1991: 31)²⁸⁵

Voltamos a encontrar a emoção **alegria** associada à Palestina e ao povo palestino, desta vez na antítese *celebrar esta tragédia*²⁸⁶, implícita no verbo *celebrar*: quando estamos alegres, celebramos. Contudo, o autor desta crónica²⁸⁷ não atribui àqueles que celebram qualquer responsabilidade pelos atentados (*Não acredito que o colectivo dos Palestinos [...] mereçam que lhes seja imputada esta conspiração.*), utilizando o advérbio *aparentemente* para questionar o acto de celebrar; o autor estabelece um paralelo entre a *tragédia sem precedentes*, da qual cidadãos americanos e outros foram vítimas, e a *situação igualmente trágica*, vivida pelos palestinos. Detenhamo-nos na passagem integral:

*[P]essoas a abanarem bandeiras da Palestina aparentemente a celebrar esta tragédia sem precedentes. Não acredito que o colectivo dos Palestinos, a braços com uma situação igualmente trágica, de um braço de ferro com Israel (e vice-versa, ainda não entendo muito bem estes ódios dinásticos) mereçam que lhes seja imputada esta conspiração.*²⁸⁸

De acordo com as informações linguísticas que acabámos de apresentar, podemos agora tentar apontar um modelo cognitivo para a expressão da **alegria**, em reacção aos ataques terroristas de 2001:

(i) Acontecimento festivo (os ataques terroristas),

²⁸⁵ No original:

Birds are often viewed as symbols of freedom. It seems intuitively correct to believe that the connection between freedom and happiness is that freedom is one possible source of happiness. In our simplified view of the world, we have the belief that “when we are free, we are happy.” What seems to be going on here is that we comprehend a (emotional) state (like happiness) in terms of a possible source of that state (freedom). Thus, it may be suggested that we have to do with a cognitive process in which two concepts, A (happiness) and B (freedom), are related both metonymically (in that B stands for A, or “cause for effect”) and metaphorically (in that A is understood in terms of B). (Kövecses, 1991: 31)

²⁸⁶ In: “Um Acto de Guerra”, António Botelho de Melo, *PT*, 12/09/2001, p. 31.

²⁸⁷ “Um Acto de Guerra”, António Botelho de Melo, *PT*, 12/09/2001, p. 31.

²⁸⁸ In: “Um Acto de Guerra”, António Botelho de Melo, *PT*, 12/09/2001, p. 31.

- (ii) **Alegria**,
- (iii) Perda de controlo²⁸⁹,
- (iv) Esforço físico,
- (v) Falta de energia e satisfação.

Constatamos que, no contexto da metáfora da GUERRA JUSTA e dado o carácter inquestionavelmente positivo da **alegria**, este modelo e a emoção, no contexto dos ataques terroristas aos EUA, podem apenas ser relativos ao vilão, visto a vítima não encontrar na sua própria tragédia nenhum motivo para “celebrar”. Contudo, como ficou dito atrás, note-se que o autor do texto não atribui (ou pelo menos questiona) o papel de vilão ao povo palestiano.

Ao presente modelo cognitivo podemos contrapor o modelo da emoção **tristeza**, atrás exposto; a quarta etapa de ambos os modelos difere no modo como o esforço físico é realizado: no caso da **tristeza**, o esforço é voluntário e realizado com dificuldade, contra uma força para baixo, enquanto que no caso da **alegria**, o esforço físico não é feito contra a emoção, mas em resultado desta (para cima e com leveza). Assim, ao último estágio, corresponde na **alegria** um estado de satisfação, por oposição à insatisfação da **tristeza**. Na origem da satisfação e insatisfação (últimos momentos do processo da **alegria** e **tristeza**, respectivamente) encontra-se o estágio inicial, que define o tipo de acontecimento: ao acontecimento ofensivo associamos a característica desagradável, ao passo que o festivo é caracterizado como agradável.

Como podemos observar a partir dos dados linguísticos apresentados, os únicos encontrados em todo o *corpus*, a emoção **alegria** tem baixa representatividade dentro da expressão do conjunto das emoções primárias em reacção ao terrorismo. Em contraste com emoções como o **medo**, a **raiva** e a **tristeza**, não registámos, em associação com a emoção **alegria**, ocorrência de segmentos linguísticos que representam a manifestação física, externa e visível, da emoção **alegria**: “sorrir” ou “rir”.

²⁸⁹ Este estágio é explicado por Kövecses (1991):

Consider the “JOY IS INSANITY” metaphor in this regard: “She was mad with joy,” “I was beside myself with joy,” “They were crazy with happiness,” “She’s ready to jump out of her skin.” Insanity is a complete lack of control. If possible, the “INSANITY” metaphor suggests an even greater lack of control than the “RAPTURE” metaphor. We assume craziness to go together with wild, uncontrolled movements and behavior. (1991: 37)

3.3. Expressão das emoções em reacção ao terrorismo - 2002

No momento do *corpus* relativo ao ano de 2002 e em reacção aos ataques terroristas de 2001, registámos informações linguísticas exprimindo as emoções primárias **medo, tristeza, raiva e surpresa**.

3.3.1. Medo

No ano de 2002, o **medo** volta a ocupar lugar de relevo na lista de emoções primárias, apresentando segmentos linguísticos capazes de demonstrar o modo como esta emoção é conceptualizada. O **medo** é descrito e expresso através das palavras *medo, horror e pânico*.

O nome *medo* foi encontrado nas seguintes passagens: *O 11 de Setembro foi o acontecimento que mais afectou a vida nos EUA assim como no resto do mundo pela sua grandeza catastrófica. O medo que se gerou em volta das pessoas acabou por ter as mais diversas e graves repercussões [sic] principalmente nos transportes aéreos.*²⁹⁰, *medo do futuro*²⁹¹, *Tecnologia, bombas inteligentes, terrorismo e medo*²⁹², *Estupefacção, incredulidade, medo*²⁹³. Encontramos, mais uma vez (cf. 3.2.1. Medo), o **medo** na origem de consequências negativas no campo da indústria aérea²⁹⁴. Ainda nos momentos textuais acima citados, observamos a ocorrência do **medo** a par da emoção **surpresa**, representada através de *Estupefacção, incredulidade*.

O nome *horror* foi registado no seguinte momento textual: *Marca indelével de horror na memória colectiva, os atentados de 11 de Setembro nos Estados Unidos vão*

²⁹⁰ In: “Repórter na Rua”, *PT*, 02/01/2002, p. 10.

²⁹¹ In: “Tragédias do Nosso Tempo”, Manuel Calado, *PT*, 13/03/2002, p. 34.

²⁹² In: “Tragédias do Nosso Tempo”, Manuel Calado, *PT*, 13/03/2002, p. 34.

²⁹³ In: “11 de Setembro - Recordando o 11 de Setembro”, *PT*, 11/09/2002, p. 4.

²⁹⁴ Sobre este tema voltamos a remeter para o estudo de Itu & Lee, “Assessing the Impact of the September 11 Terrorist Attacks on U.S. Airline Demand”, 2004.

ter [...] consequências que nenhum político e nenhum analista ousa prever. / [...] Pelas consequências imediatas a nível internacional, os atentados marcaram um dos momentos mais negros do ano de 2001.²⁹⁵

A palavra *pânico* ocorre nas seguintes passagens: *O pânico é total no quarteirão*²⁹⁶, *O pânico apodera-se de toda a ilha de Manhattan*.²⁹⁷. Observamos, novamente (cf. 3.2.1. Medo), o emprego do vocábulo *pânico*, no contexto da experiência directa dos ataques, experiência que pode ser determinada através dos localizadores *quarteirão* e *ilha de Manhattan*, que remetem para o espaço geográfico onde os ataques aconteceram.

A análise das passagens acima transcritas permite-nos apontar algumas das formas como conceptualizamos o **medo**. No segmento *um dos momentos mais negros do ano de 2001*, apresentado para a palavra *horror*, encontramos a metáfora HORRÍVEL (MEDO) É ESCURO, a qual se insere na metáfora geral ESCURO É MAU²⁹⁸, oposta a CLARO É BOM²⁹⁹. Os ataques são compreendidos como um momento “negro”, portanto sem luz. O **medo** do escuro e a impossibilidade de o ser humano ver em escuridão total são factores que, possivelmente, contribuem para a compreensão do escuro como algo negativo, por oposição à luz/claridade, com conotação positiva.

Na frase *O pânico apodera-se de toda a ilha de Manhattan*.³⁰⁰, está subjacente a metáfora já anteriormente apontada, MEDO É UM SUPERIOR (cf. 3.2.1. Medo), obtida através do verbo “apoderar-se”. O **medo** (*pânico*), gerado no momento em que ocorreram os ataques terroristas à cidade de Nova Iorque, *apodera-se* do espaço onde se dão os ataques, ou seja, passa a dominar esse espaço.

²⁹⁵ In: “Os acontecimentos que fizeram notícia em 2001”, PT, 02/01/2002, p. 15.

²⁹⁶ In: “Recordando o 11 de Setembro”, PT, 11/09/2002, p. 4.

²⁹⁷ In: “Recordando o 11 de Setembro”, PT, 11/09/2002, p. 4.

²⁹⁸ Esta mesma metáfora foi encontrada noutros momentos do *corpus* (cf. 3.2.3. Tristeza). As palavras “escuro” ou “negro” têm valor negativo, opondo-se a “luz” ou “claro” (Lakoff apresenta a metáfora HOPE IS LIGHT, http://cogsci.berkeley.edu/lakoff/metaphors/Hope_Is_Light.html).

²⁹⁹ As metáforas conceptuais MAU É ESCURO e BOM É CLARO (sobre a noção de “bem-estar” e de moralidade, ver o breve texto “Experiential Morality” (in <http://www.wvcd.org/issues/Lakoff.html>, consulta em 10/05/2006) abrangem outras metáforas com domínios de polo negativo (mau-escuro) e positivo (bom-claro), como por exemplo, CONHECIMENTO É CLARIDADE vs IGNORÂNCIA É ESCURIDÃO, VIDA É CLARIDADE vs MORTE É ESCURIDÃO (sobre estas metáforas ver <http://cla.calpoly.edu/~jrubba/495lit/metaphorbasics.html>, consulta em 10/05/2006).

³⁰⁰ In: “Recordando o 11 de Setembro”, PT, 11/09/2002, p. 4.

Encontrámos ainda a metonímia EFEITO FÍSICO PELA CAUSA, na passagem *o atentado terrorista que fez tremer o mundo*³⁰¹, em que um dos efeitos físicos do **medo** é a agitação física (*tremer*³⁰²), resultante de uma situação de perigo, neste caso, *o atentado terrorista*. Este princípio metonímico produz a metáfora EMOÇÕES SÃO FORÇAS: os ataques são conceptualizados como uma emoção (o **medo**), cuja força *fez tremer o mundo*.

O estado de choque (*chocante*), efeito físico também gerado pela emoção **medo**, foi encontrado na passagem:

*Os EUA viveram, em 2001, o ano mais trágico das últimas décadas tendo assistido a 11 de Setembro aos piores e mais chocantes atentados de sempre: desviados por terroristas muçulmanos, três Boeings de passageiros convertidos em bombas foram embater contra os símbolos do poderio económico americano (Torres Gémeas do World Trade Center, New York) e militar (Pentágono, Washington).*³⁰³

A partir das informações linguísticas, bem como da metonímia e metáforas apresentadas e em comparação com o modelo cognitivo apresentado em 3.2.1. Medo, observamos que apenas a segunda (Existência de **medo**) e quarta (Perda de controlo) etapas se repetem. A metáfora MEDO É UM SUPERIOR permite atestar a existência da quarta etapa, enquanto que a segunda etapa é comprovada pela metonímia EFEITO FÍSICO PELA CAUSA.

Ainda em comparação com a expressão do **medo** em 2001, observamos que, no ano de 2002, o experienciador/vítima do **medo** (suscitado pelos ataques) não é somente o conjunto das pessoas que viveram os ataques no dia 11 de Setembro de 2001, mas também e sobretudo um sujeito colectivo, espacial e simbólico: *toda a ilha de Manhattan*³⁰⁴, *os EUA*³⁰⁵ e *o resto do mundo*³⁰⁶.

³⁰¹ In: “Repórter na Rua”, *PT*, 02/01/2002, p. 8.

³⁰² Cf. Nota 101.

³⁰³ In: “To Be or Not to Be”, Eurico Mendes, *PT*, 02/01/2002, p. 18.

³⁰⁴ In: “Recordando o 11 de Setembro”, *PT*, 11/09/2002, p. 4.

³⁰⁵ In: “Repórter na Rua”, *PT*, 02/01/2002, p. 10.

³⁰⁶ In: “Repórter na Rua”, *PT*, 02/01/2002, p. 10.

3.3.2. Tristeza

No *corpus* relativo a 2002, Encontramos para a emoção **tristeza**, tal como para o ano de 2001, (i) itens lexicais capazes de a descrever e/ou exprimir, integrando-se neste grupo os descritores para o fenómeno universal de chorar, e (ii) termos e/ou expressões figuradas que a representam.

Observamos, o predomínio do adjectivo primitivo³⁰⁷ e qualificativo *triste*, o qual especifica o conceito expresso pelo nome de que deriva (“tristeza”). Sobre a posição deste tipo de adjectivo em relação ao nome que acompanha, dizem-nos Cunha & Cintra (1998[1984]): *A sua anteposição [dos adjectivos de relação], no caso, provoca uma valorização de sentido muito sensível.* (1998[1984]: 248). A posição do adjectivo, anteposto ao nome, constitui um factor essencial à sua ênfase pois, como podemos observar, o adjectivo *triste* encontra-se em todas as ocorrências no grau normal e assume na frase função de adjunto adnominal, função que se distingue da do adjectivo em função de predicativo pela não essencialidade³⁰⁸: *triste espectáculo*³⁰⁹, *triste acontecimento*³¹⁰, *triste atentado*³¹¹.

O descritor *triste* surge também em: *É triste que esta pequenina bola que rebola no espaço, apenas um grão de areia perdido no Universo, esteja tão corroída de ódio e fanatismo*³¹².

Encontrámos ainda as palavras *lamentável*, *lamentando* e *pesar*³¹³, que expressam a emoção **tristeza**:

*O que mais me impressionou em 2001 foi o lamentável acontecimento de 11 de Setembro. [...] Foi um ano triste em consequência daquele triste atentado.*³¹⁴

³⁰⁷ Cunha & Cintra, 1998[1984]: 250.

³⁰⁸ Cunha & Cintra distinguem o adjectivo em função de adjunto adnominal, termo acessório da oração, e o adjectivo em função de predicativo, um termo essencial da oração (1998[1984]: 265).

³⁰⁹ In: “Enquanto Há Vida”, Manuel Calado, *PT*, 02/01/2002, p. 32.

³¹⁰ In: “Repórter na Rua”, *PT*, 02/01/2002, p. 8.

³¹¹ In: “Repórter na Rua”, *PT*, 02/01/2002, p. 8.

³¹² In: “Enquanto Há Vida”, Manuel Calado, *PT*, 02/01/2002, p. 32.

³¹³ O adjectivo “lamentável” é definido pelo DLP-PE como “1. que é digno de ser lamentado, chorado; 2. digno de dó; triste; lastimável; (Do lat. *lamentabile*-, «id.»)” e “pesar”, enquanto substantivo masculino, é definido como “1. mágoa; desgosto; 2. arrependimento; remorso; 3. dor íntima; 4. pena; tristeza; 5. saudade; (Do lat. *pensáre*, «pesar; apreciar»)”.

³¹⁴ In: “Repórter na Rua”, *PT*, 02/01/2002, p. 8.

*O 11 de Setembro situa-se na lista das tragédias mais significativas dos últimos tempos. [...] Recebemos na União Portuguesa Beneficente manifestações de pesar oriundas de Portugal lamentando o triste acontecimento.*³¹⁵

A manifestação física mais comum da **tristeza**, o acto de chorar, encontra-se presente num momento do *corpus* relativo ao ano de 2002: *O 11 de Setembro foi uma tragédia que fez o mundo chorar e de um impacto sem precedentes que se irá reflectir por muito tempo.*³¹⁶ Esta passagem permite-nos apontar a metonímia EFEITO FÍSICO PELA CAUSA, em que um dos efeitos físicos do **tristeza**, o choro, representa a emoção. Observamos que, mais uma vez, os ataques são compreendidos como uma “tragédia” (*O 11 de Setembro foi uma tragédia que fez o mundo chorar*³¹⁷), à qual se assistiu *pessoalmente* ou *por via televisiva*, e que o espectador ainda não esqueceu:

*Foi impressionante e por muito tempo se manterá na mente de quantos pessoalmente ou por via televisiva assistiram àquela tragédia. São imagens que se manterão vivas e que faço votos para que os autores sejam castigados de forma a que tire ideias semelhantes que porventura possam existir na mente de outros fanáticos.*³¹⁸

3.3.3. Raiva

A única informação linguística encontrada em 2002 para a expressão da emoção **raiva** foi o vocábulo *ódio*. Em três das quatro ocorrências da palavra, esta encontra-se associada ao fanatismo (*ódio e o fanatismo*, *ódio e fanatismo*) e religião (*ódio religioso*):

Os atentados terroristas de 11 de Setembro chamaram a atenção de todo o mundo e ao mesmo tempo lançaram um alerta para as possibilidades de isto se poder repetir em qualquer outro país.

³¹⁵ In: “Repórter na Rua”, *PT*, 02/01/2002, p. 8.

³¹⁶ In: “Repórter na Rua”, *PT*, 02/01/2002, p. 8.

³¹⁷ In: “Repórter na Rua”, *PT*, 02/01/2002, p. 8.

³¹⁸ In: “Repórter na Rua”, *PT*, 02/01/2002, p. 10.

*O ódio e o fanatismo são incálculáveis e quem o pratica são seres imprevisíveis nas suas acções.*³¹⁹

*É triste que esta pequenina bola que rebola no espaço, apenas um grão de areia perdido no Universo, esteja tão corroída de ódio e fanatismo, tão eivado do instinto sanguinário do animal que precisa de matar para viver.*³²⁰

*E quando a política e o ódio religioso se juntam, o que acontece é a guerra, a destruição e o sangue derramado para “glória e satisfação de Deus”.*³²¹

Como podemos observar, no contexto dos ataques terroristas de 2001, o item lexical *ódio*, que expressa a emoção **raiva**, não faz referência directa ao vilão, mas sim indirecta, pois remete para os motivos (religiosos) que levaram os autores dos ataques e seu alegado mentor a desempenhá-los.³²²

O vocábulo *ódio* ocorre ainda na seguinte passagem:

*Este Natal de dois mil e um não terá sido um santo Natal de paz e amor e concórdia, mas um Natal de “ranger de dentes” e de olhos injectados pelo furor e o ódio.*³²³

Na presente passagem encontramos a metonímia o EFEITO FÍSICO PELA CAUSA. Sabemos que entre os efeitos da **raiva** se encontra a pressão interna, a agitação, que nos faz “ranger os dentes”, e o aumento da pressão sanguínea, também um dos efeitos fisiológicos da **raiva**, subjacente ao excerto *olhos injectados pelo furor e o ódio*. Por sua vez, este mesmo princípio metonímico encontra correspondência nas metáforas EMOÇÕES SÃO LÍQUIDOS NUM CONTENTOR e CORPO COMO UM CONTENTOR DE EMOÇÕES.

3.3.4. Surpresa

³¹⁹ In: “Repórter na Rua”, *PT*, 02/01/2002, p. 10.

³²⁰ In: “Enquanto Há Vida”, Manuel Calado, *PT*, 02/01/2002, p. 32.

³²¹ In: “Enquanto Há Vida”, Manuel Calado, *PT*, 02/01/2002, p. 32.

³²² Sobre o apelo do presumível mentor dos ataques de 2001 aos EUA à guerra contra este país, alegando motivos religiosos, económicos, políticos e sociais, ver, por exemplo, o texto “Declaration of War Against the Americans Occupying the Land of the Two Holy Places”, Usama Bin Laden, 1996 (http://www.pbs.org/newshour/terrorism/international/fatwa_1996.html, consulta em 03/05/2006).

³²³ In: “Enquanto Há Vida”, Manuel Calado, *PT*, 02/01/2002, p. 32.

O *corpus* relativo ao ano de 2002 apresenta um número bastante inferior de ocorrências linguísticas para a emoção **surpresa**, em comparação com as informações obtidas a partir dos textos do ano anterior. Por oposição às informações linguísticas recolhidas para a expressão da **surpresa** em textos de 2001, constatamos que o nome “surpresa” não se encontra presente na parte do *corpus* relativa a 2002 e registámos um número reduzido de palavras que descrevem e expressam **surpresa**. O segmento *poucos podiam imaginar*, traduzindo a ideia de imprevisibilidade, própria da emoção **surpresa**, e os substantivos *estupefacção* e *incredulidade*, que se integram num momento textual com referência directa aos ataques de 2001:

Na manhã do dia 11 de Setembro poucos podiam imaginar que o impacto de um avião contra uma das Torres Gémeas de Nova Iorque seria o primeiro acto do maior atentado terrorista da História.

*Estupefacção, incredulidade, medo: em poucos minutos, cai por terra a ideia da intangibilidade dos Estados Unidos.*³²⁴

Na presente passagem, o que surpreende são as consequências dos ataques e aquilo que representam: à queda dos dois edifícios corresponde a queda de uma ideia, a *da intangibilidade dos Estados Unidos*. Abramos um parêntesis para referir que este aspecto é desenvolvido por Lakoff, através de uma série de metáforas visuais, no seu texto intitulado “Metaphors of Terror” (2001).

Lakoff (2001) começa por nos explicar que determinados neurónios localizados no córtex pré-frontal do nosso cérebro, chamados “neurónios-espelho” (em inglês, “mirror neurons”), são activados quando desempenhamos uma acção ou quando vemos a mesma acção ser desempenhada por outra pessoa. Nesta explicação neurológica reside a base da empatia e, deste modo, quando vemos um avião a voar em direcção a um edifício e imaginamos as pessoas dentro do edifício, sentimos o avião a vir de encontro a nós. Após ilustrar a explicação de ordem neurológica, Lakoff (2001) introduz a ideia da

³²⁴ In: “11 de Setembro – Recordando o 11 de Setembro”, *PT*, 11/09/2002, p. 4.

metaforização do edifício enquanto pessoa³²⁵ e enquanto uma parte específica do corpo, a cabeça (EDIFÍCIOS SÃO CABEÇAS³²⁶):

[Q]uando vemos o edifício desabar em direcção a outras pessoas, sentimos o edifício desabar sobre nós. Este facto também funciona metaforicamente: Se vemos o avião ir através do edifício, e inconscientemente metaforizamos o edifício como uma cabeça com o avião a ir através da têmpora, então sentimos inconsciente [sic] mas com muita força sermos alvejados na têmpora. Se metaforizarmos o edifício como uma pessoa e virmos o edifício cair no chão [e partir-se] em pedaços, então sentimos, de novo inconscientemente mas com muita força, que estamos a cair no chão [e a partirmo-nos] em pedaços. Os nossos sistemas de pensamento metafórico, interagindo com os sistemas dos neurónios-espelho, transformam horrores literais externos em horrores metafóricos sentidos.³²⁷

Na sequência do estabelecimento da metáfora acima (EDIFÍCIOS SÃO CABEÇAS) e da ideia de a interacção entre os nossos sistemas de pensamento metafórico e os sistemas dos “neurónios-espelho”, interacção capaz de transformar horrores externos (literais) em horrores sentidos (metafóricos), Lakoff (2001) introduz outras imagens visuais dos ataques terroristas que conduzem às seguintes metáforas:

a) CONTROLO É ESTAR POR CIMA: Quando estamos em controlo de algo ou de alguém dizemos que temos esse algo ou esse alguém “sob o nosso poder” ou “debaixo do

³²⁵ A frase do presidente dos EUA ilustra esta metáfora: *O coração da América não foi atingido* (in: “Terror nos EUA”, *PT*, 12/9/2001, p. 2).

³²⁶ Lakoff descreve detalhadamente a metáfora EDIFÍCIOS SÃO CABEÇAS, estabelecendo o paralelismo entre as partes da cara e as partes de um edifício:

A common visual metaphor is Buildings Are Heads, where windows and doors are openings in the head like eyes, nose, and mouth. For many people this metaphor interacted with the image of the plane going into South Tower of the World Trade Center, producing via visual metaphor the unconscious, but powerful image of a bullet going through someone's head, the flame pouring from the other side blood spurting out. Tall buildings can, via visual metaphor, be people standing erect. For many the falling of the towers activated this metaphor. Each tower falling was a body falling. We are not consciously aware of the metaphorical images, but they are part of the power and the horror we experience when we see them. (Lakoff, “Metaphors of Terror”, 2001).

³²⁷ No original:

(...) when we see the building toppling toward others, we feel the building toppling toward us. It also works metaphorically: If we see the plane going through the building, and we unconsciously metaphorize the building as a head with the plane going through its temple, then we sense-unconsciously but powerfully-being shot through the temple. If we metaphorize the building as a person and see the building fall to the ground in pieces, then we sense-again unconsciously but powerfully- that we are falling to the ground in pieces. Our systems of metaphorical thought, interacting with our mirror neuron systems, turn external literal horrors into felt metaphorical horrors. (Lakoff, “Metaphors of Terror”, 2001)

nosso domínio” (“ter sob seu poder” ou “ter debaixo do seu domínio”). Estamos portanto numa posição elevada em relação ao algo ou alguém controlado (“estar por cima”). A queda das Torres Gêmeas significa perda de controlo, de poder (Lakoff, “Metaphors of Terror”, 2001):

You have control over the situation; you're on top of things. This has always been an important basis of towers as symbols of power. In this case, the toppling of the towers meant loss of control, loss of power.

b) IMAGINARIA FÁLICA: as Torres (neste caso, as Torres Gêmeas) são, ainda de acordo com Lakoff (“Metaphors of Terror”, 2001), símbolos de poder fálico e a sua queda reforça a ideia de perda de poder. O autor refere também que outro tipo de imagem fálica foi aqui mais central, nomeadamente os aviões a penetrarem as Torres com um raio de fogo/calor. No caso do Pentágono, uma imagem vaginal vista do ar, a sua penetração por um avião.³²⁸

c) A SOCIEDADE É UM EDIFÍCIO: as sociedades, tal como edifícios, têm uma base/fundação, a qual pode ou não ser sólida, abanar e cair. No momento em que as Torres Gêmeas do WTC, construídas para durarem muito tempo, se desmoronaram, metaforicamente levanta-se a questão acerca da duração da sociedade e poder americanos.³²⁹

d) EDIFÍCIO COMO UM TEMPLO: A destruição das Torres Gêmeas do WTC significa a destruição do templo do comércio capitalista. O desaparecimento dos edifícios provocou um desequilíbrio no perfil da cidade de Nova Iorque, mais especificamente de Manhattan, que agora dá a impressão de se ter afundado. De acordo com a simbologia

³²⁸ Explica-nos Lakoff (2001) que: *Towers are symbols of phallic power and their collapse reinforces the idea of loss of power. / Another kind of phallic imagery was more central here. The planes as penetrating the towers with a plume of heat. The pentagon [sic], a vaginal image from the air, penetrated by the plane as missile.* (Lakoff, “Metaphors of Terror”, 2001)

³²⁹ Esta ideia é desenvolvida por Lakoff (2001):

A society can have a “foundation” which may or may not be “solid” and it can “crumble” and “fall.” The World Trade Center was symbolic of society. When it crumbled and fell, the threat was more than to a building. / We think metaphorically of things that perpetuate over time as “standing.” Bush the Father in the Gulf War kept saying, “This will not stand,” meaning that the situation would not be perpetuated over time. The World Trade Center was build to last ten thousand years. When it crumbled, it metaphorically raised the question of whether American power and American society would last. (“Metaphors of Terror”, 2001)

desta parte da cidade americana e do próprio país, como a “terra prometida” / “sonho americano”, parece que essa mesma promessa / sonho se estão a afundar.³³⁰

Para além destas imagens, o autor (2001) refere a presença de uma outra, suscitada pelo cenário de destruição (fogo, fumo, cinzas, pó), uma imagem duradoura, de inferno.

Na sequência das imagens e metáforas acima apontadas, aplicadas especificamente ao WTC, Lakoff (2001) conclui:

*O Centro de Comércio Mundial era um símbolo potente, ligado à nossa compreensão do nosso país e de nós mesmos em várias formas. Tudo o que sabemos está fisicamente incorporado nos nossos cérebros. Incorporar novo conhecimento requer uma mudança física nas sinapses [região de contacto entre dois neurónios] dos nossos cérebros, uma transformação física do nosso sistema neural. A violência física não foi somente em Nova Iorque e em Washington. Mudanças físicas – violentas – foram realizadas aos cérebros de todos os americanos.*³³¹

Pelo que ficou atrás dito, compreendemos que os ataques terroristas de 2001 à cidade de Nova Iorque foram causa da emoção **surpresa**, principalmente porque representam a destruição da ideia da intangibilidade dos Estados Unidos. As metáforas atrás apontadas remetem para diversos aspectos capazes de explicar o significado da queda das Torres Gémeas e as repercussões que os ataques terroristas tiveram relativamente ao país que os sofreu, nomeadamente a perda do poder estado-unidense.

³³⁰ Diz-nos Lakoff:

Here we had the destruction of the temple of capitalist commerce, which lies at the heart of our society. Our minds play tricks on us. The image of the Manhattan skyline is now unbalanced. We are used to seeing it with the towers there. Our mind imposes our old image of the towers, and the sight of them gone gives one the illusion of imbalance, as if Manhattan was sinking. Given the symbolism of Manhattan as standing for the promise of America, it appears metaphorically as if that promise were sinking. (“Metaphors of Terror”, 2001)

³³¹ No original:

The World Trade Center was a potent symbol, tied into our understanding of our country and ourselves in a myriad of ways. All of what we know is physically embodied in our brains. To incorporate the new knowledge requires a physical change in the synapses of our brains, a physical reshaping of our neural system. The physical violence was not only in New York and Washington. Physical changes-violent ones-have been made to the brains of all Americans. (“Metaphors of Terror”, 2001)

3.4. Expressão das emoções em reacção ao terrorismo – 2003

Em 2003, registámos informações linguísticas exprimindo as emoções primárias **medo**, **surpresa** e **raiva**. À semelhança dos anos anteriores, passaremos de seguida a apresentar os itens lexicais e os segmentos textuais que expressam e/ou descrevem referidas emoções e nos permitem identificar o modo como estas são conceptualizadas, ainda no contexto dos ataques terroristas de 2001 aos EUA.

3.4.1. Medo

A exprimir a emoção **medo** encontrámos o segmento textual *aqueles que ainda têm coragem de falar* e os vocábulos *terror* e *pânico* e *receio*. Aquele excerto e estas palavras foram todos extraídos de uma mesma crónica³³², submetida ao tema da defesa das liberdades cívicas nos EUA, no contexto pós-11 de Setembro de 2001:

1) *Uma continuação da primeira série de leis que foram implementadas com o rescaldo do 11 de Setembro de 2001 e que têm sido alvo de críticas por praticamente todos os grupos que se dedicam à protecção das liberdades cívicas norte-americanas e pelos académicos especializados no mesmo tema – aqueles que ainda têm coragem de falar.*³³³

2) *Segundo o presente inquilino da Casa Branca o “Patriot Act I” tinha como objectivo primordial tornar os Estados Unidos num país mais seguro. Porém o que temos visto é terror e pânico em muitas comunidades, especialmente a dos emigrantes, fazendo com que muitos, particularmente os que são de origem árabe, fiquem com enorme receio de informar as autoridades.*³³⁴

Nesta última passagem encontramos várias palavras que exprimem um grau elevado de intensidade da emoção **medo** (cf. 3.2.1. Medo): os vocábulos *terror*, *pânico* e *enorme receio* traduzem a ideia de grande **medo**, no caso de *receio* através do adjectivo *enorme*. O **medo** é em 2) experienciado, nos EUA, por um grupo específico de pessoas,

³³² “11 de Setembro – Dois anos depois”, Diniz Borges, *PT*, 17/09/2003, p. 36.

³³³ In: “11 de Setembro – Dois anos depois”, Diniz Borges, *PT*, 17/09/2003, p. 36.

³³⁴ In: “11 de Setembro – Dois anos depois”, Diniz Borges, *PT*, 17/09/2003, p. 36.

os emigrantes com a mesma origem do vilão (no *corpus*, os sequestradores dos aviões nos ataques de 2001 aos EUA). O autor do texto atribui a causa do **medo** a um conjunto de leis denominado “Patriot Act”, o qual foi criado pela vítima na sequência dos ataques terroristas.

No primeiro excerto apresentado 1), o **medo** é expresso pela quase total ausência da *coragem de falar* (ou **medo** de falar) e suscitado, tal como observado em 2), pela *primeira série de leis que foram implementadas com o rescaldo do 11 de Setembro de 2001*. A emoção **medo** é, ao mesmo tempo, motivada e experienciada pela vítima. Os segmentos linguísticos que expressam a emoção **medo**, através da ideia de falta de *coragem de falar* ou *enorme receio de informar as autoridades*, permitem-nos apontar a metáfora conceptual MEDO É SILÊNCIO.

Assistimos quer em 1) quer em 2) à presença de material linguístico expressando a emoção **medo**, a qual surge em consequência já não dos ataques terroristas de 2001, mas das medidas legislativas, de carácter preventivo, tomadas em resultado daqueles, pela vítima.

3.4.2. Surpresa

A expressão da emoção **surpresa** surge na parte do *corpus* correspondente ao ano de 2003 em dois momentos:

*Mas decorridos minutos via estupefacto outro Boeing esmagar-se contra o outro edifício e, ainda que custasse a crer, era evidente que se tratava de terrorismo.*³³⁵

*Conservo as imagens dos dois aviões que tinham descolado de Boston para a Califórnia e foram desviados pelos sequestradores para New York. São imagens cinematográficas de uma beleza terrível que talvez nem Hollywood conseguisse inventar.*³³⁶

A traduzir a emoção **surpresa**, tornamos a encontrar o adjectivo *estupefacto*, estado que é resultado de um facto imprevisto, como ficou descrito em 3.2.4. Surpresa.

³³⁵ In: “11 de Setembro, dois anos depois”, Eurico Mendes, *PT*, 10/09/2003, p. 28.

³³⁶ In: “11 de Setembro – Dois anos depois”, Diniz Borges, *PT*, 17/09/2003, p. 36.

Em *via estupefacto*, o adjectivo, empregado com valor adverbial (em função predicativo concordando com o substantivo sujeito, o autor da crónica), sublinha o modo como as imagens dos ataques foram recebidas através da televisão (experiência indirecta), ou seja, com **surpresa**/estupefacção.

As noções de imprevisibilidade e cepticismo, características da emoção **surpresa**, encontram-se presentes nos segmentos textuais *ainda que custasse a crer* e *que talvez nem Hollywood conseguisse inventar*. Nesta última passagem, aquelas noções são transmitidas pelos advérbios de negação *nem* e de dúvida *talvez*, e pelo verbo *crer*, precedido do verbo *custar* (ser difícil). Na primeira passagem textual, as ideias de imprevisibilidade e cepticismo são atestadas pelo modo conjuntivo (*custasse* e *conseguisse*), através de cujo emprego encaramos a existência ou não existência de determinado facto como algo incerto, duvidoso ou até mesmo irreal, e ainda pela conjunção subordinativa concessiva, *ainda que*, a qual, tal como as outras conjunções do mesmo tipo, inicia uma oração subordinada em que se admite um facto contrário à acção principal, mas incapaz de impedi-la.

3.4.3. Raiva

Encontrámos, no *corpus* de 2003, apenas um item lexical capaz de exprimir de modo indirecto a emoção **raiva**, em reacção aos ataques terroristas e enquadrada na metáfora da GUERRA JUSTA. A distância temporal que existe entre o ano em estudo (2003) e o momento em que os ataques aos EUA ocorreram (2001) permite ao autor do texto encarar os ataques como um facto histórico e compará-los a um acontecimento de um período anterior, o bombardeamento de Pearl Harbour, durante a II Guerra Mundial. Tornamos, pois, a encontrar referência aos intervenientes na metáfora da GUERRA JUSTA: a vítima e o vilão.

Assim, à vítima correspondem os mortos e desaparecidos nos ataques; à vítima e, simultaneamente, ao herói, correspondem os EUA:

Os EUA sofriram o segundo ataque em território nacional depois do bombardeamento de Pearl Harbour durante a II Guerra Mundial.

*Dessa vez, o inimigo era os japoneses, os americanos foram atrás deles e arrumaram a questão arrasando Hiroshima e Nagasaki [...]. Agora, porém, é diferente, o inimigo não tem rosto. É o terrorismo.*³³⁷

Numa outra passagem textual, observamos que ao vilão correspondem os americanos: *Os americanos aproveitaram para se instalar na região e Osama declarou-lhes guerra pela ocupação da terra e dos locais sagrados do Islão.*³³⁸ No papel de vilão encontramos, ainda: os japoneses (*o inimigo era os japoneses*), os sequestradores (*No avião que atingiu o Pentágono o número de vítimas é de 184 ou 189, contando os sequestradores que alguns historiadores excluem da lista de vítimas, alegando não serem exactamente “vítimas”.*³³⁹), Bin Laden (*inimigo público número um dos EUA*³⁴⁰) e o terrorismo (*o inimigo não tem rosto. É o terrorismo.*).

Observamos que a emoção **raiva** é expressa, de modo indirecto, através do verbo *arrasar* (*arrasando*), representando a resposta bélica, legítima, da vítima/herói ao ataque do vilão. A ideia de destruição encontra-se subjacente ao verbo *arrasar*, acção possibilitada apenas por uma força como a emoção **raiva**. Desta observação podemos apontar, mais uma vez, a metáfora conceptual RAIVA É FORÇA.

3.5. Expressão das emoções em reacção ao terrorismo - 2004

O ano de 2004 foi marcado por ataques terroristas à cidade de Madrid. A notícia dos ataques do dia 11 de Março surgiu na primeira página da edição de 17 de Março do *PT* e encontrámos referência ao acontecimento na edição posterior, do dia 24 de Março.

³³⁷ In: “11 de Setembro, dois anos depois”, Eurico Mendes, *PT*, 10/09/2003, p. 28.

³³⁸ In: “11 de Setembro – Dois anos depois”, Diniz Borges, *PT*, 17/09/2003, p. 36.

³³⁹ In: “11 de Setembro – Dois anos depois”, Diniz Borges, *PT*, 17/09/2003, p. 36.

³⁴⁰ In: “11 de Setembro – Dois anos depois”, Diniz Borges, *PT*, 17/09/2003, p. 36.

Contudo, o número de textos encontrados nestas duas edições é reduzido: três³⁴¹ na primeira e dois³⁴² na última.

A descrição dos ataques é relativamente detalhada, sendo indicado o motivo dos ataques (*O atentado foi reivindicado pela Al-Qaeda e definido como retaliação pelo apoio do governo espanhol à intervenção militar no Iraque.*³⁴³), referido o número de mortos e feridos, oferecida informação biográfica de um cidadão brasileiro³⁴⁴ morto nos ataques e mencionado o local e meio de transporte em que aqueles ocorreram:

*Um brutal atentado na passada quinta-feira, em combóios [sic] suburbanos de Madrid, matou 201 pessoas e feriu mais de mil.*³⁴⁵

Encontrámos a comparação dos ataques a Espanha aos ataques efectuados aos EUA: *Muitos afirmam este ser o “11 de Setembro” da Espanha.*³⁴⁶ O ano de 2004 regista ainda a ocorrência de dois textos que, não submetidos exclusivamente ao tema dos ataques de 11 de Setembro de 2001, mas com referência a estes, contêm informações linguísticas descrevendo e/ou exprimindo as emoções primárias **medo** e **tristeza**.

3.5.1. Medo

Nos textos do *corpus* que tratam dos ataques a Espanha, encontrámos para a emoção **medo** os descritores *pânico*, *terror*, *medo* e *insegurança* nas seguintes passagens: *Pânico e caos se instalaram nos rostos do povo espanhol*³⁴⁷; *O presidente do Brasil [...] está sentido com o terror que se manifestou em Madrid*³⁴⁸ e *O clima nas ruas é de medo*

³⁴¹ “Governo português não está / alarmado com ameaças”, “Brasileiro morre em / atentado em Madrid” e “Brasileiro relata momentos / de desespero em Madrid”, *PT*, 17/03/2004.

³⁴² “A guerra ao terrorismo / e o massacre de Madrid” e “Madrid, primeira pergunta contra a cegueira de George W. Bush”, *PT*, 24/03/2004.

³⁴³ In: “Governo português não está / alarmado com ameaças”, *PT*, 17/03/2004.

³⁴⁴ “Brasileiro morre em / atentado em Madrid”, *PT*, 17/03/2004.

³⁴⁵ In: “Governo português não está / alarmado com ameaças”, *PT*, 17/03/2004.

³⁴⁶ In: “Brasileiro relata momentos / de desespero em Madrid”, *PT*, 17/03/2004.

³⁴⁷ In: “Brasileiro relata momentos / de desespero em Madrid”, *PT*, 17/03/2004, p. 15.

³⁴⁸ In: “Brasileiro morre em / atentado em Madrid”, *PT*, 17/03/2004, p. 15.

e insegurança.³⁴⁹ O ataque terrorista à capital espanhola volta a ser caracterizado pelo **medo**, sentido pela vítima, agora o *povo espanhol*. O **medo** estende-se ainda ao espaço onde aconteceram os ataques, nos textos apenas referido como a cidade de Madrid.

No contexto internacional de 2004 da guerra no Iraque e da insegurança gerada pela ameaça constante do terrorismo (primeiro os ataques aos EUA, depois a Espanha), a época natalícia na cidade de Nova Iorque e a vida nos EUA são caracterizadas por um clima de “medo”. Este descritor é pela primeira vez empregado na forma plural (*medos*), não especificado/geral:

*Os EUA vivem uma época de medos semelhante à guerra fria, quando milhares de americanos construíram [sic] caves para se abrigarem em caso de ataque atômico dos russos e nunca lhes passou pela cabeça que, se os russos quisessem atacar, bastava uma caixa de fósforos para destruírem [sic] todas estas casas de madeira.*³⁵⁰

Voltamos a encontrar uma emoção integrada no contexto da metáfora conceptual da GUERRA JUSTA. No presente caso, o período histórico comparado é a Guerra Fria e o papel de vilão é desempenhado pelos russos, dos quais a vítima (*milhares de americanos*) se tenta proteger.

A emoção **medo** admite variação de grau: em grau elevado encontramos o “terror”, por oposição a sentimentos de insegurança, que também denotam **medo**, mas um **medo** menos intenso³⁵¹. No *corpus* de 2004 encontrámos uma passagem capaz de ilustrar a diferença de grau para a emoção medo:

*Ainda se vêem militares nas estações do metro e barreiras de cimento à entrada do Empire State Building e outros edifícios importantes, mas os novaiorquinos preocupam-se cada vez menos com as ameaças terroristas que ainda por cima mudam de cor conforme as conveniências políticas do governo.*³⁵²

³⁴⁹ In: “Brasileiro relata momentos / de desespero em Madrid”, *PT*, 17/03/2004, p. 15.

³⁵⁰ In: “Natal em New York”, Eurico Mendes, *PT*, 22/12/2004, p. 27.

³⁵¹ O decréscimo do **medo** entre os anos de 2002 e 2004 foi medido no relatório “MSRG Special Report: Restrictions on Civil Liberties, Views of Islam, & Muslim Americans”, <http://www.comml.cornell.edu/msrg/report1a.pdf> (consulta em 03/03/2006).

³⁵² In: “Natal em New York”, Eurico Mendes, *PT*, 22/12/2004, p. 27.

Como podemos observar na passagem, às medidas de segurança opõe-se a despreocupação dos nova-iorquinos. Note-se a ideia de progressão temporal associada à redução da emoção medo (*os novaiorquinos preocupam-se cada vez menos com as ameaças terroristas*) e a utilização (pela vítima) dos actos praticados por vilões (*as ameaças terroristas*) com fins políticos (*mudam de cor conforme as conveniências políticas do governo.*).

3.5.2. Tristeza

Encontrámos, em textos do ano de 2004, expressão da emoção **tristeza** nos adjectivos *tristes* e *lutuosos / lutuosas*, que caracterizam a impressão de um acontecimento passado (os ataques de 2001), e do nome *luto*, relativamente aos ataques a Espanha:

a) *tristes*: *O ano passado, o Natal novaiorquino ainda foi marcado pelas tristes lembranças dos atentados de 11 de Setembro de 2001, mas no Ground Zero, onde se erguiam as torres gémeas [sic], foi construído um memorial com os nomes das vítimas dos ataques e o local tornou-se turístico.*³⁵³

b) *lutuosas*: “Memórias lutuosas de Setembro”³⁵⁴.

c) *luto*: *o Brasil está de luto pela perda maciça de vidas humanas.*³⁵⁵

Em a), encontramos o descritor com o mesmo nome da emoção **tristeza**, enquanto que em b) e c) temos o adjectivo *lutuoso* e a expressão *está de luto*, remetendo para a metáfora TRISTEZA É ESCURO (cf. 3.2.3 Tristeza). Observamos que, no caso dos ataques de 2001, os adjectivos caracterizam os nomes *lembranças* e *memórias*, cuja carga semântica remete para tempo passado.

3.6. Expressão das emoções em reacção ao terrorismo - 2005

³⁵³ In: “Natal em New York”, Eurico Mendes, *PT*, 22/12/2004, p. 32.

³⁵⁴ In: “Onde (De)Mora a Paz”, João Luís de Medeiros, *PT*, 08/09/2004, p. 33.

³⁵⁵ In: “Brasileiro morre em / atentado em Madrid”, *PT*, 17/03/2004, p. 15.

O ano de 2005 é marcado pelos ataques terroristas de 7 de Julho à cidade de Londres. Quatro anos após os ataques aos EUA e um ano após os ataques a Espanha, o Reino Unido deixa de ser simples apoiante da vítima (EUA e Espanha) para ser ele próprio vítima.

Dos sete textos seleccionados para o ano de 2005 com referência aos ataques terroristas, dois deles dizem respeito ao furacão que flagelou a cidade estado-unidense de Nova Orleães, o Katrina³⁵⁶, e dos restantes cinco apenas dois³⁵⁷ tratam exclusivamente dos ataques a Londres (observando-se em um destes³⁵⁸ menção aos ataques aos EUA). Em três destes cinco textos, um deles fala sobre os ataques aos EUA³⁵⁹, noutro são referidos os ataques aos EUA³⁶⁰ e no terceiro³⁶¹ os ataques aos EUA e a Espanha.

Nos dois textos acerca dos ataques à cidade de Londres, observamos que o espaço onde estes tiveram lugar não é descrito com precisão. Não encontramos, por exemplo, os nomes de estações de metropolitano nem quaisquer outras informações geográficas, sendo apenas citado o meio de transporte em que os ataques ocorreram: *a cidade de Londres e o seu sistema de locomoção*³⁶², *Depois das explosões em três estações do metropolitano e um autocarro e que provocaram 56 mortes no dia 7 de Julho*³⁶³, *Os atentados terroristas no metropolitano de Londres*³⁶⁴. Alguns dos motivos que podem explicar a ausência deste tipo de informação é o afastamento físico do autor do texto da realidade geográfica inglesa, bem como a característica lugar-comum dos espaços afectados, ao contrário do caso estado-unidense, em que foi atingido um edifício simbólico. Há referência específica, porém, ao momento em que aconteceram os ataques, a reunião do G8 no Reino Unido:

A Inglaterra, que até agora tinha escapado incólume à ameaça do terrorismo, acaba de enfileirar ao lado dos Estados Unidos e da Espanha. O ataque ocorreu na altura em que os Oito Grandes se

³⁵⁶ “A Revolta da Natureza”, Manuel Calado, *PT*, 07/09/2005, p. 31. e “Portugueses em New Orleans”, Eurico Mendes, *PT*, 07/09/2005, p. 30.

³⁵⁷ “Os ‘novos’ portugueses de Londres”, *PT*, 13/07/2005, p. 29. e “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

³⁵⁸ “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

³⁵⁹ “Lembrança do 11/09”, *PT*, 14/09/2005, p. 26.

³⁶⁰ “O discurso da inutilidade”, Diniz Borges, *PT*, 13/07/2005, p. 31.

³⁶¹ “Polícias Políglotas”, *PT*, 20/07/2005, p. 15.

³⁶² In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

³⁶³ In: “Imigrantes devem agir com muita calma nos tempos que correm”, *PT*, 27/07/2005, p. 24.

³⁶⁴ In: “Os ‘novos’ portugueses de Londres”, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

encontravam reunidos na Escócia, planeando o futuro económico do mundo. E talvez tenha sido planeado como um aviso aos grandes do Ocidente, de que a crença religiosa, quando elevada aos paroxismos do fanatismo, é uma força com que terão de contar, nos seus planos de congregação mundial, económica e política. ³⁶⁵

O mundo ocidental é, mais uma vez, considerado a vítima e ao fanatismo religioso é atribuída a origem do terrorismo (cf. 3.3.3. Raiva). Os ataques ao Reino Unido juntam-se aos outros dois, EUA e Espanha, que voltam a ser referidos noutro momento do *corpus*:

Acontece o mesmo [que nos EUA] em Espanha, onde estão detidos inúmeros magrebinos, por delitos comuns ou no quadro de investigações terroristas, e a polícia só conseguiu 30 tradutores-intérpretes de árabe. ³⁶⁶

Na frase acima é estabelecida uma comparação entre, por uma parte, as dificuldades de contratação de *tradutores-intérpretes de árabe* e, por outra, o número de pessoas detidas, com a mesma origem do vilão (os sequestradores dos aviões nos ataques aos EUA), em dois países (vítimas) que sofreram ataques terroristas.

No ano de 2005 e não integradas em notícias acerca dos ataques a Londres, voltamos a encontrar em duas crónicas³⁶⁷ referências (directas e indirectas por meio do vilão) aos ataques de 2001 aos EUA. Ambos os textos são submetidos ao tema do furacão Katrina, que flagelou a capital do estado do Luisiana, Nova Orleães.

Em uma destas duas crónicas, os ataques de 11 de Setembro são mencionados no contexto de uma crítica realizada à tardia resposta pública do presidente americano ao desastre natural:

Bush, o campeão da segurança, foi incapaz de reagir a um desastre natural anunciado com antecedência e muitos americanos perguntam-se o que não sera [sic] em caso de ataque químico

³⁶⁵ In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

³⁶⁶ In: “Polícias Políglotas”, *PT*, 20/07/2005, p. 15.

³⁶⁷ “A Revolta da Natureza”, Manuel Calado, *PT*, 07/09/2005, p. 31 e “Portugueses em New Orleans”, Eurico Mendes, *PT*, 07/09/2005, p. 30.

ou nuclear. O New York Times lembrou que, quando do 11 de Setembro, Bush só apareceu dois dias depois e agora levou cinco a dar sinais de vida. ³⁶⁸

Na outra crónica, o seu autor demonstra a sua frustração face à catástrofe, por alguns considerada, tal como os ataques terroristas de 2001, um castigo divino:

Recordo que, aquando do ataque terrorista do onze de Setembro, um dos tele-pastores, muito conhecido e influente nos negócios de Deus e do Partido Republicano, pregou, do alto do seu microfone, que se tratava de um castigo de Deus, por causa dos pecados do aborto, dos gays, dos liberais e de todos os que violam os Mandamentos. Deus, aquele que escreve direito por linhas tortas, servira-se dos fanáticos do Islão para castigar os pecados dos americanos que não seguem a sua lei. Porém o nosso Presidente não aceitou à letra o pronunciamento do seu amigo, nem o suposto castigo de Deus, por causa do aborto e dos pederastas, e enviou de presente ao bin Laden, o autor da proeza, que se encontrava no Afeganistão, umas dúzias de bombas inteligentes, que escavacaram muita coisa, menos a “toca do ladrão”. ³⁶⁹

Na continuação deste mesmo texto, o poder da natureza termina por ser considerado pelo autor da crónica como muito superior ao poder do terrorismo: *De qualquer modo, por muito bárbaro que seja o terrorismo dos fanáticos do Islão, nada o pode comparar ao terrorismo da Natureza.* ³⁷⁰

No mesmo texto em que o excerto acima se insere³⁷¹ e no contexto da metáfora da GUERRA JUSTA, encontramos uma nova perspectiva do vilão e da vítima. O primeiro é apresentado como um mero instrumento de Deus para atingir o povo americano:

Deus, aquele que escreve direito por linhas tortas, servira-se dos fanáticos do Islão para castigar os pecados dos americanos que não seguem a sua lei. ³⁷²

A segunda é apresentada como ignorando o *castigo de Deus* e retaliando sem conseguir atingir o vilão:

³⁶⁸ In: “Portugueses em New Orleans”, Eurico Mendes, *PT*, 07/09/2005, p. 30.

³⁶⁹ In: “A Revolta da Natureza”, Manuel Calado, *PT*, 07/09/2005, p. 31.

³⁷⁰ In: “A Revolta da Natureza”, Manuel Calado, *PT*, 07/09/2005, p. 31.

³⁷¹ In: “A Revolta da Natureza”, Manuel Calado, *PT*, 07/09/2005, p. 31.

³⁷² In: “A Revolta da Natureza”, Manuel Calado, *PT*, 07/09/2005, p. 31.

*Porém o nosso Presidente não aceitou à letra o pronunciamento do seu amigo, nem o suposto castigo de Deus, por causa do aborto e dos pederastas, e enviou de presente ao bin Laden, o autor da proeza, que se encontrava no Afeganistão, umas dúzias de bombas inteligentes, que escavacaram muita coisa, menos a “toca do ladrão”.*³⁷³

No *corpus* de 2005, registámos diversos momentos textuais onde se encontram presentes metáforas que nos permitem compreender melhor a forma como os ataques terroristas de 2001 são agora, passados quatro anos, compreendidos: GUERRA É POLÍTICA ([P]rincipal conselheiro e estratega, Karl Rove, havia despejado a grande bomba política³⁷⁴, Rove compreende, e muito bem, que a única forma de manter apoio para a política estrangeira desta administração é através da polarização interna, incluindo definindo críticos da guerra como defensores do inimigo.³⁷⁵) e POLÍTICA INTERNACIONAL É NEGÓCIO ([A] administração Bush, pegou na tragédia de 11 de Setembro e utilizou-a como pretexto para os seus planos secretos de conquistar o Iraque e controlar a sua vasta riqueza petrolífera.³⁷⁶).

Registámos, no contexto dos ataques à cidade de Londres, referência aos intervenientes na metáfora conceptual da GUERRA JUSTA, vilão e vítima. O primeiro surge caracterizado como *fanáticos do Islão e bin Laden e as suas gentes*, e a segunda é representada por *O Mundo Ocidental e Dezenas de mortos, centenas de feridos*:

*O Mundo Ocidental acaba de ser abalado por mais um acto terrorista. Desta vez foi escolhida pelos fanáticos do Islão a cidade de Londres e o seu sistema de locomoção. Dezenas de mortos, centenas de feridos, altos prejuízos materiais foram o resultado deste assalto terrorista. Planeado por bin Laden e as suas gentes? Tudo indica que sim.*³⁷⁷

O vilão é, também e novamente, o terrorismo:

³⁷³ In: “A Revolta da Natureza”, Manuel Calado, *PT*, 07/09/2005, p. 31.

³⁷⁴ In: “O discurso da inutilidade”, Diniz Borges, *PT*, 13/07/2005, p. 31.

³⁷⁵ In: “O discurso da inutilidade”, Diniz Borges, *PT*, 13/07/2005, p. 31.

³⁷⁶ In: “O discurso da inutilidade”, Diniz Borges, *PT*, 13/07/2005, p. 31.

³⁷⁷ In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

*E, provavelmente, não é com guerras como a do Iraque, que vamos combater e derrotar o terrorismo, embora o nosso Presidente disso esteja convencido.*³⁷⁸

A vítima/herói é apresentada como não estando em consenso relativamente à guerra contra o Iraque, que surgiu como resposta aos ataques de 11 de Setembro (*Nesta situação de impasse, o que há a fazer? As opiniões dividem-se, como é natural.*³⁷⁹, *Os argumentos de então, em favor da guerra, eram os mesmos de hoje. Os chamados gaviões da direita incitavam à guerra. As chamadas “pombas” do centro esquerda propunham a retirada de um país onde nunca devíamos ter entrado.*³⁸⁰, *Rove afirmou: “os conservadores viram a selvajaria do 11 de Setembro prepararam-se para a guerra; os liberais viram a selvajaria e queriam preparar julgamentos, dar terapia e tentar entender os nossos assaltantes.”*³⁸¹). A resposta da vítima/herói ao acto do vilão é compreendida como sendo capaz de originar mais vilões: *Com a guerra do sr. George Bush originámos a criação de centenas ou milhares de terroristas.*³⁸²

Em relação ao vilão, o Iraque é excluído da lista de intervenientes que desempenham este papel. O ataque realizado pela vítima, os EUA, àquele país, é criticado na crónica “O discurso da inutilidade”³⁸³. Este texto reflecte sobre o discurso proferido, em 28 de Junho de 2005, pelo presidente estado-unidense, G. W. Bush, defendendo a invasão do Iraque, país que alegadamente possuía armas de destruição maciça, como resposta aos ataques de Setembro de 2001. Esta posição é criticada na medida em que, quatro anos depois dos ataques, terrorismo e Iraque não são considerados estar relacionados³⁸⁴: *Mais, a mesma sondagem indica que pela primeira vez os americanos vêem a guerra do Iraque como algo separado da luta contra o terrorismo*³⁸⁵.

O baixo índice de popularidade de diversas medidas tomadas pelo presidente estado-unidense, a decisão de invadir o Iraque *sem a concordância das Nações*

³⁷⁸ In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

³⁷⁹ In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

³⁸⁰ In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

³⁸¹ In: “O discurso da inutilidade”, Diniz Borges, *PT*, 13/07/2005, p. 31.

³⁸² In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

³⁸³ “O discurso da inutilidade”, Diniz Borges, *PT*, 13/07/2005, p. 31.

³⁸⁴ Sublinhe-se que o mesmo não se observa relativamente à invasão do Afeganistão.

³⁸⁵ In: “O discurso da inutilidade”, Diniz Borges, *PT*, 13/07/2005, p. 31.

*Unidas*³⁸⁶, os elevados custos da guerra e as perdas humanas, a utilização da *tragédia de 11 de Setembro* [...] como pretexto para os seus [do Presidente] *planos secretos de conquistar o Iraque e controlar a sua vasta riqueza petrolífera*³⁸⁷ são alguns dos aspectos apresentados e criticados pelo autor da presente crónica.

A determinação incorrecta do vilão e a utilização dos ataques de 11 de Setembro de 2001 como pretexto para atingir fins económicos são também alvo de crítica:

*Todos sabemos que não houve nem um iraquiano [quinze dos dezanove sequestradores dos aviões utilizados nos ataques eram originários da Arábia-Saudita, enquanto que os restantes quatro eram provenientes do Egipto, dos Emirados Árabes Unidos e Líbano] na cumplicidade dos assaltos daquele trágico dia. Não há nenhuma ligação estabelecida entre os organizadores daquele horrroso crime e o antigo regime de Bagdade. Se há lições para aprendermos é que a administração Bush, [sic] pegou na tragédia de 11 de Setembro e utilizou-a como pretexto para os seus planos secretos de conquistar o Iraque e controlar a sua vasta riqueza petrolífera. Aliás, se bem me recordo a vasta maioria dos responsáveis pelo 11 de Setembro eram sauditas, e foi com os responsáveis por este nefasto reinado que George W. Bush andou, recentemente, de mãos dadas.*³⁸⁸

São ainda de destacar as inúmeras referências ao tempo passado e à ideia de duração sobre os ataques de 2001. Por exemplo, no texto “Lembrança do 11/09”, de 14/09/2005, registámos a ocorrência de: pretérito perfeito composto (*tinha acabado, foi visto, foram inaugurados, foi inaugurado, foi evocada*), advérbio de tempo/duração *ainda* (*O mundo ainda não esqueceu os atentados de 11 de Setembro de 2001.*³⁸⁹) e vocabulário do campo semântico da “memória” (*lembrança, memória, esqueceu*). Observamos, pois, que a “tragédia” (os ataques de 11 de Setembro de 2001 à cidade de Nova Iorque), apesar de pertencer a um tempo passado, ainda não foi esquecida pela vítima.

Passamos de seguida a apresentar o levantamento e análise de informações linguísticas relativas às emoções primárias, em reacção ao terrorismo, encontradas no ano de 2005: **medo e raiva**.

³⁸⁶ In: “O discurso da inutilidade”, Diniz Borges, *PT*, 13/07/2005, p. 31.

³⁸⁷ In: “O discurso da inutilidade”, Diniz Borges, *PT*, 13/07/2005, p. 31.

³⁸⁸ In: “O discurso da inutilidade”, Diniz Borges, *PT*, 13/07/2005, p. 31.

³⁸⁹ In: “Lembrança do 11/09”, *PT*, 14/09/2005, p. 26.

3.6.1. Medo

Em 2005, a emoção **medo** encontra-se representada no *corpus* não só através da situação de perigo em que comumente se insere (*Esta é a nova e perigosa realidade dos tempos que atravessamos.*³⁹⁰), mas também de outros vocábulos.

Na passagem *Acontece é que os árabes nos EUA estão receosos em assumir as origens e não deixam de ter razão com tanto árabe a ser preso, interrogado e deportado.*³⁹¹ voltamos a encontrar o adjectivo *receosos* a exprimir a emoção **medo** (cf. 3.2.1. Medo). O receio que os árabes nos EUA sentem *em assumir as origens*, na opinião do autor do texto em que a passagem se insere, é legítimo: *e não deixam de ter razão com tanto árabe a ser preso, interrogado e deportado.*

A emoção **medo** também encontra expressão nos vocábulos *horroroso* (*horroroso crime*³⁹²) e *horríficos* (*horríficos assaltos do 11 de Setembro de 2001 a Nova Iorque e a Washington*³⁹³), através da variante **horror**, anteriormente analisada (cf. 3.2.1. Medo).

Encontrámos ainda no *corpus* o verbo *paralisar*, reflectindo uma resposta física e situações de **medo** intenso. O efeito físico (a INCAPACIDADE DE SE MOVER) (cf. 3.2.1. Medo) é neste caso tomado pela causa (terror):

*Como se acaba de ver em Londres, apenas meia dúzia de terroristas puderam paralisar uma das maiores e mais ricas cidades do mundo. As armas sofisticadas, os submarinos, aviões e bombas inteligentes pouco ou nada podem contra meia dúzia de indivíduos presos numa convicção messiânica, e com um colete de explosivos vestido, ou simplesmente munidos de um telefone celular, para fazer rebentar as cargas explosivas.*³⁹⁴

O vilão volta a ser o conjunto *de indivíduos presos numa convicção messiânica*, convicção contra a qual o poder militar da vítima *pouco ou nada* pode.

³⁹⁰ In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

³⁹¹ In: “Policías Políglotas”, *PT*, 20/07/2005, p. 15.

³⁹² In: “O discurso da inutilidade”, Diniz Borges, *PT*, 13/07/2005, p. 31.

³⁹³ In: “O discurso da inutilidade”, Diniz Borges, *PT*, 13/07/2005, p. 31.

³⁹⁴ In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

3.6.2. Raiva

A força da emoção **raiva** é expressa no *corpus* através do participio passado do verbo *abalar* (*abalado*), que tem como sujeito os ataques terroristas, equiparados a uma catástrofe natural, a um abalo sísmico:

*O Mundo Ocidental acaba de ser abalado por mais um acto terrorista. Desta vez foi escolhida pelos fanáticos do Islão a cidade de Londres e o seu sistema de locomoção. Dezenas de mortos, centenas de feridos, altos prejuízos materiais foram o resultado deste assalto terrorista. Planeado por bin Laden e as suas gentes? Tudo indica que sim.*³⁹⁵

A passagem diz-nos que *mais um acto terrorista* fez tremer (via *abalar*, que também significa “assustar”) o *Mundo Ocidental*, representado pela cidade de Londres. Vimos atrás (3.3.1. Medo) que um dos efeitos físicos do **medo** é a agitação física (“tremar”³⁹⁶), resultante de uma situação de perigo, neste caso, o *acto terrorista*. Obtivemos o princípio metonímico EFEITO FÍSICO PELA CAUSA, ao qual corresponde a metáfora EMOÇÕES SÃO FORÇAS. Os ataques terroristas são compreendidos como o resultado de duas forças: uma activa e que corresponde à causa (a **raiva**) e outra passiva e que corresponde ao efeito (o **medo**). O **medo** é a emoção que resulta dos ataques, caracterizados pela **raiva**, sendo esta emoção a força que fez com que o mundo ocidental fosse *abalado*.

No contexto da oposição entre Ocidente e Oriente, encontramos presentes o verbo *odiar* e o substantivo *ódio* (*Preferem continuar a odiar-se.*³⁹⁷, *ódio do mundo islâmico, contra o mundo cristão*³⁹⁸, *Que ódio impenetrável os [os terroristas] impele contra os Estados Unidos?*³⁹⁹). É de notar a presença da metáfora ÓDIO É FORÇA, obtida através do verbo *impelir*. O ódio é a força que “empurra” o vilão contra a vítima.

³⁹⁵ In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

³⁹⁶ Cf. Nota 101.

³⁹⁷ In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

³⁹⁸ In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

³⁹⁹ In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

As passagens acima descrevem a emoção **raiva/ódio**, que opõe o mundos cristão ao mundo islâmico; o não-entendimento entre os adeptos das duas religiões é explicado por comparação entre o momento presente da História a um momento passado, a época das Cruzadas:

Algo parece estar errado neste contexto das relações entre os mundos cristão e islâmico. E a razão não será apenas de carácter religioso, mas também político, nacionalístico e económico.

Nesta guerra surda entre os dois mundos, os contendores continuam a não chegar à fala. Preferem continuar a odiar-se. Será este um regresso moderno ao tempo das Cruzadas? Pelo menos o termo já foi usado pelo presidente Bush, e o Islão sentiu a vergastada e recordou o tempo de lutas antigas, mas não esquecidas. E à fé da tradição veio, nas últimas décadas, juntar-se a busca do ouro negro sob as areias islâmicas do Oriente Médio, base do progresso e avanço do Mundo Ocidental. E tudo isto, cozinhado a fogo lento, deve estar na base da mística terrorista e do ódio do mundo islâmico, contra o mundo cristão. E no meio deste panorama político-religioso-económico basta, às vezes, apenas a voz de um homem eivado de misticismo religioso ou ambição política, para virar o mundo do avesso.

A era do terrorismo suicida veio colocar o mundo sob uma nova luz. Nunca antes foi possível a tão poucos fazer tanto, nos domínios da guerra e da destruição. No tempo das Cruzadas, era a coragem individual, a lança, a espada e o número de soldados que marcavam a sorte da guerra.⁴⁰⁰

O **ódio** remete na passagem acima para vítima e/ou vilão, estabelecendo uma clara oposição, escolhida (*Preferem*), entre *os mundos cristão e islâmico*. Apesar de esta emoção se encontrar associada à vítima e ao vilão (*Preferem continuar a odiar-se.*), o **ódio** é sentido pelo vilão e dirigido à vítima: *ódio do mundo islâmico, contra o mundo cristão, Que ódio impenetrável os impele contra os Estados Unidos?*

⁴⁰⁰ In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

CAPÍTULO 4

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

O levantamento e análise dos dados apresentados no capítulo anterior permitiram-nos estabelecer vários resultados acerca da expressão das emoções em reacção ao terrorismo, ao longo dos cinco anos que compõem o espaço de tempo abrangido pelo *corpus*.

No ano de 2001 encontrámos informações linguísticas e conceptuais para a expressão das emoções **medo**, **raiva**, **tristeza**, **surpresa**, **aversão** e **alegria**. À excepção da **aversão**, registámos presença de vocábulos homónimos para todas as restantes emoções primárias. Apenas a **aversão** e a **surpresa** não registaram a ocorrência de itens lexicais/expressões linguísticas que representam efeitos fisiológicos, nem pudemos traçar modelos cognitivos para estas duas emoções, de acordo com os dados obtidos.

Podemos apontar como explicação para estes resultados o facto de a **aversão** ter a rejeição alimentar não só na sua origem, mas também como grande motivação, não sendo portanto o contexto dos ataques terroristas propício à manifestação desta emoção.

No caso da **surpresa**, a ausência de itens lexicais/expressões linguísticas que representam efeitos fisiológicos e a impossibilidade de traçar um modelo cognitivo podem estar relacionadas com o facto de esta emoção encontrar menor expressão na linguagem. Não discutiremos aqui se a **surpresa** é ou não uma emoção (partimos do princípio que faz parte do conjunto de emoções primárias), mas admitimos que se boas e más surpresas são condições para que nos sintamos alegres e tristes/chocados,

respectivamente, é previsível que estas duas emoções (**alegria** e **tristeza**) se realizem com mais frequência na imprensa relativa aos ataques terroristas. Apesar de terem sido acontecimentos inesperados, e nesta medida capazes de despertar no experienciador a emoção **surpresa**, os textos em análise são todos posteriores aos ataques, captando sobretudo as reacções emocionais suscitadas por aqueles acontecimentos, após o momento de conhecimento das ocorrências. Neste sentido, houve quem considerasse os ataques uma boa surpresa e tivesse ficado feliz, e quem considerasse os ataques uma má surpresa e tivesse ficado triste/chocado.

Consideramos os resultados obtidos para a expressão da **raiva** e do **medo**, em reacção aos ataques de 2001, atestarem a comprovada “transparência visceral” (Batoréo, 2004c: 32) de ambas as emoções: **medo** e **raiva** têm, “na vida humana, motivação muito forte do ponto de vista psicológico” e as suas manifestações são “transparentes para testemunhas e fáceis de detectar, ao mesmo tempo que são difíceis de esconder do adversário.” (Batoréo, 2004c: 32). Atestam estas afirmações os modelos cognitivos apresentados, construídos não só a partir das metáforas conceptuais encontradas, mas também dos princípios metonímicos obtidos a partir da análise das informações linguísticas do *corpus*. A complexidade da expressão destas duas emoções é também visível a nível dos inúmeros itens lexicais encontrados, os quais remetem para diferentes graus de intensidade do **medo** e da **raiva**.

Em claro confronto, encontram-se as emoções **tristeza** e **alegria**. A diferença em número de itens lexicais e segmentos textuais registados é grande: a emoção **tristeza** encontrou no *corpus* expressão em inúmeros vocábulos (exemplos: *triste, tristeza, chorar, lágrimas, luto, enlutado, devastadas, lamentável, lastimável, condolências, pena, trágico, tragédia*) e permitiu-nos apontar um modelo cognitivo bastante completo, composto por metonímia e várias metáforas conceptuais, ao contrário da **alegria** que contou com apenas três palavras (*alegria, regozijo e celebrar*) e cujo modelo apresentado tem por base uma única metáfora conceptual. Estes resultados podem ser justificados pelo jornal seleccionado: um jornal português, redigido por portugueses e lusodescendentes, não muçulmanos, publicado nos EUA. Estas características explicam o predomínio de passagens, expressões e itens lexicais para a emoção **tristeza**, por oposição à escassez de itens lexicais para a emoção **alegria**, expressa por um grupo

restrito de pessoas (o povo palestino), que se diferencia dos leitores e redactores da publicação escolhida. Os ataques suscitaram a **tristeza** dos que os sofreram (vítima) e dos seus simpatizantes (leitores e equipa de redacção do *Portuguese Times*), e a **alegria** de um grupo específico (o povo palestino), não simpatizante da vítima ou adepto daqueles que levaram a cabo os ataques (vilão).

No ano de 2002 repetem-se o **medo**, a **tristeza**, a **raiva** e a **surpresa**. Ao contrário do observado em 2001, não registámos informações linguísticas relevantes e suficientes para construir modelos cognitivos destas emoções. Somente o **medo** e a **raiva** apresentam alguns princípios metonímicos e metáforas conceptuais que apontam para certas etapas dos modelos cognitivos elaborados, em 2001, para cada uma destas duas emoções. A expressão da emoção **medo** encontra diferentes graus de intensidade, estando os vocábulos que descrevem e/ou expressam a emoção novamente relacionados com a experiência directa (**medo** mais intenso), por oposição à experiência indirecta (**medo** menos intenso) dos ataques.

A emoção **raiva** apresenta um predomínio do descritor *ódio*, associado de modo indirecto, via religião e fanatismo, ao vilão, no *corpus* as pessoas que desempenharam os ataques terroristas. **Raiva** intensa (ódio) é, portanto, a emoção considerada, nos textos do *corpus*, como característica (negativa) não apenas daqueles que em 2001 atacaram os EUA, mas de qualquer elemento ou grupo que, capaz de actos de terrorismo, seja considerado vilão.

A **tristeza** regista um número elevado de ocorrências do descritor *triste*, acompanhando inúmeros nomes que representam os ataques terroristas, como nos casos de *triste atentado*, *triste acontecimento* ou *triste espectáculo*. A manifestação física mais comum da **tristeza** (o acto de chorar) encontra-se também presente no ano de 2002 e permitiu-nos apontar a metonímia EFEITO FÍSICO PELA CAUSA. O verbo *chorar* reflecte a forma como os ataques continuam a ser conceptualizados no *corpus*: como uma tragédia (*triste espectáculo*) que faz chorar a sua audiência/plateia. Assim, a caracterização dos ataques, acontecimentos *tristes*, sobrepõe-se à caracterização do estado de espírito (*triste*) daqueles que assistiram ao ocorrido no próprio local ou através da televisão.

Apesar de não termos encontrado metáforas nem metonímias conceptuais para a emoção **surpresa**, registámos um momento textual, em 2002, que nos permitiu apontar

uma série de metáforas conceptuais relacionadas com a causa originária da **surpresa**, o simbolismo da queda das Torres Gémeas do WTC. A ideia de perda de poder perpassa toda aquela série de metáforas: o ataque às Torres Gémeas e a sua consequente destruição representam, surpreendentemente, a destruição do templo do comércio capitalista e do poder/invencibilidade estado-unidense.

À semelhança de 2002, também em 2003 não ocorreu nenhum dos ataques terroristas em foco no presente estudo (em 2001 deram-se os ataques aos EUA, em 2004 à Espanha e em 2005 ao Reino Unido). O ano de 2003 regista a ocorrência da expressão de apenas três emoções primárias, o **medo**, a **surpresa** e a **raiva**, observando-se portanto um decréscimo no número de emoções, em relação aos anos anteriores: em 2001 encontramos expressão de todas as seis emoções primárias, em 2002, quatro, e em 2003, três.

Tal como em 2002, tornámos a encontrar, no ano de 2003, expressão das emoções **medo** e **raiva**. A presença da **raiva** faz-se somente por meio de um vocábulo (*arrasando*), relacionado com os papéis de vítima/herói e vilão, neste último caso não os autores dos ataques de 11 de Setembro de 2001, mas outro inimigo dos EUA (o Japão, durante a II Guerra Mundial), que nos textos de 2003 continua a ser conceptualizado como vítima. Devemos sublinhar que, no *corpus* e no contexto da metáfora conceptual da GUERRA JUSTA, a emoção **raiva**, quando associada àquele(s) compreendido(s) como vítima(s) e/ou herói, não tem uma conotação negativa e é considerada legítima, ao contrário de quando associada ao vilão, como pudemos observar para o ano de 2002.

A emoção **medo** é suscitada em 2003 não directamente pelos ataques de 11 de Setembro de 2001, mas de modo indirecto, pelas medidas tomadas pela vítima, em consequência daqueles atentados. O **medo** em elevado grau de intensidade é experienciado por grupos específicos que, apesar de serem também eles considerados vítimas (o povo americano, os emigrantes), partilham a mesma origem étnica do vilão (árabe). Portanto, em 2003, o **medo** deixa de ser a emoção despertada directamente pelos actos terroristas do vilão, para ser resultado das acções da própria vítima.

A expressão da emoção **surpresa** surge no ano de 2003 apenas em dois momentos textuais, que remetem para a experiência indirecta dos ataques de 2001, descritos através do recurso às imagens que o autor do texto conserva, logo, à memória

do ocorrido. A emoção **surpresa** encontra-se associada ao carácter inédito e incrível dos ataques, características que no *corpus* só poderiam ser criações da imaginação/criatividade da própria vítima, perspectivada como os EUA (*São imagens cinematográficas de uma beleza terrível que talvez nem Hollywood conseguisse inventar.*⁴⁰¹).

O ano de 2004, marcado pelos ataques terroristas à cidade de Madrid, apresenta apenas expressão das emoções **medo** e **tristeza**. A maior parte dos descritores para a emoção **medo** é relativa aos ataques de 2004, encontrando-se um descritor para aquela emoção em relação aos ataques de 2001 aos EUA. Apesar de os itens lexicais encontrados não nos terem permitido analisar a emoção **medo** com a mesma profundidade e complexidade do que foi feito para os ataques de 2001 aos EUA, em que conseguimos apontar princípios metonímicos e um modelo cognitivo para esta emoção primária, o **medo** permanece a emoção com o índice mais elevado de ocorrências no contexto imediato dos ataques terroristas, à semelhança dos resultados obtidos para o ano 2001. Tal como no caso dos ataques aos EUA, o **medo** torna a ser a emoção suscitada por actos terroristas e associada à vítima, em 2004, o povo espanhol.

No *corpus* de 2004, há uma diferença de grau na expressão do **medo** sentido pelas vítimas que sofrem os ataques em 2004 e as que os sofreram em 2001: ao primeiro grupo encontram-se associados itens lexicais como *pânico* e *terror*, que expressam **medo** intenso, ao passo que no caso da vítima que sofreu os ataques em 2001 (no *corpus*, os EUA) o **medo** não passa, agora em 2004, de uma preocupação à qual a vítima atribui cada vez menos importância (*os novaiorquinos preocupam-se cada vez menos com as ameaças terroristas*⁴⁰²). Consideramos esta diferença de grau estar relacionada com a proximidade (no caso espanhol) e distância (no caso estado-unidense) temporal dos ataques.

A emoção **tristeza** registou somente um dado linguístico relativo aos ataques de Madrid, e, em textos de Setembro e Dezembro de 2004, dois dados linguísticos relativos aos EUA e aos ataques de 2001. Estes últimos resultados podem ser explicados pelo reavivar da lembrança dos ataques de 11 de Setembro num texto publicado três anos após

⁴⁰¹ In: “11 de Setembro, dois anos depois”, Eurico Mendes, *PT*, 10/09/2003, p. 28.

⁴⁰² In: “Natal em New York”, Eurico Mendes, *PT*, 22/12/2004, p. 27.

o ocorrido e noutro publicado por ocasião do Natal. A reduzida ocorrência de itens lexicais/expressões capazes de traduzir a emoção **tristeza** relativamente aos ataques de Madrid pode estar relacionada com a distância geográfica que separa os ataques de 2004 a Espanha do *Portuguese Times* (EUA), ou ainda com a dimensão inferior e características dos ataques à cidade de Madrid, que ao contrário dos ataques à cidade de Nova Iorque, não são perspectivados como um “filme” ou “peça teatral” tornada realidade.

O ano dos ataques à cidade de Londres, 2005, apresenta informações linguísticas que expressam **medo** e **raiva**. A emoção **medo** encontra-se novamente associada aos ataques de 2001, mais concretamente ao grupo específico de vítimas com a mesma origem étnica do vilão. Os ataques de 2001 voltam, pois, a ser retomados em textos de 2005, com apenas um descritor (*paralisar*) a remeter para os ataques à cidade de Londres.

A emoção **raiva** surge nos textos de 2005 representada pelo verbo *odiar* e pelo substantivo *ódio*, associados a ambos vítima e vilão, representados respectivamente pelos *mundos cristão e islâmico*. Apesar de esta emoção ser partilhada pelas duas partes em confronto (*Preferem continuar a odiar-se.*⁴⁰³), ela é sentida sobretudo pelo vilão em relação à vítima: *ódio do mundo islâmico, contra o mundo cristão*⁴⁰⁴, *Que ódio impenetrável os [os terroristas] impele contra os Estados Unidos?*⁴⁰⁵. O ódio sentido pelo vilão é apresentado como algo incompreensível e, nesta medida, ilegítimo. Observamos que, quatro anos após os ataques aos EUA, este país continua a ser perspectivado como vítima e a memória dos acontecimentos de 2001 reevocadas no momento em que acontecem outros ataques ao *Mundo Ocidental*, em 2005, representado pela cidade de Londres.

De acordo com os resultados apresentados para os anos de 2001, 2002, 2003, 2004 e 2005, observamos determinadas regularidades. Primeiro, os ataques aos EUA reúnem a totalidade das emoções primárias, ao passo que a Espanha e o Reino Unido registam apenas a expressão de duas emoções, como podemos observar no Quadro 3: Distribuição das emoções primárias presentes no *corpus* expressas em relação aos ataques aos EUA, Espanha e Reino Unido.

⁴⁰³ In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

⁴⁰⁴ In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

⁴⁰⁵ In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

País Emoção	EUA	Espanha	Reino Unido
Medo	X	X	X
Raiva	X		X
Tristeza	X	X	
Supresa	X		
Aversão	X		
Alegria	X		

Quadro 3: Distribuição das emoções primárias presentes no *corpus* expressas em relação aos ataques aos EUA, Espanha e Reino Unido

Segundo, no ano de 2001 reúnem-se dados linguísticos que expressam todas as seis emoções primárias, notando-se um decréscimo na expressão das emoções ao longo dos anos em análise: quatro emoções em 2002, três em 2003, duas em 2004 e duas em 2005. Regista-se expressão das emoções **alegria** (2001), **aversão** (2001) e **surpresa** (2001, 2002 e 2003) somente em reacção aos ataques terroristas aos EUA. A emoção **raiva** repete-se ao longo dos três primeiros anos do *corpus* (2001, 2002 e 2003), encontrando-se ausente no ano de 2004 para reaparecer no ano em que ocorreram os ataques ao Reino Unido, 2005. A emoção **medo** é a única emoção que se repete ao longo de todo o *corpus*.

Em termos globais, o decréscimo registado no número de emoções primárias ao longo dos cinco anos abrangidos pelo *corpus* pode, em relação aos ataques aos Estados Unidos, ser explicado pela distância temporal que ocorre entre os ataques de 2001 e 2005. À medida que o tempo vai passando, as emoções suscitadas pelos ataques terroristas aos EUA vão perdendo intensidade, desaparecendo do *corpus* a **alegria**, emoção associada ao vilão, e a emoção que, devido à sua motivação específica ser predominantemente a fome, encontra baixa representatividade no *corpus*, a **aversão**. Repetem-se as emoções com forte conteúdo conceptual (**medo** e **raiva**), as emoções associadas à vítima (**tristeza**) e à sua reacção aos ataques (**surpresa**).

O reduzido número de emoções encontrado em textos sobre os ataques à Espanha e ao Reino Unido pode ser explicado pela distância geográfica entre o local onde os ataques ocorreram (Europa) e o *Portuguese Times* (EUA), e pelo papel secundário que os ataques à Espanha e ao Reino Unido têm no *corpus*, em comparação com os ataques aos

EUA que, quer pela sua dimensão e carácter inédito, quer pela publicação seleccionada, têm papel principal. Os ataques de 2001 aos EUA e nomeadamente à cidade de Nova Iorque assumem, pois, maior relevância devido à sua dimensão, características idiossincráticas, proximidade geográfica e cultural dos autores da publicação, que apesar de ser escrita em língua portuguesa é publicada nos EUA e destinada às populações locais.

Os resultados obtidos na descrição do *corpus* permitiram-nos ainda demonstrar o modo como as emoções são compreendidas. Passamos de seguida a recapitular os resultados obtidos e capazes de revelar conteúdo conceptual para cada uma das emoções primárias em foco no presente trabalho: **medo, raiva, tristeza, surpresa, aversão e alegria**.

A expressão da emoção **medo** em reacção ao terrorismo faz-se por meio de metonímia e metáforas conceptuais e através dos segmentos linguísticos indicados em:

- 3.2.1. Medo: *receio (para uns surgiu o receio de voar⁴⁰⁶), medo (logo que as pessoas percam o medo de voar tudo regresse à normalidade⁴⁰⁷, No respeitante ao medo de voar, tudo isto é passageiro⁴⁰⁸), pânico (a multidão que dali fugiu em pânico⁴⁰⁹, multidão em pânico [...] a gritar começamos a correr e fui parar ao Times Square⁴¹⁰), horror/horrível (foi horrível e conto de horror⁴¹¹), assustador (não há nada mais assustador do que um inimigo sem rosto.⁴¹²), teme (Nos Estados Unidos, a comunidade árabe não só repudia estas acções como teme pela sua própria segurança.⁴¹³).*

- 3.3.1. Medo: *medo (O medo que se gerou em volta das pessoas acabou por ter as mais diversas e graves repercussões principalmente nos transportes aéreos.⁴¹⁴, medo*

⁴⁰⁶ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 11.

⁴⁰⁷ In: “George W. Bush perante o Congresso e o mundo: ‘Teremos de fazer justiça’ - Repórter na Rua: Os ataques terroristas aos EUA”, *PT*, 26/09/2001, p. 10.

⁴⁰⁸ In: “George W. Bush perante o Congresso e o mundo: ‘Teremos de fazer justiça’ - Repórter na Rua: Os ataques terroristas aos EUA”, *PT*, 26/09/2001, p. 10.

⁴⁰⁹ In: “Um médico português à porta do Inferno”, *PT*, 19/09/2001, p.4.

⁴¹⁰ In: “Viu a morte de perto - Diariamente tomava o pequeno-almoço / no World Trade Center, um atraso / de minutos salvou-me a vida”, *PT*, 19/09/2001, p. 9.

⁴¹¹ In: “Viu a morte de perto - Diariamente tomava o pequeno-almoço / no World Trade Center, um atraso / de minutos salvou-me a vida”, *PT*, 19/09/2001, p. 9.

⁴¹² In: “America Under Attack”, Eurico Mendes, *PT*, 19/09/2001, p. 29

⁴¹³ In: “Terror na América: a dor não pode dar lugar ao ódio”, *PT*, 26/09/2001, p. 29

⁴¹⁴ In: “Repórter na Rua”, *PT*, 02/01/2002, p. 10.

do futuro⁴¹⁵, Tecnologia, bombas inteligentes, terrorismo e medo.⁴¹⁶, Estupefacção, incredulidade, medo⁴¹⁷, horror (Marca indelével de horror na memória colectiva⁴¹⁸), pânico (O pânico é total no quarteirão.⁴¹⁹, O pânico apodera-se de toda a ilha de Manhattan.⁴²⁰).

- 3.4.1. Medo: terror e pânico e receio (Segundo o presente inquilino da Casa Branca o “Patriot Act I” tinha como objectivo primordial tornar os Estados Unidos num país mais seguro. Porém o que temos visto é terror e pânico em muitas comunidades, especialmente a dos emigrantes, fazendo com que muitos, particularmente os que são de origem árabe, fiquem com enorme receio de informar as autoridades.⁴²¹).

- 3.5.1. Medo: pânico (Pânico e caos se instalaram nos rostos do povo espanhol⁴²²), terror (O presidente do Brasil [...] está sentido com o terror que se manifestou em Madrid⁴²³), medo e insegurança (O clima nas ruas é de medo e insegurança.⁴²⁴), medos (Os EUA vivem uma época de medos semelhante à guerra fria⁴²⁵).

- 3.6.1. Medo: receosos (Acontece é que os árabes nos EUA estão receosos em assumir as origens e não deixam de ter razão com tanto árabe a ser preso, interrogado e deportado.⁴²⁶), horroroso (horroroso crime⁴²⁷), horríficos (horríficos assaltos do 11 de Setembro de 2001 a Nova Iorque e a Washington⁴²⁸).

Nos textos de 2001, 2002 e 2005, encontrámos referência aos seguintes efeitos físicos do **medo**: gritar, tremer e paralisar. Estes efeitos físicos apontam para o princípio metonímico geral: EFEITO FÍSICO PELA CAUSA (GRITAR, TREMER, INCAPACIDADE DE SE MOVER).

⁴¹⁵ In: “Tragédias do Nosso Tempo”, Manuel Calado, *PT*, 13/03/2002, p. 34.

⁴¹⁶ In: “Tragédias do Nosso Tempo”, Manuel Calado, *PT*, 13/03/2002, p. 34.

⁴¹⁷ In: “11 de Setembro - Recordando o 11 de Setembro”, *PT*, 11/09/2002, p. 4.

⁴¹⁸ In: “Os acontecimentos que fizeram notícia em 2001”, *PT*, 02/01/2002, p. 15.

⁴¹⁹ In: “Recordando o 11 de Setembro”, *PT*, 11/09/2002, p. 4.

⁴²⁰ In: “Recordando o 11 de Setembro”, *PT*, 11/09/2002, p. 4.

⁴²¹ “11 de Setembro – Dois anos depois”, Diniz Borges, *PT*, 17/09/2003, p. 36.

⁴²² In: “Brasileiro relata momentos / de desespero em Madrid”, *PT*, 17/03/2004.

⁴²³ In: “Brasileiro morre em / atentado em Madrid”, *PT*, 17/03/2004.

⁴²⁴ In: “Brasileiro relata momentos / de desespero em Madrid”, *PT*, 17/03/2004, p. 15.

⁴²⁵ In: “Natal em New York”, Eurico Mendes, *PT*, 22/12/2004, p. 27.

⁴²⁶ In: “Polícias Políglotas”, *PT*, 20/07/2005, p. 15.

⁴²⁷ In: “O discurso da inutilidade”, Diniz Borges, *PT*, 13/07/2005, p. 31.

⁴²⁸ In: “O discurso da inutilidade”, Diniz Borges, *PT*, 13/07/2005, p. 31.

Através das metáforas conceptuais encontradas podemos interpretar o modo como compreendemos a emoção **medo**:

- 2001 (cf. 3.2.1. Medo): MEDO É UM LÍQUIDO NUM CONTENTOR / EMOÇÕES SÃO LÍQUIDOS NUM CONTENTOR / CORPO COMO CONTENTOR DE EMOÇÕES, MEDO É FORÇA / EMOÇÕES SÃO FORÇAS, MEDO É UMA FORÇA NATURAL (TEMPESTADE-NUVEM), MEDO É UM Oponente, MEDO É UM SUPERIOR.

- 2002 (cf. 3.3.1. Medo): HORRÍVEL (MEDO) É ESCURO, MEDO É UM SUPERIOR, MEDO É FORÇA.

- 2003 (cf. 3.4.1. Medo): MEDO É SILÊNCIO.

- 2004 (cf. 3.5.1. Medo): não se registaram metáforas.

- 2005 (cf. 3.6.1. Medo): não se registaram metáforas.

No ano dos ataques aos EUA, encontrámos no *corpus* dados linguísticos que nos permitiram apontar um modelo cognitivo para o **medo**. No ano de 2002 encontrámos dados linguísticos que nos permitiram apontar apenas algumas das etapas do modelo apresentado para o ano anterior, de 2001. Os anos de 2003, 2004 e 2005 não registaram nenhuma etapa do modelo cognitivo apresentado em 2001. Mais, observamos um decréscimo no número de metáforas encontradas, a repetição da metáfora genérica MEDO É FORÇA (2001 e 2002) e metáforas ontológicas.

A emoção **medo** encontra-se, em 2001, 2002 e 2004, associada directamente aos ataques terroristas aos EUA e a Espanha, ao passo que, no ano de 2003, o **medo** deriva das medidas tomadas pela vítima na sequência dos ataques. O ano de 2005 regista a ocorrência da emoção **medo** associada às medidas tomadas pela vítima (EUA) após os ataques de 2001, e, directamente, aos ataques à cidade de Londres.

A expressão da emoção **raiva** no contexto dos ataques terroristas em estudo no presente trabalho é realizada através de metonímia, metáforas conceptuais e dos segmentos linguísticos indicados em:

- 3.2.2. Raiva: *fúria*⁴²⁹, *furiosos*⁴³⁰, *raiva*⁴³¹, *ódio* (*ódio*⁴³², *ódio político, cultural e religioso*⁴³³, *ódio islâmico*⁴³⁴, *ódio selvático e primário*⁴³⁵, *ódio de morte*⁴³⁶, *Qual a razão*

⁴²⁹ In: “O monstro em cada um de nós”, António Vallacorba, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

⁴³⁰ In: “A Guerra dos Bês”, Eurico Mendes, *PT*, 10/10/2001, p. 27.

⁴³¹ In: “Estou apreensivo...”, Manuel de Portugal, *PT*, 26/09/2001, p. 31.

⁴³² In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 12.

*de tanto ódio, de tanta raiva, de tanta vontade de matar?*⁴³⁷, *Bin Laden dirigiu o seu ódio visceral ao “Grande Satã”*⁴³⁸, *ódio visceral aos americanos?*⁴³⁹, *“Terror na América: a dor não pode dar lugar ao ódio”*⁴⁴⁰, *É que o ódio, infelizmente, gera ódio.*⁴⁴¹, *emoções [...] de ódio*⁴⁴², *revolta (a multidão que se foi aglomerando [...] e que demonstrou a sua revolta face aos trágicos acontecimentos em New York e Washington*⁴⁴³, *uma nação revoltada face aos ataques terroristas a New York e Washington*⁴⁴⁴ *e todos nós sentimos uma revolta profunda por esse acto tão vil*⁴⁴⁵).

- 3.3.3. Raiva: *ódio (ódio e o fanatismo*⁴⁴⁶, *ódio e fanatismo*⁴⁴⁷, *ódio religioso*⁴⁴⁸).

- 3.4.3. Raiva: *os americanos foram atrás deles e arrumaram a questão arrasando Hiroshima e Nagasaki.*⁴⁴⁹

- 3.6.2. Raiva: *odiar e ódio (Preferem continuar a odiar-se.*⁴⁵⁰, *ódio do mundo islâmico, contra o mundo cristão*⁴⁵¹, *Que ódio impenetrável os [os terroristas] impele contra os Estados Unidos?*⁴⁵²).

Nos textos de 2001 e 2002, encontrámos referência aos seguintes efeitos físicos da **raiva**: loucura, ranger de dentes, aumento da pressão sanguínea. Estes efeitos físicos permitiram-nos apontar o princípio metonímico geral: EFEITO FÍSICO PELA CAUSA (LOUCURA, RANGER DE DENTES, AUMENTO DA PRESSÃO SANGUÍNEA).

As metáforas conceptuais encontradas permitem-nos interpretar o modo como compreendemos a emoção **raiva**:

⁴³³ In: “Fanatismo”, Manuel Calado, *PT*, 19/09/2001, p. 30.

⁴³⁴ In: “Fanatismo”, Manuel Calado, *PT*, 19/09/2001, p. 30.

⁴³⁵ In: “Fanatismo”, Manuel Calado, *PT*, 19/09/2001, p. 30.

⁴³⁶ In: “O monstro em cada um de nós”, António Vallacorba, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

⁴³⁷ In: “Estou apreensivo...”, Manuel de Portugal, *PT*, 26/09/2001, p. 31.

⁴³⁸ In: “America Under Attack”, Eurico Mendes, *PT*, 19/09/2001, p. 29.

⁴³⁹ In: “III Guerra Mundial?”, *PT*, 26/09/2001, p. 28.

⁴⁴⁰ “Terror na América: a dor não pode dar lugar ao ódio”, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

⁴⁴¹ In: “Terror na América: a dor não pode dar lugar ao ódio”, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

⁴⁴² In: “Jumanji”, Silvério Gabriel Melo, *PT*, 10/10/2001, p. 35.

⁴⁴³ In: “Patriotismo contra o terrorismo”, *PT*, 26/09/2001, p. 11.

⁴⁴⁴ In: “Repórter na Rua: Os ataques terroristas aos EUA”, *PT*, 26/09/2001, p. 10.

⁴⁴⁵ In: “Estou apreensivo...”, Manuel de Portugal, *PT*, 26/09/2001, p. 31.

⁴⁴⁶ In: “Repórter na Rua”, *PT*, 02/01/2002, p. 10.

⁴⁴⁷ In: “Enquanto Há Vida”, Manuel Calado, *PT*, 02/01/2002, p. 32.

⁴⁴⁸ In: “Enquanto Há Vida”, Manuel Calado, *PT*, 02/01/2002, p. 32.

⁴⁴⁹ In: “11 de Setembro, dois anos depois”, Eurico Mendes, *PT*, 10/09/2003, p. 28.

⁴⁵⁰ In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

⁴⁵¹ In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

⁴⁵² In: “Sinal dos Tempos”, Manuel Calado, *PT*, 13/07/2005, p. 29.

- 2001 (cf. 3.2.2. Raiva): RAIVA É UM LÍQUIDO NUM CONTENTOR, RAIVA É UM LÍQUIDO QUENTE NUM CONTENTOR, COMPORTAMENTO ANIMAL AGRESSIVO É COMPORTAMENTO FURIOSO, RAIVA É UM Oponente, RAIVA É UM SUPERIOR.

- 2002 (cf. 3.3.2. Raiva): RAIVA É UM LÍQUIDO NUM CONTENTOR.

- 2003 (cf. 3.4.2. Raiva): RAIVA É FORÇA.

- 2004: não se registou expressão da raiva.

- 2005 (cf. 3.6.2. Raiva): RAIVA É FORÇA.

Encontramos, no ano dos ataques aos EUA, a totalidade dos dados linguísticos que nos permitiram apontar um modelo cognitivo para a **raiva** e observamos um decréscimo no número de metáforas encontradas, a repetição da metáfora genérica RAIVA É FORÇA (2001, 2003 e 2005) e metáforas ontológicas e estruturais.

Sublinhamos que, nos dados linguísticos do *corpus*, a **raiva** se encontra associada ao vilão, enquanto emoção que motiva os ataques, e à vítima, emoção que resulta dos ataques desempenhados pelo vilão.

A **tristeza** em reacção ao terrorismo é expressa por meio metonímia e metáforas conceptuais e dos segmentos linguísticos indicados em:

- 3.2.3. Tristeza: *tristeza (É uma tristeza imensa...⁴⁵³, oceano imenso de amargura e tristeza⁴⁵⁴), triste (É triste que no mundo em que vivemos haja gente capaz de tal barbaridade⁴⁵⁵, Oxalá que a triste história do Vietname não volte a repetir-se.⁴⁵⁶), chorar (os nova-iorquinos que choram.⁴⁵⁷, chorar a dor.⁴⁵⁸, Um jovem chora sobre o caixão com os restos mortais de um familiar⁴⁵⁹, fazendo esforço para não chorar⁴⁶⁰, num momento em que a América (e o mundo) ainda chora as suas vítimas⁴⁶¹), lágrimas (Entretanto acontece o desabamento da primeira torre perante gritos e lágrimas de todos*

⁴⁵³ In: “Um médico português / à porta do inferno – O testemunho do Dr. Paulo Alexandre Pacheco”, Entrevista de Henrique Mano a Paulo Alexandre Pacheco, *PT*, 19/09/2001., p. 4.

⁴⁵⁴ In: “Uma Canção para a América”, *PT*, 26/09/2001, p. 35.

⁴⁵⁵ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 12.

⁴⁵⁶ In: “Terrorismo”, Manuel Calado, *PT*, 26/09/2001, p. 30.

⁴⁵⁷ In: “Estou apreensivo...”, Manuel de Portugal, *PT*, 26/09/2001, p. 31.

⁴⁵⁸ In: “Terror na América: a dor não pode dar lugar ao ódio”, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

⁴⁵⁹ A frase *Um jovem chora sobre o caixão com os restos mortais de um familiar*. constitui a legenda / descrição de uma foto. In: “Ataques terroristas / e as suas consequências”, *PT*, 26/09/2001, p. 12.

⁴⁶⁰ In: “America Under Attack”, Eurico Mendes, *PT*, 19/09/2001, p. 29.

⁴⁶¹ In: “Uma Canção para a América”, *PT*, 26/09/2001, p. 35.

os que ali presenciavam aquela tragédia.⁴⁶², vendo-se lágrimas na face dos presentes⁴⁶³), pesar (manifestações de patriotismo e de pesar pelos milhares de mortos.⁴⁶⁴), luto (viver o luto⁴⁶⁵), enlutadas (famílias enlutadas⁴⁶⁶), lamentável (É uma situação absolutamente impensável e lamentável.⁴⁶⁷), lastimável e devastadas [sic] (A situação é bastante lastimável e criou uma dor, dor essa que vai levar muito tempo para minorar, atendendo que temos famílias totalmente devastadas[sic].⁴⁶⁸), condolências (A União do Concelho da Lagoa/USA apresenta assim sinceras condolências às famílias enlutadas.⁴⁶⁹), pena (É pena que as religiões [...] criem na mente dos que se lhe entregam sem reservas [...] um estado de fanatismo destrutivo e sanguinário.⁴⁷⁰), trágicos (Procedeu-se a um minuto de silêncio em honra das vítimas dos trágicos acontecimentos de New York e Washington na terça-feira, 11 de Setembro.⁴⁷¹), tragédia⁴⁷², negro e luto (A terça-feira, 11 de Setembro de 2001 fica definitivamente na história dos EUA como sendo dos dias mais negros⁴⁷³, Terça Feira Negra⁴⁷⁴, um dia negro na história da humanidade⁴⁷⁵, viver o luto⁴⁷⁶, famílias enlutadas⁴⁷⁷).

- 3.3.2. Tristeza: triste espectáculo⁴⁷⁸, É triste que esta pequenina bola que rebola no espaço, apenas um grão de areia perdido no Universo, esteja tão corroída de ódio e fanatismo⁴⁷⁹. O que mais me impressionou em 2001 foi o lamentável acontecimento de

⁴⁶² In: “Viu a morte de perto - Diariamente tomava o pequeno-almoço / no World Trade Center, um atraso / de minutos salvou-me a vida”, *PT*, 19/09/2001, p. 9.

⁴⁶³ In: “75º aniversário da Banda do Clube / Juventude Lusitana”, *PT*, 19/09/2001, p. 14.

⁴⁶⁴ In: “2001 Retrospectiva”, *PT*, 26/12/2001, p. 8.

⁴⁶⁵ In: “Terror na América: a dor não pode dar lugar ao ódio”, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

⁴⁶⁶ In: “Convívio de naturais e amigos / de Lagoa, S. Miguel foi cancelado”, *PT*, 26/09/2001, p. 20.

⁴⁶⁷ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 11.

⁴⁶⁸ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 12.

⁴⁶⁹ In: “Convívio de naturais e amigos / de Lagoa, S. Miguel foi cancelado”, *PT*, 26/09/2001, p. 20.

⁴⁷⁰ In: “Fanatismo”, Manuel Calado, *PT*, 19/09/2001, p. 30.

⁴⁷¹ In: “75º aniversário da Banda do Clube / Juventude Lusitana”, *PT*, 19/09/2001, p. 14.

⁴⁷² “E o Governo Português?”, *PT*, 26/09/2006, p. 28. “Serviço religioso em memória de Leah Oliver; / luso-americana desaparecida nos ataques / terroristas ao World Trade Center”, *PT*, 10/10/2001, p.3. “A Guerra dos Bês”, Eurico Mendes, *PT*, 10/10/2001, p. 27. “Está tudo errado / e morre-se”, Alberto João Jardim, *PT*, 26/09/2006, p. 27.

⁴⁷³ In: “2001 Retrospectiva”, *PT*, 26/12/2001, p. 8.

⁴⁷⁴ In: “Osama Bin Laden e Hollywood”, *PT*, 10/10/2001, p. 27.

⁴⁷⁵ In: “America Under Attack”, Eurico Mendes, *PT*, 19/09/2001, p. 29.

⁴⁷⁶ In: “Terror na América: a dor não pode dar lugar ao ódio”, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

⁴⁷⁷ In: “Convívio de naturais e amigos / de Lagoa, S. Miguel foi cancelado”, *PT*, 26/09/2001, p. 20.

⁴⁷⁸ In: “Enquanto Há Vida”, Manuel Calado, *PT*, 02/01/2002, p. 32.

⁴⁷⁹ In: “Enquanto Há Vida”, Manuel Calado, *PT*, 02/01/2002, p. 32.

11 de Setembro. [...] Foi um ano triste em consequência daquele triste atentado.⁴⁸⁰, O 11 de Setembro situa-se na lista das tragédias mais significativas dos últimos tempos. (...) Recebemos na União Portuguesa Beneficente manifestações de pesar oriundas de Portugal lamentando o triste acontecimento.⁴⁸¹ O 11 de Setembro foi uma tragédia que fez o mundo chorar e de um impacto sem precedentes que se irá reflectir por muito tempo.⁴⁸²

- 3.5.2. Tristeza: *O ano passado, o Natal novaiorquino ainda foi marcado pelas tristes lembranças dos atentados de 11 de Setembro de 2001, mas no Ground Zero, onde se erguiam as torres gêmeas, foi construído um memorial com os nomes das vítimas dos ataques e o local tornou-se turístico.⁴⁸³, “Memórias ltuosas de Setembro”⁴⁸⁴, o Brasil está de luto pela perda maciça de vidas humanas.⁴⁸⁵*

Nos textos de 2001 e 2002, encontrámos referência ao efeito físico da **tristeza**: chorar. Esta manifestação física possibilita-nos apontar o princípio metonímico geral: EFEITO FÍSICO PELA CAUSA (CHORAR).

Podemos explicar como a **tristeza** é compreendida através das metáforas conceptuais encontradas:

- 2001 (cf. 3.2.3. Tristeza): TRISTEZA É LÍQUIDO NUM CONTENTOR, TRISTEZA É FORÇA, TRISTEZA É BAIXO, TRISTEZA É FALTA DE VITALIDADE (SILÊNCIO), TRISTEZA É ESCURO.

- 2002 (cf. 3.3.2. Tristeza): não se registaram metáforas.

- 2003: não se registou expressão da **tristeza**.

- 2004 (cf. 3.5.2. Tristeza): TRISTEZA É ESCURO.

- 2005: não se registou expressão da **tristeza**.

Encontrámos, no ano de 2001, a totalidade dos dados linguísticos que nos permitiram apontar um modelo cognitivo para a **tristeza**, concentrando-se no mesmo ano a grande maioria das metáforas encontradas, a metáfora genérica TRISTEZA É FORÇA e metáforas ontológicas e espaciais.

⁴⁸⁰ In: “Repórter na Rua”, *PT*, 02/01/2002, p. 8.

⁴⁸¹ In: “Repórter na Rua”, *PT*, 02/01/2002, p. 8.

⁴⁸² In: “Repórter na Rua”, *PT*, 02/01/2002, p. 8.

⁴⁸³ In: “Natal em New York”, Eurico Mendes, *PT*, 22/12/2004, p.32.

⁴⁸⁴ In: “Onde (De)Mora a Paz”, João Luís de Medeiros, *PT*, 08/09/2004, p. 33.

⁴⁸⁵ In: “Brasileiro morre em / atentado em Madrid”, *PT*, 17/03/2004.

A expressão da **surpresa** em reacção ao terrorismo faz-se através dos segmentos linguísticos indicados em:

- 3.2.4. Surpresa: *os americanos foram bombardeados de surpresa*⁴⁸⁶, *Como cidadão desse país, a nossa primeira reacção é uma assim como quem levando um toque no joelho involuntariamente responde com um movimento brusco. Quantos de nós à surpresa não reagimos com emoções de vingança, de ódio, de repúdio por tais acções a desejar tudo do pior para os muçulmanos?*⁴⁸⁷, *as torres gémeas [...] desmoronaram perante a estupefacção dos americanos e do mundo*⁴⁸⁸, *a América ficou ainda mais estupefacta*⁴⁸⁹, *Não acreditava no que estava a presenciar*⁴⁹⁰, *Acho que tudo isto é uma situação que nunca esperava vir acontecer na América*⁴⁹¹, *algo que parecia impossível poder acontecer nos EUA.*⁴⁹², *Ninguém esperava que um ataque deste género acontecesse aqui dentro de casa.*⁴⁹³, *É uma situação absolutamente impensável*⁴⁹⁴, *Nunca era de sonhar que um acto terrorista daquela envergadura acontecesse dentro de “casa”.*⁴⁹⁵, *algo que ninguém sonhava poder vir a acontecer*⁴⁹⁶, *O MAIS inacreditável*⁴⁹⁷, *ninguém quer ser surpreendido*⁴⁹⁸, *Mas o impossível, o inconcebível, aconteceu na manhã de 11 de Setembro do ano de 2001*⁴⁹⁹, *Terça-feira, 11 de Setembro, 8:46 da manhã, os telespectadores da CNN, da FOX e outros canais viram surgir, inesperadamente, no pequeno écran, as imagens de uma das torres do World Trade Center, símbolo do poderio económico dos EUA, onde um avião Boeing cheio de passageiros acabara de embater.*⁵⁰⁰, *É difícil imaginar que uma tragédia destas viesse a*

⁴⁸⁶ In: “III Guerra Mundial?”, *PT*, 26/09/2001, p. 28.

⁴⁸⁷ In: “Jumanji”, Silvério Gabriel Melo, *PT*, 10/10/2001, p. 35.

⁴⁸⁸ In: “Um médico português / à porta do inferno”, *PT*, 19/09/2001, p. 4.

⁴⁸⁹ In: “America Under Attack”, Eurico Mendes, *PT*, 19/09/2001, p. 29.

⁴⁹⁰ In: “Viu a morte de perto - Diariamente tomava o pequeno-almoço / no World Trade Center, um atraso / de minutos salvou-me a vida”, *PT*, 19/09/2001, p. 9.

⁴⁹¹ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 11.

⁴⁹² In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 11.

⁴⁹³ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 11.

⁴⁹⁴ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 11.

⁴⁹⁵ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 12.

⁴⁹⁶ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 11.

⁴⁹⁷ In: “America Under Attack”, Eurico Mendes, *PT*, 19/09/2001, p. 29.

⁴⁹⁸ In: “Patrulhas nocturnas de aviões provocam insónia, mas tranquilizam a população”, *PT*, 26/09/2001, p. 4.

⁴⁹⁹ In: “Nova Iorque, Pompeia do século XXI”, Manuel Luciano da Silva, *PT*, 26/09/2001, p. 34.

⁵⁰⁰ In: “Virgem de Fátima ajuda / a apanhar bin Laden”, Eurico Mendes, *PT*, 26/12/2001, p. 32.

*acontecer nos EUA*⁵⁰¹, *Foi necessário esperar um bom bocado para nos compenetrar de que o que a televisão nos mostrava era a realidade e não uma montagem cinematográfica*⁵⁰².

- 3.3.4. *Surpresa: Na manhã do dia 11 de Setembro poucos podiam imaginar que o impacto de um avião contra uma das Torres Gémeas de Nova Iorque seria o primeiro acto do maior atentado terrorista da História. / Estupefacção, incredulidade, medo: em poucos minutos, cai por terra a ideia da intangibilidade dos Estados Unidos.*⁵⁰³

- 3.4.2. *Surpresa: Mas decorridos minutos via estupefacto outro Boeing esmagar-se contra o outro edifício e, ainda que custasse a crer, era evidente que se tratava de terrorismo.*⁵⁰⁴, *São imagens cinematográficas de uma beleza terrível que talvez nem Hollywood conseguisse inventar.*⁵⁰⁵

Nos anos em que surge a expressão da **surpresa** (2001, 2002 e 2003) não encontrámos metonímias ou metáforas conceptuais capazes de nos permitir interpretar o modo como compreendemos aquela emoção. Podemos, contudo, afirmar que os ataques terroristas de 2001 são caracterizados pela emoção **surpresa**, ao contrário dos ataques às cidades de Madrid e de Londres em que a **surpresa** não está presente. A **surpresa** ocorre, portanto, exclusivamente associada à vítima dos ataques de 2001, no *corpus*, os EUA.

A emoção **aversão** encontra expressão nos segmentos linguísticos indicados em 3.2.5. *Aversão: repulsa (É-me tão forte igualmente o sentimento de repulsa*⁵⁰⁶), *repugna (Mas se todos nós sentimos uma revolta profunda por esse acto tão vil, tão cínico como miserável, nos repugna ainda mais que não sejam os políticos a sofrerem as consequências das suas acções.*⁵⁰⁷), *repudiar (o hemiciclo a repudiar em unísono os ataques*⁵⁰⁸) e *repúdio (Quantos de nós à surpresa não reagimos com emoções de vingança, de ódio, de repúdio por tais acções a desejar tudo do pior para os muçulmanos?*⁵⁰⁹). Os dados linguísticos obtidos permitiram-nos apenas apontar a

⁵⁰¹ In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 12.

⁵⁰² In: “A tragédia de Nova Iorque e Washington”, *PT*, 19/09/2001, p. 12.

⁵⁰³ In: “11 de Setembro – Recordando o 11 de Setembro”, *PT*, 11/09/2002, p. 4.

⁵⁰⁴ In: “11 de Setembro – Recordando o 11 de Setembro”, *PT*, 11/09/2002, p. 4.

⁵⁰⁵ In: “11 de Setembro – Recordando o 11 de Setembro”, *PT*, 11/09/2002, p. 4.

⁵⁰⁶ In: “O monstro em cada um de nós”, António Vallacorba, *PT*, 26/09/2001, p. 29.

⁵⁰⁷ In: “Estou apreensivo...”, Manuel de Portugal, *PT*, 26/09/2001, p. 31.

⁵⁰⁸ In: “Resposta aos / ataques divide / Parlamento”, *PT*, 26/09/2001, p. 25.

⁵⁰⁹ In: “Jumanji”, Silvério Gabriel Melo, *PT*, 10/10/2001, p. 35.

metáfora conceptual EMOÇÕES SÃO FORÇAS / EMOÇÕES (AVERSÃO) SÃO FORÇAS QUE DOMINAM (cf. p. 89). A **aversão** ocorre unicamente no ano de 2001, sentida pela vítima, no *corpus* conceptualizada como os EUA, em relação aos ataques praticados pelo vilão.

A **alegria** regista a ocorrência de segmentos linguísticos indicados em 3.2.6. Alegria (*palestinianos deram asas à alegria*⁵¹⁰, *houve manifestações de regozijo pelos ataques, em várias partes do território palestino*⁵¹¹, *peças a abanarem bandeiras da Palestina aparentemente a celebrar esta tragédia sem precedentes.*⁵¹²) e da metáfora direccional ALEGRIA É ESTAR ACIMA DO CHÃO (cf. p. 90). A emoção **alegria** ocorre exclusivamente no ano de 2001 e a sua relação com aqueles que expressam a emoção (o povo palestino) é questionada pelo autor do texto, como ficou estabelecido em 3.2.6. Alegria (cf. p. 91).

Dos resultados apresentados acima, constatamos que o princípio metonímico geral obtido a partir de casos específicos de metonímias para as emoções primárias **medo**, **raiva** e **tristeza**, expressas no contexto dos ataques terroristas, é: EFEITO FÍSICO PELA CAUSA. Esta metonímia tem por base a raiz biológica das emoções e encontra origem nas características próprias destas diferentes emoções primárias⁵¹³:

- sinais faciais e fisiologia distinta. No caso da **tristeza**, encontramos o acto de chorar; para o **medo**, gritar, tremer e paralisar; para a **raiva**, loucura, ranger de dentes, aumento da pressão sanguínea.
- acontecimentos/contextos anteriores à ocorrência da emoção. Como pudemos observar nas etapas dos modelos cognitivos encontrados para as emoções **medo**, **raiva** e **tristeza**, precedendo a emoção **medo** encontramos uma situação de perigo, a **raiva** é antecedida de um acontecimento ofensivo, a **tristeza** por um acontecimento trágico.

Sublinhamos, ainda em relação às metonímias encontradas, que a grande maioria foi obtida a partir de dados do *corpus* relativos aos anos de 2001 e 2002 (2001, 2002 e 2005, **medo**; 2001 e 2002, **raiva**; 2001 e 2002, **tristeza**; 2001, 2002 e 2003, **surpresa**), portanto em reacção aos ataques terroristas aos EUA.

⁵¹⁰ In: “Terror nos EUA”, *PT*, 12/9/2001, p. 2.

⁵¹¹ In: “Terror nos EUA”, *PT*, 12/9/2001, p. 2.

⁵¹² In: “Um Acto de Guerra”, António Botelho de Melo, *PT*, 12/09/2001, p. 31.

⁵¹³ Paul Ekman, “An Argument for Basic Emotions”, 1992.

Em relação às metáforas obtidas para a expressão das emoções em reacção aos ataques terroristas, podemos afirmar que todas as expressões linguísticas metafóricas encontradas são bastante convencionais para as metáforas conceptuais correspondentes. A justificar este resultado encontra-se o tipo de publicação escolhida, o texto jornalístico, de carácter informativo e destinado a um público muito vasto.

Quanto ao seu nível na escala de abstracção, encontrámos um predomínio da metáfora geral EMOÇÕES SÃO FORÇAS, realização das respectivas metáforas específicas, e da metáfora baseada no conhecimento proveniente de frequentes e repetidas experiências do mundo, que dão origem ao conhecimento esquema-imagético, EMOÇÕES SÃO LÍQUIDOS NUM CONTENTOR.

Relativamente à função cognitiva das metáforas encontradas, voltamos a referir a existência de metáforas espaciais/direccionais, ontológicas e estruturais. As metáforas espaciais existem apenas para as emoções **alegria** (ALEGRIA É ESTAR ACIMA DO CHÃO) e **tristeza** (TRISTEZA É BAIXO). Como ficou dito no início do presente trabalho, estes conceitos metafóricos surgem da experiência física humana, sendo portanto explicados pelo nosso corpo e pelo modo como funcionamos no nosso meio físico.

As metáforas ontológicas são as mais frequentes e foram encontradas para as emoções **aversão** (AVERSÃO É FORÇA), **tristeza** (TRISTEZA É FORÇA, TRISTEZA É FALTA DE VITALIDADE (SILÊNCIO), TRISTEZA É ESCURO), **raiva** (RAIVA É UM Oponente, RAIVA É UM SUPERIOR, RAIVA É FORÇA), **medo** (MEDO É FORÇA / EMOÇÕES SÃO FORÇAS, MEDO É UMA FORÇA NATURAL (TEMPESTADE-NUVEM), MEDO É UM Oponente, MEDO É UM SUPERIOR, HORRÍVEL (MEDO) É ESCURO, MEDO É UM SUPERIOR, MEDO É FORÇA, MEDO É SILÊNCIO). Como explicámos no início do presente trabalho, este tipo de metáforas permite-nos compreender as nossas emoções em termos de substâncias que, deste modo, podem ser tratadas como unidades discretas (Lakoff, 2003[1980]: 25).

Encontramos apenas a metáfora estrutural, COMPORTAMENTO ANIMAL AGRESSIVO É COMPORTAMENTO FURIOSO, para a emoção **raiva**.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÕES

Propusemo-nos, no início do presente trabalho (1.1. Âmbito, objectivos e motivações do estudo), estudar em textos do *PT* a expressão de emoções primárias desencadeadas pelos ataques terroristas de 2001 aos EUA, de 2004 a Madrid e de 2005 a Londres. A perspectiva adoptada foi a da LC e, auxiliados por dois instrumentos cognitivos, a metáfora e a metonímia, procedemos à análise de palavras, expressões ou passagens textuais revelando conteúdo emocional, análise que nos permitiu explicar o modo como compreendemos as diferentes emoções (Capítulo 3 Descrição e análise dos dados e Capítulo 4 Discussão dos resultados obtidos).

Vimos atrás (Capítulo 4 Discussão dos resultados obtidos) como se distribuíram as emoções primárias durante os cinco anos do *corpus* e referimos a importância que os factores tempo e espaço desempenharam nesta distribuição (Capítulo 4 Discussão dos resultados obtidos). Resta-nos agora confirmar ou refutar as hipóteses apresentadas no início do presente trabalho relativamente às emoções primárias.

Confirmamos quatro das hipóteses apresentadas inicialmente: 1), 2), 5) e 6). Deste modo, no que diz respeito à primeira hipótese, o **medo** é a emoção predominante no *corpus* e encontra-se nos três ataques associado à vítima (EUA, Espanha e Reino Unido), a um grupo específico que faz parte da vítima (a população árabe) e, apenas em relação ao caso estado-unidense, ao meio de transporte utilizado para realizar os ataques. No que diz respeito à segunda hipótese, a **raiva** assume um papel preponderante ao longo do

corpus. Esta emoção encontra-se presente em quatro dos cinco anos em análise e está na maioria dos casos associada ao vilão, surgindo como uma emoção legítima quando associada à vítima. Relativamente à quinta hipótese, a emoção **aversão** encontra a totalidade dos dados linguísticos na parte do *corpus* correspondente aos ataques terroristas aos EUA, no ano de 2001, e é sentida pela vítima em relação aos ataques (cf. **3.2.5. Aversão**). Quanto à última hipótese, confirmamos ser a **alegria** expressa por ou em relação ao vilão.

Refutamos duas das hipóteses colocadas inicialmente: 3) e 4). Em relação à terceira hipótese, a emoção **tristeza** encontra-se parcialmente presente, ocorrendo somente em dados linguísticos de 2001, 2002 e 2004, não se manifestando em relação aos ataques de 2005 a Londres. No que diz respeito à quarta hipótese, a emoção **surpresa** surge, na íntegra, nos anos de 2001, 2002 e 2003, portanto somente em relação aos ataques aos EUA.

Devemos sublinhar o predomínio da referência aos ataques às Torres Gémeas, atestado pelo elevado número de textos sobre os ataques terroristas de 11 de Setembro de 2001 à cidade de Nova Iorque, registando-se apenas referências pontuais aos ataques ao Pentágono e ao avião que se despenhou no estado da Pensilvânia. O número de textos sobre os ataques aos EUA ou com menção a estes ataques ascende aos 85, ao passo que o tema dos ataques às cidades de Madrid e de Londres se encontra apenas em cinco e três textos respectivamente. Este resultado pode ser atribuído ao facto de o *PT* ser um jornal publicado nos EUA, sem correspondentes no estrangeiro e destinado às comunidades locais, colocando, portanto, mais ênfase nos acontecimentos nacionais, ou ainda devido ao facto de os ataques aos EUA terem causado mais perdas humanas e danos materiais, e assumirem características excepcionais (foram filmados e transmitidos em directo por canais televisivos e destruíram completa e parcialmente edifícios simbólicos).

Se olharmos para os acontecimentos novaiorquinos e para os outros dois ataques às cidades europeias, a principal diferença verificada é uma diferença de grau. Observe-se que os ataques à cidade de Londres são referidos como “mais um ataque” ao “Mundo Ocidental”, ao passo que os ataques aos EUA (Nova Iorque) são “o atentado mais mortífero da História”. A dimensão dos ataques aos EUA e o impacto que tiveram no povo americano foi de tal modo importante que todas as emoções primárias se revelaram,

ou seja, todos os mecanismos emocionais com função reguladora foram/tiveram de ser activados para (re)avaliar a crença da indestrutibilidade e do poder estado-unidense.

A avaliação do ataque terrorista pela vítima (nos textos do *corpus* os EUA) é um processo demorado, que causa **surpresa** prolongada ao longo de dois anos após o sucedido, e suscita **tristeza**, auxiliando o indivíduo a sobreviver às perdas humanas e à queda da ideia da sua própria invencibilidade. Legítima, ainda, a emoção **raiva** como forma de gerir um objectivo não-alcançado (ou um dado que se pensava adquirido) e desperta **medo**, uma emoção duradoura que, à semelhança da **surpresa** e da **raiva**, se estende ao longo de dois anos após os ataques, revelando-se, ao contrário daquelas, constante e novamente no momento dos outros dois ataques, em 2004 e 2005.

As diferenças observadas em termos de frequência, relativamente aos três ataques estudados, são também traduzidas no modo e intensidade como a expressão das emoções se faz nos textos em questão. No caso dos textos acerca dos ataques às cidades de Madrid e de Londres, ou com referência a estes, encontramos um número bastante reduzido de dados linguísticos que descrevem emoções, ou aos quais se encontram subjacentes emoções primárias, e um também reduzido número de metáforas e metonímias conceptuais, ao passo que, no caso dos ataques à cidade de Nova Iorque, abundam os itens lexicais e registou-se a ocorrência de metonímia e metáforas conceptuais capazes de traduzir o modo como grande parte das emoções são compreendidas, no contexto dos ataques.

A discussão dos resultados apresentada no capítulo anterior, juntamente com a confirmação ou refutação das hipóteses iniciais, permite-nos apontar três grandes conclusões, a primeira sobre as emoções em reacção ao terrorismo em específico, a duas seguintes acerca da expressão das emoções em geral. Assim, concluímos em primeiro lugar que a expressão das emoções em reacção aos ataques terroristas à cidade de Nova Iorque tem o maior índice de representatividade no *corpus* e o tema dos ataques terroristas aos EUA é retomado no momento dos outros ataques. Em segundo lugar, o **medo** e a **raiva** são as emoções predominantes e constantes ao longo de todos os anos analisados⁵¹⁴. Em terceiro lugar, a expressão de grande parte das emoções, conceitos

⁵¹⁴ À excepção do ano de 2004, a **raiva** encontra expressão em todos os outros anos.

abstractos, é feita através de uma metonímia e de metáforas conceptuais que nos permitem compreender as emoções como se fossem conceitos concretos.

Em relação à primeira conclusão geral estabelecida, o predomínio das referências aos ataques à cidade de Nova Iorque deve-se à dimensão e carácter inédito destes ataques, assim como a fonte utilizada para o *corpus*, o *PT*, jornal em língua portuguesa, publicado nos EUA.

Quanto ao predomínio das emoções **medo** e **raiva**, atribuímo-lo ao contexto, o terrorismo internacional. O clima gerado por qualquer ataque terrorista, caracterizado pela violência indiscriminada, é de **medo**. O **medo** associado apenas ao meio de transporte utilizado nos ataques terroristas aos EUA pode estar relacionado com o facto de, em caso de um ataque terrorista num avião, as hipóteses de sobrevivência serem menores do que se o ataque ocorrer em terra, ou ainda com o próprio **medo** de voar de avião. A emoção que surge na sequência de um ataque terrorista é, muitas vezes, a **raiva**, sobretudo quando o alvo são cidadãos comuns: as vítimas do ataque são apenas um meio, indirecto, para os seus autores atingirem determinados fins e a população civil não pode senão considerar injusto o ataque. Frequentemente, acompanhando este sentimento de injustiça, encontram-se sentimentos de revolta e **raiva** pelos danos materiais e perdas humanas causadas.

No capítulo anterior, observámos a ocorrência, ao longo de todo o *corpus*, de apenas uma metonímia conceptual (EFEITO FÍSICO PELA CAUSA), com base na raiz biológica das emoções e, nesta medida, com origem nas características específicas das emoções primárias que a revelam, **medo**, **raiva** e **tristeza**. Conjuntamente com as metáforas conceptuais encontradas para estas emoções, conseguimos construir modelos cognitivos completos para cada uma delas. Na nossa opinião, tal foi possível não só devido à “transparência visceral” (Batoréo, 2004c: 32) destas emoções, mas também devido ao contexto do terrorismo, propício à sua ocorrência. A partir da análise do *corpus*, compreendemos que a realidade do terrorismo, representada no *corpus* por ataques a três diferentes países, é definida em grande parte pela metáfora da GUERRA JUSTA, correspondendo os terroristas e o mundo árabe ao vilão, os EUA ao herói e a Espanha, o Reino Unido e os EUA à vítima. Esta metáfora conceptual, no contexto do terrorismo, contribui para a construção da nossa realidade política e social e, nesta

medida, não deve ser entendida como uma figura de estilo ou uma expressão linguística poética.

Relativamente ao elevado número de metáforas conceptuais encontrado para as emoções primárias, a recorrência da sua utilização demonstra serem imagens mentais convencionalizadas pelo uso e partilhadas pelos falantes, neste caso de língua portuguesa. Através destes instrumentos cognitivos, os falantes podem compreender as emoções como se fossem conceitos concretos. Por exemplo, as metáforas espaciais ALEGRIA É ESTAR ACIMA DO CHÃO e TRISTEZA É BAIXO permitem compreender a **alegria** e a **tristeza** em termos de orientação/direcção, as metáforas ontológicas RAIVA É UM Oponente e MEDO É SILÊNCIO permitem compreender a **raiva** e o **medo** como entidades e substâncias, a metáfora estrutural COMPORTAMENTO ANIMAL AGRESSIVO É COMPORTAMENTO FURIOSO possibilita utilizar um conceito altamente estruturado (COMPORTAMENTO FURIOSO) para estruturar um outro (COMPORTAMENTO ANIMAL AGRESSIVO).

Como pudemos observar e comprovar ao longo do presente trabalho, as emoções encontram expressão na linguagem. Através dos instrumentos que a Linguística Cognitiva nos oferece, metáfora e metonímia, foi-nos possível identificar o conteúdo conceptual de emoções, assim como as suas reacções físicas. Tentámos conduzir uma abordagem em que o significado emocional, como ficou definido em 2.1. Emoção: definição, categorização e diferentes perspectivas, fosse complementado com a experiência emocional, ou seja, as emoções no contexto específico do terrorismo.

Estamos conscientes das limitações que um *corpus* constituído por apenas um jornal pode colocar e admitimos que um estudo mais extenso e abrangente, constituído por textos obtidos de mais do que uma fonte e incluindo emoções secundárias e sentimentos, conduziria certamente a uma discussão mais frutífera e a resultados mais concludentes. Contudo, o presente trabalho deve ser tomado como um ponto de partida para análises futuras, já que o tema das emoções em reacção ao terrorismo ainda não tinha sido explorado.

Lançamos, pois, o desafio para análises futuras que, em conjunto com os trabalhos de investigação realizados na área da Linguística Cognitiva acerca das emoções, contribuirão para uma visão mais alargada e preferencialmente comparativa sobre a complexidade da expressão das emoções em reacção ao fenómeno do terrorismo.

BIBLIOGRAFIA

ABRANTES, Ana Margarida

- 1999 “O regresso às emoções: a expressão da **raiva** em português”, in: *Revista Portuguesa de Humanidades*, vol. III – 1/2. Faculdade de Filosofia da U.C.P., Braga.
- 2001a “Guerra, paz, ou pacificação? Aspectos semânticos e pragmáticos do eufemismo na imprensa”, in: Silva, Augusto Soares da (org.) (2001) – *Linguagem e cognição: a perspectiva da linguística cognitiva*, Braga: Associação Portuguesa de Linguística e Universidade Católica Portuguesa, pp. 79-98.
- 2001b “Da vida e outras viagens: A relevância das metáforas conceptuais de uma língua estrangeira”, in: *Máthesis*, 10, 2001, pp. 319-332.
- 2002 *É a Guerra. O Uso do Eufemismo na Imprensa. Um Estudo Contrastivo em Linguística Cognitiva*, Dissertação de Mestrado, Braga, Universidade Católica.
<http://clientes.netvisao.pt/phandenbe/passagem/Abrantes.pdf> (consulta em 27/08/2005).

BATORÉO, Hanna Jakubowicz

- 2000 *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e da Tecnologia.
- 2001 “O Espaço das Emoções no Português Europeu: Reflexões Metodológicas sobre a Ponte entre Neurociências e Linguística Cognitiva”, in: Augusto Santos Silva (org.) (2001) *Linguagem e cognição: a perspectiva da linguística cognitiva*, Braga: Associação Portuguesa de Linguística e Universidade Católica Portuguesa, pp. 445-464.

- 2002a “‘There is Only a Thin Red Line Between the Sane and the Mad’: Mind, Culture, Language and Metaphor – Interaction Between Imagination, Visual Perception and Cognition”, in: Leonor Scliar- -Cabral (ed.) *Ilha do Deserto. Unity and Diversity in Communication*, nº 43, Jul.- Dez. 2002, Florianópolis: Editora da UFSC, pp. 111-126.
- 2002b “Dar um Cheirinho no Travão ou Morfologia na Mira Cognitiva”, in: Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Porto: APL, pp. 171-182.
- 2003a “Expressão de Afectos: Polarização ou Intensidade” in I. Castro & I. Duarte (org.). *Razões e Emoção. Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, Lisboa; Imprensa Nacional Casa da Moeda, vol. I, pp. 27-35.
- 2003b “Inter-sentidos: Modo e Causa no Padrão de Lexicalização Espacial do Português Europeu”, in: Heloísa Pedroso de Moraes Feltes (org.) *Produção de Sentido. Estudos Interdisciplinares*, São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educ, pp. 117-154.
- 2004a “A Space Construal: A Space Model of Text Structure in European Portuguese”, in: Barbara Lewandowska-Tomaszczyk e Alina Kwiatkowska (eds.) *Imagery in Language. In Honour of Professor Ronald W. Langacker*, Frankfurt/Main: Peter Lang, Series: Lodz Studies in Language (ed. Barbara Lewandowska-Tomaszczyk) Vol. 10.
- 2004b “The taboo of war and WAR metaphoric conceptualisation: song lyrics of the Portuguese colonial war”, in: Silva, Augusto Soares da; Amadeu Torres, Miguel Gonçalves (eds.) *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*, 2 vols. Coimbra: Almedina, pp. 185-202.
- 2004c *Linguística Portuguesa – Abordagem Cognitiva*, Universidade Aberta, em CD-ROM.

CANNON, W. B.

1927 “The James-Lange theory of emotion: A critical examination and an alternative theory”, in: *The American Journal of Psychology*; 39, pp. 106-124.

CHOMSKY, Noam

2001 *9-11*, An Open Media Book, Seven Stories Press / New York.

COIMBRA E SILVA, Rosa Lúcia Torres do Couto

1999 *Estudo Linguístico dos Títulos de Imprensa em Portugal: a Linguagem Metafórica*, Dissertação de Doutoramento, Aveiro, Universidade de Aveiro.

<http://sweet.ua.pt/~f711/documentos/tese/> (consulta em 27/08/2005).

COULSON, Seana e Cyma van Petten

2002 “Conceptual integration and metaphor: An event-related potential study”, in: *Memory & Cognition* 30.

<http://hci.ucsd.edu/coulson/coulson-vanpetten.pdf> (consulta em 27/08/2005).

D’ANDRADE, Roy

1987 “A Folk Model of the Mind”, in: Holland & Quinn (eds.), *Cultural models in language and thought*, Cambridge University Press, pp. 112-148.

DAMÁSIO, António

1994 *Descartes' Error - Emotion, Reason and Human Brain*, New York, Avon Books, Inc., 1998.

1995 *The Feeling of What Happens: body and emotion in the making of consciousness*. Harcourt Brace & Company, Orlando, Florida.

DARWIN, Charles

1998[1872] *The Expression of the Emotions in Man and Animals*. Oxford University Press, New York.

DE SOUSA, Ronald

2003 “Emotion”, in: Stanford Encyclopedia of Philosophy.
<http://plato.stanford.edu/entries/emotion/> (consulta em 30/12/2006).

DESCARTES, René

1958 *Descartes – Philosophical Writings*, selecção e tradução de Norman Kemp Smith (1956). The Modern Library, New York, pp. 249-263 e pp. 265-296.

DIRVEN, René

1993 “Metonymy and metaphor: Different mental strategies of conceptualization”, in: *Leuvense Bijdragen* 82, pp. 1-28.

1997 “Emotions as Cause and the Cause of Emotions”, in: Niemeier & Dirven (eds.), *The Language of Emotions – Conceptualization, Expression and Theoretical Foundation*, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam / Philadelphia, pp. 55-83.

DUNNE, Tim

1999 “The Road to Contemporary Terrorism”.
<http://www.terrorism.com/modules.php?op=modload&name=Documents&file=index&view=57> (consulta em 27/01/2006).

2004 “Terrorism and the media”, Keynote address to the Joint Vision 2004 Conference, Joint Force Command, Lisbon, Portugal.
<http://www.terrorism.com/modules.php?op=modload&name=Documents&file=index&view=57> (consulta em 27/01/2006).

EKMAN, Paul

- 1992 “An Argument for Basic Emotions”, in: *Cognition and Emotion* 6 (3/4), pp. 169-200.
- 1999 “Chapter 16: Facial Expressions”, in: In Dalgleish, T., & Power, M. (1999). *Handbook of Cognition and Emotion*. New York: John Wiley & Sons Ltd.
<http://www.paulekman.com/articles.php> (consulta em 18/04/2006).

EVANS, Vyvyan e Melanie Green

- 2006 *Cognitive Linguistics: An Introduction*, Edinburgh University Press, 1-36.
<http://www.sussex.ac.uk/Users/vyv/EvansGreenCh1.pdf#search=%22EVANS%20%26%20GREEN%20%E2%80%9CCognitive%20Linguistics%3A%20An%20Introduction%E2%80%9D%20pdf%22> (09/09/2006).

FAUCONNIER, Gilles e Mark Turner

- 1994 “Conceptual Projection and Middle Spaces”.
<http://www.cogsci.ucsd.edu/research/files/technical/9401.pdf> (consulta em 22/02/2006).
- 1995 “Conceptual Integration and Formal Expression”.
<http://philosophy.uoregon.edu/metaphor/turner.htm> (consulta em 27/08/2005).
- 1997 *Conceptual Integration Networks*, San Diego, University of California.
<http://www.inform.umd.edu/EdRes/Colleges/ARHU/Depts/English/englfac/MTurner/cin.web/cin.html> (consulta em 27/08/2005).
- 2000 “Metaphor, metonymy, and binding”, in: Antonio Barcelona (ed.) *Metaphor and Metonymy at the Crossroads – A Cognitive Perspective*, Mouton de Gruyter, Berlin – New York, pp. 133-145.
- 2002 *The way we think – Conceptual blending and the mind’s hidden complexities*. Basic Books, New York.

FEHR, B., & Russell, J.A.

1984 “Concept of Emotion Viewed From a Prototype Perspective”. *Journal of Experimental Psychology: General*, 113, 464-486.
<http://www2.bc.edu/~russeljm/publications/Russell&fehr1984.pdf>
(consulta em 10/02/2006).

FERREIRA, Julia Scamparini

2006 *A Interpretação Sociocognitiva dos Dêiticos no Discurso*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras – UFRJ.
http://acd.ufrj.br/~pgling/julia_ferreira.pdf (consulta em 10/02/2006).

FESMIRE, Steven

1994 “What Is ‘Cognitive’ About Cognitive Linguistics”, in: *Metaphor and Symbolic Activity* 9 (2), Lawrence Erlbaum Associates, Inc., pp. 149-154.

FESSLER, Daniel

2002 “The Evolution of Human Emotions”, in: *The Oxford Encyclopedia of Evolution*, Mark Pagel, ed. Vol. 1, New York: Oxford University Press, pp. 296-299.

FUSSELL, Susan R.

2002 “CHAPTER 1: The Verbal Communication of Emotion: Introduction and Overview”. To appear in S. R. Fussell, Ed., *The Verbal Communication of Emotion: Interdisciplinary Perspectives*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
<http://www.cs.cmu.edu/~sfussell/pubs/pubs.shtml#chapters> (consulta em 09/09/2006).

GEERAERTS, Dirk

2002 “The scope of diachronic onomasiology”, in: Vilmos Agel, Andreas Gardt, Ulrike Hass-Zumkehr & Thorsten Roelcke (red.), *Das Wort. Seine*

strukturelle und kulturelle Dimension. Festschrift für Oskar Reichmann zum 65. Geburtstag. Tübingen: Niemeyer, pp. 29-44.

GRUSH, Rick & MANDELBLIT, Nili

1997 “Blending in Language, Conceptual Structure, and the Cerebral Cortex”, in: BRANDT, Per Aage; GREGERSEN, Frans; STJERNFELT, Frederick & SKOV, Martin (coord.), *The Roman Jakobson Centennial Symposium: International Journal of Linguistics Acta Linguistica Hafniensia*, vol.29, Copenhagen: C.A.Reitzel, pp. 221-237.
<http://mind.ucsd.edu/papers/!papers.html> (consulta em 09/09/2006).

HAIDT, Jonathan, Paul Rozin, Clark McCauley e Sumio Imada

1997 “Body, Psyche, and Culture: The Relationship Between Disgust and Morality”, in: *Psychology and Developing Societies*, Vol. 9, pp. 107-131.

HARRIS, Bill

2001 *The World Trade Center – A Tribute*, Courage Books, Philadelphia, USA.

ITO, Harumi e Darin Lee

2004 “Assessing the Impact of the September 11 Terrorist Attacks on U.S. Airline Demand”.
http://www.brown.edu/Departments/Economics/Papers/2003/2003-16_paper.pdf (consulta em 10/05/2006)

JAMES, William

1985[1892] *Psychology, The Briefer Course*, University of Notre Dame Press, Notre Dame, Indiana, pp. 240-282.

2006[1884] “What is an Emotion?”, in: *Mind*, 9, 188-205.
<http://psychclassics.yorku.ca/James/emotion.htm> (consulta em 30/10/2006).

JANDA, Laura

2000 "Cognitive Linguistics".
<http://www.unc.edu/depts/slavdept/lajanda/mypubs.html> (consulta em 20/11/2005).

JENKINS, Jennifer M., Keith Oatley & Nancy L. Stein (eds.)

2000[1998] *Human Emotions: A Reader*, Balckwell Publishers, Massachusetts - Oxford.

KEETER, Scott & Andrew Kohut

2005 "American Public Opinion about Muslims in the United States and Abroad", in: *Muslims in the United States: Identity, Influence, Innovation*. Woodrow Wilson International Center for Scholars.
http://www.wilsoncenter.org/topics/pubs/Muslim_Thought_final.pdf
(consulta em 09/07/2006).

KÖVECSES, Zoltán

1990 *Emotion Concepts*, New York, Springer-Verlag.

1991 "Happiness: A Definitional Effort", in: *Metaphor and Symbolic Activity* 6(1), pp. 29-46.

1998 "Are there any emotion-specific metaphors?", in: *Speaking of Emotions – Conceptualisation and Expression*, Athanasiadou eds. Mouton de Gruyter, Berlin – New York, pp. 127-151.

2000 "Force and emotion", in: Liliana Albertazzi (ed.) *Meaning and cognition: a multidisciplinary approach*. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamins Pub. Co.

2003[2000] *Metaphor and emotion: language, culture, and body in human feeling*, Cambridge - New York, Cambridge University Press.

s/d "Metaphor and metonymy in cognitive linguistics".
<http://seas3.elte.hu/coursematerial/KovecsesZoltan/index.html> (consulta em 30/12/2006).

KÖVECSES, Zoltán e George Lakoff

- 1987 “The cognitive model of anger inherent in American English”, in: Holland & Quinn (eds.), *Cultural models in language and thought*, Cambridge University Press, pp. 195-221.

LAKOFF, George

- 1987 *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*, Chicago - London, The University of Chicago Press.
- 1991 “Metaphor and War: The Metaphor System Used to Justify War in the Gulf”.
http://www3.iath.virginia.edu/sixties/HTML_docs/Texts/Scholarly/Lakoff_Gulf_Metaphor_1.html (consulta em 15/02/2006).
http://www3.iath.virginia.edu/sixties/HTML_docs/Texts/Scholarly/Lakoff_Gulf_Metaphor_2.html (consulta em 15/02/2006).
- 1992 “The Contemporary Theory of Metaphor”.
http://www.ac.wvu.edu/~market/semiotic/lkof_met.html (consulta em 15/02/2006).
- 1994 Conceptual Metaphor Homepage, University of California, Berkeley.
<http://cogsci.berkeley.edu/lakoff/metaphors/> (consulta em 15/09/2006)
- 2001 “Metaphors of Terror”.
<http://www.press.uchicago.edu/News/911lakoff.html> (consulta em 12/09/2005).

LAKOFF, George e Mark Johnson

- 1980 *Metaphors We Live By*. The University of Chicago Press, Chicago.

LANGACKER, Ronald

- 1987 “Nouns and Verbs”, in: *Language*, Vol. 63, No. 1, 53-94
<http://www.wam.umd.edu/~israel/Langacker-NounsVerbs.pdf> (consulta em 15/05/2006).

LAZARUS, Richard e Bernice Lazarus

1996[1994] *Passion & Reason – Making Sense of our Emotions*. Oxford University Press, New York.

LEDOUX, Joseph

1999[1996] *The emotional brain: the mysterious underpinnings of emotional life*. Simon & Schuster, Touchstone, New York.

MACLEAN, Paul D.

1949 “Psychosomatic Disease and the ‘Visceral Brain’. Recent Developments Bearing on the Papez Theory of Emotion”, in: *Psychosomatic Medicine* 11, pp. 338-353.

<http://www.psychosomaticmedicine.org/cgi/reprint/11/6/338> (consulta em 07/11/2006).

1955 “The Limbic System (“Visceral Brain”) in Relation to Central Gray and Reticulum of the Brain Stem – Evidence of Interdependence in Emotional Processes”.

<http://www.psychosomaticmedicine.org/cgi/reprint/17/5/355> (consulta em 17/12/2006)

MAIA, Belinda M. H. S.

1995 “The ‘problem’ of the language of Emotion”, in: *Actas do XVI Encontro da A.P.E.A.A.* Coordenação: Isabel Alves, José Eduardo Reis, Laura Bulger, Orquídea Ribeiro, Paulo Eduardo Carvalho, Teresa Casal, Vila Real (UTAD).

<http://web.lettras.up.pt/bhsmaia/belinda/pubs/apeaa-maia.doc> (consulta em 22/11/2005).

MOREIRA, Deodoro José

2004 *11 de setembro de 2001: Construção de uma catástrofe nas primeiras páginas de jornais impressos*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moreira-deodoro-11-setembro.pdf> (consulta em 13/03/2006)

MORILLAS, José Manuel Martín Morillas

2002 “Extensionalist Semantics, Cognitive Linguistics and Emotion Expressions”, in: *AngloGermanica Online 2002-1, Revista electrónica periódica de filología alemana e inglesa*.

<http://www.uv.es/anglogermanica/2002-1/martin.htm> (consulta em 13/06/2006)

NATIONAL COMMISSION ON TERRORIST ATTACKS UPON THE UNITED STATES

2004 *The 9/11 Commission Report - Final Report of the National Commission on Terrorist Attacks Upon the United States*, Washington, DC, National Commission on Terrorist Attacks upon the United States. W. W. Norton & Company, New York – London.

NIMER, Mohamed

2005 “American Muslim Organizations: Before and After 9/11”, in: *Muslims in the United States: Identity, Influence, Innovation*. Woodrow Wilson International Center for Scholars.

http://www.wilsoncenter.org/topics/pubs/Muslim_Thought_final.pdf (consulta em 14/07/2006).

NORMAN, Donald A.

1980 “Twelve Issues for Cognitive Science”, in: *Cognitive Science*, 4, pp. 1-32.
[http://wexler.free.fr/library/files/norman%20\(1980\)%20twelve%20issues%20for%20cognitive%20science.pdf](http://wexler.free.fr/library/files/norman%20(1980)%20twelve%20issues%20for%20cognitive%20science.pdf) (consulta em 14/10/2006).

ORTONY, Andrew, Gerarld L. Clore e Allan Collins

1999[1988] *The cognitive structure of emotions*, Cambridge University Press.

PAPEZ, J. W.

1995[1937] “A proposed mechanism of emotion”, in: *Journal of Neuropsychiatry and Clinical Neurosciences*. 1995 Winter;7(1), pp. 103-12.

PARRY, Albert

1976 *Terrorism – From Robespierre to Arafat*, The Vanguard Press, Inc. New York, NY.

PLUTCHIK, Robert

2001 “The Nature of Emotions”, in: *American Scientist* 89 no4 344-50 JI/Ag 2001, The H. W. Wilson Company/Wilson Web.

ROSCH, Eleanor

1978 “Principles of Categorization”, in *Readings in Cognitive Science, a Perspective from Psychology and Artificial Intelligence*, Allan Collins & Edward E. Smith, Morgan Kaufmann Publishers, San Mateo, California, 1988, pp. 312-322.

ROZIN, Rozin, Jonathan Haidt e Clark McCauley

2000 “Chapter 40: Disgust”, in: M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (eds.), *Handbook of emotions*, 2nd edition, New York: Guilford Press, pp. 637-653.

<http://faculty.virginia.edu/haidtlab/articles/Haidt.disgust-handbook.pdf>
(consulta em 08/02/2006).

ROZIN, Rozin, Jonathan Haidt, Clark McCauley, Lance Dunlop e Michelle Ashmore
1999 “Individual Differences in Disgust Sensitivity: Comparisons and Evaluations of Paper-and-Pencil versus Behavioral Measures”, in: *Journal of Research in Personality* 33, pp. 330–351 (1999). Article ID jrpe.1999.2251.
<http://www.idealibrary.com> (consulta em 01/04/2006).

RUSSELL, James A. e Ghyslaine Lemay
2000 “Emotion Concepts”, in: Lewis & Haviland-Jones (eds.), *Handbook of Emotions*, The Guilford Press, New York, pp. 491-501.

SANTARPIA, Alfonso
2003 “Le costruzioni percettive-letterarie del corpo: verso una psicobiologia letteraria del Sè”, in: ANIMA E CORPO.
<http://www.psiconline.it/article.php?sid=3272> (consulta em 07/03/2006).

SCHMITTER, Amy
2006a “17th and 18th Century Theories of Emotions”, in: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*.
<http://plato.stanford.edu/entries/emotions-17th18th/> (consulta em 23/10/2006).
2006b “Descartes on the Emotions - Supplement to 17th and 18th Century Theories of Emotions”, in: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*.
<http://plato.stanford.edu/entries/emotions-17th18th/LD2Descartes.html>
(consulta em 23/10/2006).

SILVA, Augusto Soares da

- 1996 “Sobre a estrutura da variação lexical - Elementos de Lexicologia Cognitiva”, in: *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL/Colibri, vol. III, pp. 413-423.
- 1997 “Linguística Cognitiva. Uma Breve Introdução a um Novo Paradigma em Linguística”, in: *Revista Portuguesa de Humanidades*, Vol. 1 – Fasc. 1 – 2, pp. 59-101.
<http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm> (consulta em 27/08/2005).
- 1999[1997] *A Semântica de Deixar: uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical*. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e da Tecnologia Lisboa [Dissertação de Doutoramento, Universidade Católica de Braga, Faculdade de Filosofia, Braga, 1997].
- 2001 “Introdução”, in: Augusto Soares da Silva (org.) *Linguagem e Cognição: a Perspectiva da Linguística Cognitiva*, Braga: Associação Portuguesa de Linguística e Universidade Católica Portuguesa, pp. 1-18.
- 2003 “O poder cognitivo da metáfora e da metonímia”, in: *Revista Portuguesa de Humanidades* 7, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Braga, pp. 13-75.
- 2004a “Protótipos, imagens e metáforas, ou o experiencialismo da linguagem e do pensamento”, in: Alfredo Dinis e José M. Curado (orgs.), *Consciência e Cognição*, Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, pp. 79-96.
- 2004b “Introdução: linguagem, cultura e cognição, ou a Linguística Cognitiva”, in: Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres e Miguel Gonçalves (orgs.), *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Vol. I. Coimbra: Almedina, pp. 1-18.
- 2005 “Palavras e conceitos no tempo: Para uma onomasiologia diacrónica e cognitiva do português”, in: G. Rio-Torto; O. Figueiredo e F. Silva (org.) *Livro de Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*, FLUL, pp. 121-140.

SWEETSER, Eve

2000 “Blending and Performativity”, in: *Cognitive Linguistics* 11-3/4, pp. 305-333.

http://www.wam.umd.edu/~israel/Sweetser_Performativity.pdf (consultam em 09/05/2006).

THAGARD, Paul

1996 “Cognitive Science”, in: Stanford Encyclopedia of Philosophy.

<http://plato.stanford.edu/entries/cognitive-science/> (consultam em 15/11/2006).

UNGERER, Friedrich

1993 “The Linguistic and Cognitive Relevance of Basic emotions”, in: Dirven & Vanparys (eds.), *Current approaches to the lexicon – A selection of papers presented at the 18th LAUD Symposium, Duisburg*, pp. 185-209.

WEINBERGER, Eliot

2003 *9/12*, Prickly Paradigm Press, Chicago.

WIERZBICKA, Anna

1992 “Defining Emotion Concepts”, in: *Cognitive Science* 16, pp. 539-581.

1995a “Everyday conceptions of emotion: A semantic perspective.” In J. Russell, J.M. Fernandez-Doles, A.A. Manstead, & J.C. Wellenkamp (Eds.), *Everyday conceptions of emotion: an introduction to the psychology, anthropology, and linguistics of emotion*. Dordrecht, Netherlands; Boston: Kluwer Academic Publishers.

1995b “The Relevance of Language to the Study of Emotions”, *Psychological Inquiry*, Vol. 6, No. 3, pp. 248-252.

1999 “Emotional Universals”, in: *Language Design* 2, pp. 23-69.
http://elies.rediris.es/Language_Design/LD2/wierzbicka.pdf (consulta em 21/01/2007).

WIERZBICKA, Anna e Jean Harkins

1997 “Language: A key Issue in Emotion Research”, in: *Innovation: The European Journal of Social Sciences*, Vol. 10 Issue 4, Dec97, pp. 319-331.

Dicionários Linguísticos e Enciclopédias

CRYSTAL, David

1987 *Cambridge Encyclopedia of Language*, Cambridge University Press, 1989.

WILSON, Robert A. e Frank C. Keil

1999 *The MIT Encyclopedia of the Cognitive Sciences*, Cambridge, Massachusetts.

BOWKER (eds.)

2004 *Bowker's News Media Directory*, vol. 1, Bower, New Providence, New Jersey.

Gramáticas Portuguesas

CUNHA, C. e L. F. Lindley Cintra

1998[1984] *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 14^a ed., Lisboa, Sá da Costa.

Dicionários da Língua Portuguesa

CASTELEIRO, João Malaca (org.) [Academia]

2001 *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Verbo.

COSTA, J. Almeida e A. Sampaio e Melo

1996 *Dicionário da Língua Portuguesa*, 7ª edição revista e ampliada, Porto, Porto Editora.

Corpus

Portuguese Times: edições de 12/09/2001, 19/09/2001, 26/09/2001, 03/10/2001, 10/10/2001, 26/12/2001, 02/01/2002, 13/03/2002, 11/09/2002, 19/03/2003, 10/09/2003, 17/09/2003, 17/03/2004, 24/03/2004, 08/09/2004, 22/12/2004, 13/07/2005, 20/07/2005, 27/07/2005, 07/09/2005, 14/09/2005.

ANEXO I
Ficha-Modelo

Ficha #	
Jornal	Portuguese Times
Título	
Outros títulos	
Data (dia/mês/ano)	
Secção	
Pág(s)	
Foto(s)	
Legenda	
Palavra(s)-chave ("Emotion Words")	
Modelos Cognitivos Prototípicos	
Metáfora(s)	
Metonímia(s)	
Conceitos Relacionados	
Emoção(ões)	
- primárias	
- secundárias	
Observações	

ANEXO II

Lista de Fichas do *Corpus*

Ficha #	Data	Título	Autor	Secção(ões)
1	12/09/2001	“Terror nos EUA”	-----	1a Pág. e Comunidade
2		“Um Acto de Guerra”	António Botelho de Melo	Crónica – Prosas Correntes
3	19/09/2001	“Sete portugueses mortos”	-----	1a Pág.
4		“Viu a morte de perto - Diariamente tomava o pequeno-almoço / no World Trade Center, um atraso / de minutos salvou-me a vida”	Entrevista de Augusto Pessoa a Diane Melo	1a Pág. e Rhode Island
5		“Um médico português / à porta do inferno – O testemunho do Dr. Paulo Alexandre Pacheco”	Entrevista de Henrique Mano a Paulo Alexandre Pacheco	1a Pág. e Comunidade
6		Terror nos EUA (Rubrica) “Chris Mello, uma das vítimas do atentado / de New York, nasceu em Fall River” “Uma jovem luso-descendente de Darmouth / entre os desaparecidos do World Trade Center” “Falso alarme de bomba” “Usama bin Laden, o principal suspeito”	-----	Comunidade
7		“Cancelado convívio vilafranquense”	-----	Comunidade
8	“Aumentado tempo de prisão / preventiva de imigrantes devido / aos atentados terroristas”	-----	Comunidade	
9	“A cronologia de um pesadelo”	-----	Rhode Island	
10	“A tragédia de Nova Iorque e Washington”	-----	Rhode Island	
11	“O mundo tem de se unir contra o terrorismo”	Entrevista do <i>PT</i> a Manuel Luciano da Silva	Rhode Island	
12	“75o aniversário da Banda do Clube / Juventude Lusitana”	-----	R. I.	
13	“MNE desaconselha / viagens para / Afeganistão e Paquistão”	-----	Portugal	
14	“TAP obrigada a reforçar / política de poupança”	-----	Portugal	
15	“15o ciclo de cultura açoriana / começou 2a-feira em Toronto”	-----	Açores / Madeira	
16	“America Under Attack”	Eurico Mendes	Portuguese Beat	
17	“Fanatismo”	Manuel Calado	Crónica (Do Tempo e dos Homens)	
18	“Uma apologia da América”	António Botelho de Melo	Crónica (Prosas Correntes)	

19		“Um ataque contra todos nós”	Carlos Miguel Oliveira	Crónica
20		“Um crime contra o mundo”	Hélio Bernardo Lopes	Crónica
21		“Ataque brutal”	Oscildo Couto de Sousa	Escreva Connosco
22	26/09/2001	“Patriotismo contra terrorismo”	-----	1a Pág.
23		“Terror nos EUA” “Mais de 8.000 / desaparecidos” “Procura de / bandeiras dos / EUA provoca / ruptura de / “stocks””	-----	Comunidade
24		“Patrulhas nocturnas de aviões provocam insónia, mas tranquiliza, a população”	-----	Comunidade
25		“Bombeiros e polícias de New Bedford / promovem recolha de donativos para / família de camaradas mortos em N.Y.”	-----	Comunidade
26		“Whaling City / Candle Company / colabora no Dirty / Harry’s Rally”.	-----	Comunidade
27		“George W. Bush perante o Congresso e o mundo: ‘Teremos de fazer justiça’”	-----	Rhode Island
28		Ataques terroristas / e as suas consequências “Duas frentes de combate” “Nem todos estão a acusar impacto negativo” “Guarda Costeira redobre vigilância” “Frases que vão ficar célebres” “60 milhões presenciaram / o ‘Tributo aos Heróis’”	-----	Comunidade
29		“Congressista Patrick Kennedy e o discurso de George W. Bush”	-----	Comunidade
30		“Convívio de naturais e amigos / de Lagoa, S. Miguel foi cancelado”	-----	Comunidade
31		“Portugal totalmente solidário com norte-americanos”	-----	Portugal
32		“Resposta aos / ataques divide / Parlamento”	-----	Portugal
33		“Toda a gente pode aceder às escolas de aviação”	-----	Portugal
34		“Está tudo errado / e morre-se”	-----	Açores / Madeira – Crónica à distância
35		“Parlamento / açoriano aprovou / voto de pesar / pelos atentados / nos EUA”	-----	Açores / Madeira
36		“III Guerra Mundial?”	-----	Portuguese Beat
37		“Uma guerra à procura / de um nome”	-----	Portuguese Beat
38		“Censura na Voz da América”	-----	Portuguese Beat
39		“Mal entendido”	-----	Portuguese Beat
40		“E o governo português?”	-----	Portuguese Beat
41		“Terror na América: a dor não pode dar lugar ao ódio”	-----	Crónica
42		“O monstro em cada um de nós”	António Vallacorba	Crónica

43		“Terrorismo”	Manuel Calado	Crónica
44		“Estou apreensivo...”	Manuel Calado	Crónica – Crónica ao Emigrante
45		“Nova Iorque, Pompeia do século XXI”	Manuel Luciano da Silva	Crónica
46		“Uma Canção para a América”	-----	Artes & Espectáculos
47	03/10/2001	“Ainda os acontecimentos de New York e Washington”	-----	Rhode Island
48	10/10/2001	“EUA bombardeiam Afeganistão”	-----	1a Pág.
49		“Serviço religioso em memória de Leah Oliver; / luso-americana desaparecida nos ataques / terroristas ao World Trade Center”	-----	Comunidade
50		“Os atentados reflectem-se / na economia de New Bedford”	-----	Comunidade
51		Portugal e Europa dão a sua / “solidariedade total” aos EUA”	-----	Portugal
52		“Chefe do Estado-Maior do Exército admite / reforço de meios militares nos Açores”	-----	Açores/Madeira
53		“A Guerra dos Bês”	Eurico Mendes	Portuguese Beat
54		“Osama Bin Laden e Hollywood”		Portuguese Beat
55		“História de / paz e guerra”	Manuel Calado	Crónica
56		“Paul McCartney organiza concerto / a favor das vítimas de N.Y.”	-----	Artes & Espectáculos
57		“Jumanji”	Silvério Gabriel Melo	Escreva Conosco
58	26/12/2001	“Congresso não deu presente / de Natal aos imigrantes / ilegais renovando lei 245i”	-----	1a Pág.
59		“A Guerra ao Terrorismo e a Liberdade / de Expressão na Academia Americana”	Diniz Borges	Crónica
60		“Tempos de Natal”	Manuel Calado	Crónica – Do Tempo e dos Homens...
61		“Virgem de Fátima ajuda / a apanhar bin Laden”	Eurico Mendes	Portuguese Beat
62		“2001 Retrospectiva”	-----	Comunidade
63	02/01/2002	“2001 ano difícil / para imigrantes”	-----	1a Pág.
64		“Repórter na rua”	-----	Rhode Island
65		“Os acontecimentos que fizeram notícia em 2001”	-----	Geral
66		“To be or / not to be”	Eurico Mendes	Portuguese Beat
67		“A manhã que mudou o mundo”		Portuguese Beat
68		“Enquanto há vida...”	Manuel Calado	Crónica – Do Tempo e dos Homens...
69	13/03/2002	“Tragédias do Nosso Tempo”	Manuel Caldo	Crónica – Do Tempo e dos Homens...
70	11/09/2002	“11 de Setembro – Recordando o 11 de Setembro”	-----	Comunidade
71		“Criada a Associação de / Amizade	-----	Portugal

		Portugal / EUA”		
72		“11 de Setembro, o novo Pearl Harbor”	Eurico Mendes	Portuguese Beat
73		“Nas Sombras das Discussões Públicas: A preparação de uma guerra / e a propaganda do Estado”	Diniz Borges	Crónica
74	19/03/2003	“Alerta contra possíveis / atentados terroristas”	-----	Comunidade
75		“Bin Laden no Brasil”	-----	Portuguese Beat
76	10/09/2003	“11 de Setembro, dois anos depois”	Eurico Mendes	Portuguese Beat
77		“O Fim das Férias”	António Botelho de Melo	Crónica – Prosas Correntes
78	17/09/2003	“11 de Setembro - dois anos depois”	Diniz Borges	Crónica
79	17/03/2004	“Terrorismo na Europa – Governo português não está / alarmado com ameaças”	-----	1a Pág.
80		“Brasileiro morre em / atentado em Madrid”	-----	Comunidade
81		“A ‘zapatada’ / de Zapatero”	-----	Portuguese Beat
82	24/03/2004	“Madrid, primeira pergunta contra a cegueira de George W. Bush”	Manuel L. Ponte	Escreva Connosco
83		“A guerra ao terrorismo / e o massacre de Madrid”	Diniz Borges	Crónica
84	08/09/2004	“Onde (de)mora a paz”	João Luís de Medeiros	Crónica
85	22/12/2004	“Natal em New York”	Eurico Mendes	Portuguese Beat
86	13/07/2005	“Sinal dos Tempos”	Manuel Calado	Crónicas – Do Tempo e dos Homens
87		“O Discurso da Inutilidade”	Diniz Borges	Crónicas
88		“Os ‘novos’ portugueses de Londres”	-----	Portuguese Beat
89	20/07/2005	“Policías Políglotas”	-----	Portuguese Beat
90	27/07/2005	“Imigrantes devem agir com muita calma nos tempos que correm”	-----	Comunidade
91	07/09/2005	“A Revolta da Natureza”	Manuel Calado	Crónicas
92		“Portugueses em New Orleans”	Eurico Mendes	Portuguese Beat
93	14/09/2005	“Lembrança do 11/09”	-----	Portuguese Beat

ANEXO III

De Nova Iorque a Londres: breve cronologia

2001

EUA

11 de Setembro de 2001

Nova Iorque, NY

8:46: O voo número 11 da American Airlines, realizado por um avião Boeing 767-200, chocou contra a parte norte da Torre Norte do WTC.

9:02: O voo número 175 da United Airlines, um Boeing 767-200, embateu contra a Torre Sul do WTC.

Arlington, VA

9:37: O voo número 77 da American Airlines, um Boeing 757-200, chocou contra o Pentágono.

Shanksville, PA

10:03: O voo número 93 United Airlines, um Boeing 757-200, despenhou-se num campo no sudoeste da Pensilvânia perto da cidade de Shanksville, localizada a cerca de 240 km. a noroeste de Washington, D.C.

7 de Outubro de 2001: Início da guerra dos EUA contra o Afeganistão.

30 de Maio de 2002: Fim dos trabalhos de busca em Ground Zero⁵¹⁵.

20 de Março de 2003: Início da guerra dos EUA contra o Iraque.

29 de Outubro de 2004: Usama Bin Laden assume envolvimento directo seu e da Al-Qaeda nos ataques.

⁵¹⁵ In: <http://archives.cnn.com/2002/US/05/30/rec.wtc.cleanup/> (consulta em 14/10/2005)

2004

Madrid, Espanha

11 de Março de 2004

7:37 – Uma bomba explode num comboio perto da estação de Atocha.

7:38 – Duas explosões no mesmo comboio perto da estação de Atocha.

7:38 – Duas bombas explodem numa carruagem de um comboio na estação de El Pozo e uma outra bomba na estação de Santa Eugenia.

7:39 – Quatro explosões num outro comboio a 500 metros de Atocha.

13 de Março de 2004: Os ataques são reivindicados pela Al-Qaeda.

2005

Londres, Reino Unido

7 de Julho de 2005

8:50 – Três bombas explodem, num espaço de 50 segundos entre cada uma, em três metropolitanos do metropolitano de Londres: a primeira bomba atingiu o metro número 311, de King's Cross St. Pancras para Russell Square (Piccadilly Line); a segunda ocorreu no metro número 204, que fazia o trajecto entre Liverpool St. e Aldgate (Circle Line - Este); a terceira, no metro número 216, que se encontrava em Edgware Road e viajava em direcção a Paddington (Circle Line - Oeste).

9:47 – Uma quarta bomba explode no autocarro de dois andares, número 30, que fazia o trajecto de Marble Arch to Hackney Wick. A explosão ocorreu quando o autocarro se encontrava em Tavistock Square.

1 de Setembro de 2005: Os ataques são oficialmente reivindicados pela Al-Qaeda.